INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Reabilitação do Bairro da Malagueira:
Novas habitações nos lotes vazios

Ana Raquel da Silva Henriques

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador(a):
Doutora Soraya Monteiro Genin, Professora Auxiliar, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):
Doutor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Reabilitação do Bairro da Malagueira:
Novas habitações nos lotes vazios

Ana Raquel da Silva Henriques

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador(a):
Doutora Soraya Monteiro Genin, Professora Auxiliar, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador(a):
Doutor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Reabilitação do Bairro da Malagueira

Novas habitações nos lotes vazios

À minha mãe e ao meu pai que se dedicaram todos os dias à minha felicidade e aos meus objetivos, sendo inalcançáveis enquanto pais, mas acima de tudo enquanto amigos.

À minha prima Mafalda e à minha afilhada Joana por terem estado do meu lado quando mais precisei, dando sempre ótimos conselhos e apoiando-me em tudo.

Um agradecimento especial aos meus orientadores, Doutora Soraya Monteiro Genin e Doutor Pedro da Luz Pinto pela disponibilidade, pela ajuda e pela dedicação ao longo deste processo.

Às minhas colegas de curso pela ajuda incansável ao longo dos últimos 5 anos.

Resumo

A «Reabilitação do Bairro da Malagueira: Novas habitações nos lotes vazios» procura fazer uma análise do Bairro da Malagueira (1977-), projetado pelo arquiteto Álvaro Siza (1933-), incindido nas habitações, em particular as tipologias evolutivas e às habitações nos lotes mistos, também comerciais. O trabalho tem 4 capítulos: 01. Álvaro Siza – pretende dar a conhecer o arquiteto e os seus princípios de projeto; 02. A grande escala: O Bairro da Malagueira – pretende contextualizar o bairro historicamente e morfologicamente; 03. A pequena escala: As habitações – estuda as várias tipologias evolutivas dos lotes residenciais e as tipologias dos lotes mistos de comércio e habitação no piso superior; 04. O projeto – neste capítulo apresentam-se as propostas de habitação para os lotes vazios respondendo às necessidades atuais do bairro.

Esta análise tem como base de investigação vários esquissos do arquiteto, os desenhos de projeto existentes nos arquivos da Câmara Municipal de Évora e *Drawing Matter Online*, visitas ao local e leitura bibliográfica incluindo textos de Siza e teses de doutoramento. O trabalho pretende atender à necessidade de habitação existente na Malagueira, Évora e no país através da utilização de vários lotes vazios no bairro.

Palavras-Chave: Álvaro Siza, Bairro da Malagueira, Habitação evolutiva, Tipologias, Reabilitação, Lotes vazios.

Abstract

The «Rehabilitation of the Malagueira Neighborhood: New housing on empty lots» seeks to analyze the Malagueira Neighborhood (1977-), designed by architect Álvaro Siza (1933-), focused on housing, in particular the evolutionary typologies and housing on the mixed lots, also commercial. The work has 4 chapters: 01. Álvaro Siza – intends to make the architect and his design principles known; 02. On a large scale: The Malagueira Neighborhood – intends to contextualize the neighborhood historically and morphologically; 03. On a small scale: Housing – studies the various evolutionary typologies of residential lots and the typologies of mixed commercial and residential lots on the upper floor; 04. The project – this chapter presents housing proposals for empty lots responding to the current needs of the neighborhood.

This analysis is based on several sketches by the architect, project drawings in the Évora City Council archives and Drawing Matter Online, site visits and bibliographical reading including texts by Siza and doctoral theses. The work intends to meet the need for housing in Malagueira, Évora and the country using several empty lots in the neighborhood.

Keywords: Álvaro Siza, Malagueira Neighborhood, Evolutionary housing, Typologies, Rehabilitation, Empty lots.

Índice

I. Glossário de Siglas **15**

II. Introdução **18**

01. Álvaro Siza **25**

Lugar 26

Desenho 30

Forma 32

Detalhe 34

Conclusão 37

02. A grande escala: O Bairro da Malagueira **39**

Contexto histórico 40

O Plano de Pormenor 44

Conclusão 53

03. A pequena escala: As habitações **55**

Lotes residenciais e tipologias 57

Habitações evolutivas 66

O sistema construtivo 88

Habitações em lotes comerciais 104

Conclusão 109

04. O Projeto **111**

Análise de alterações: lotes vazios 112

A grande escala 119

A pequena escala 122

III. Conclusões Finais **141**

IV. Indíce de Figuras **145**

V. Bibliografia **151**

VI. Anexos **155**

I. Glossário de Siglas

DORU – Divisão de Ornamento e Reabilitação Urbana.

DGU – Divisão de Gestão Urbanística.

CME – Câmara Municipal de Évora.

SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local.

FFH – Fundo de Fomento da Habitação.

DGSU – Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização

RGEU – Regulamento Geral das Edificações Urbanas.

01 Ortofotomapa de Évora. 2023. Autora através Google Earth.

II. Introdução

O objeto de estudo desta investigação é o Bairro da Malagueira (1977-), projeto desenhado pelo Arquiteto Álvaro Siza (1933-) e premiado no estrangeiro em 1988 pela *Harvard University Graduate School of Design – Prince of Wales Prize in Urban Design*. A obra encontra-se em processo de candidatura a Património Mundial da Unesco.

Situa-se em Évora, mais propriamente na freguesia da Malagueira e Horta das Figueiras. Trata-se de um bairro construído após a revolução do 25 de abril de 1974, numa altura em que «a cidade de Évora tinha falta de habitação disponíveis» (SANTOS, 2017: 010), e assim o plano do arquiteto Siza teve como principal preocupação resolver os problemas de habitação social na região.

Este trabalho de Projeto Final de Arquitetura tem como principal objetivo atender à necessidade de construção de habitação por todo o país, nomeadamente em Évora, através da reabilitação dos lotes que se apresentam vazios atualmente. Dedicou-se especial atenção a 4 lotes que, segundo o Plano de Pormenor, estavam inicialmente atribuídos a comércio. É colocada a hipótese de serem transformados em lotes habitacionais devido aos espaços persistirem devolutos e à atual alteração de uso que se observar nos lotes comerciais.

02 Rua do Chiado, Bairro da Malaguiera. 2022.
Fotografia da autora.

Para iniciar o trabalho de projeto foi feito um estudo coletivo de grupo sobre cinco obras da autoria do arquiteto Álvaro Siza: o Bairro da Malagueira, a Escola Superior de Setúbal, a reconstrução do Chiado, o Pavilhão de Portugal e Adega de Campo Mayor. Em conjunto, a turma visitou o Chiado, a Escola Superior de Setúbal e o local a intervir: o Bairro da Malagueira. Este trabalho de campo e de investigação deu origem a dois cadernos elaborados por todos os elementos da turma – «01: Aprender com o Siza» que contém a análise dassas obras, exceto o Bairro da Malagueira, que é contemplada num único caderno «02: O Bairro da Malagueira». Os cadernos foram complemento dos trabalhos do projeto de investigação «ATLAS de Siza: colmatar lacunas no Património Mundial», que originou o tema dos trabalhos desenvolvidos pela turma.

Neste trabalho recorreu-se a metodologias diversas e complementares, desenvolvidas em diversas fases. Desenvolveu-se a leitura bibliográfica de vários textos do arquiteto, de livros, de teses e de entrevistas elaboradas por outros autores aos intervenientes no projeto.

Decorreu uma visita ao bairro entre 17 e 19 de novembro de 2022, onde foi feito trabalho de campo em grupo. Decidiu-se a área de estudo, analisou-se vários dados e foram identificados e mapeados: Mapa dos Espaços Públicos; Mapa

dos Estacionamentos e Mobilidade; Mapa das Redes Viárias e Pavimentos do Bairro; Mapa dos Transportes Públicos; Mapa da Conduta; Mapa dos Lotes Comerciais; Mapa dos Lotes Comerciais convertidos em Habitação; Mapa dos Serviços do Bairro; Mapa de alteração dos Vãos; Mapa de alteração das Fachadas; Mapa de alteração do pátio; Mapa do Estado de conservação do espaço público; Mapa do Estado de conservação das habitações. Todos estes mapas estão disponíveis no segundo caderno de turma «02: O Bairro da Malagueira».

Após o trabalho de campo, iniciou-se a visita aos arquivos onde foi feita a recolha de informação existente na Câmara Municipal de Évora – mais concretamente da DORU e DGU – analisando-a posteriormente, em conjunto com a análise das informações obtidas nas referências bibliográficas e nas entrevistas disponíveis *on-line*.

O estudo mais aprofundado das habitações foi pertinente para o presente trabalho. Permitiu adquirir conhecimento sobre os princípios tipológicos do bairro, dos materiais e do sistema construtivo dos edifícios. Para além das habitações, analisaram-se os espaços comerciais onde também existe habitação no piso superior. Após esta análise, fez-se a identificação dos lotes vazios com possibilidade de construir habitação.

03 Anfiteatro, Bairro da Malagueira. 2022. Fotografia da autora.

Existe um conjunto de teses e publicações sobre o tema da habitação da Malagueira.

A publicação «Álvaro Siza: Barrio de La Malagueira» de Enrico Molteni, de 1997, centra-se no módulo habitacional de forma geral.

A tese «Customizing Mass Housing: A Discursive Grammar for Siza's Malagueira Houses» de José Pinto Duarte, de 2001 debruça-se sobre o processo de fabricação digital de habitação personalizada em massa com base em tecnologias assistidas por sistemas de design e de produção computadorizadas.

A publicação «Bairro da Malagueira de Siza Vieira» de Mário Gomes, de 2016, debruça-se sobre os «fatores de apropriação e construção identitária em torno das casas» (GOMES, 2016) do caso de estudo – o Bairro da Malagueira – e apresenta 4 hipóteses numa tentativa de explicar como a habitabilidade influência a arquitetura urbana.

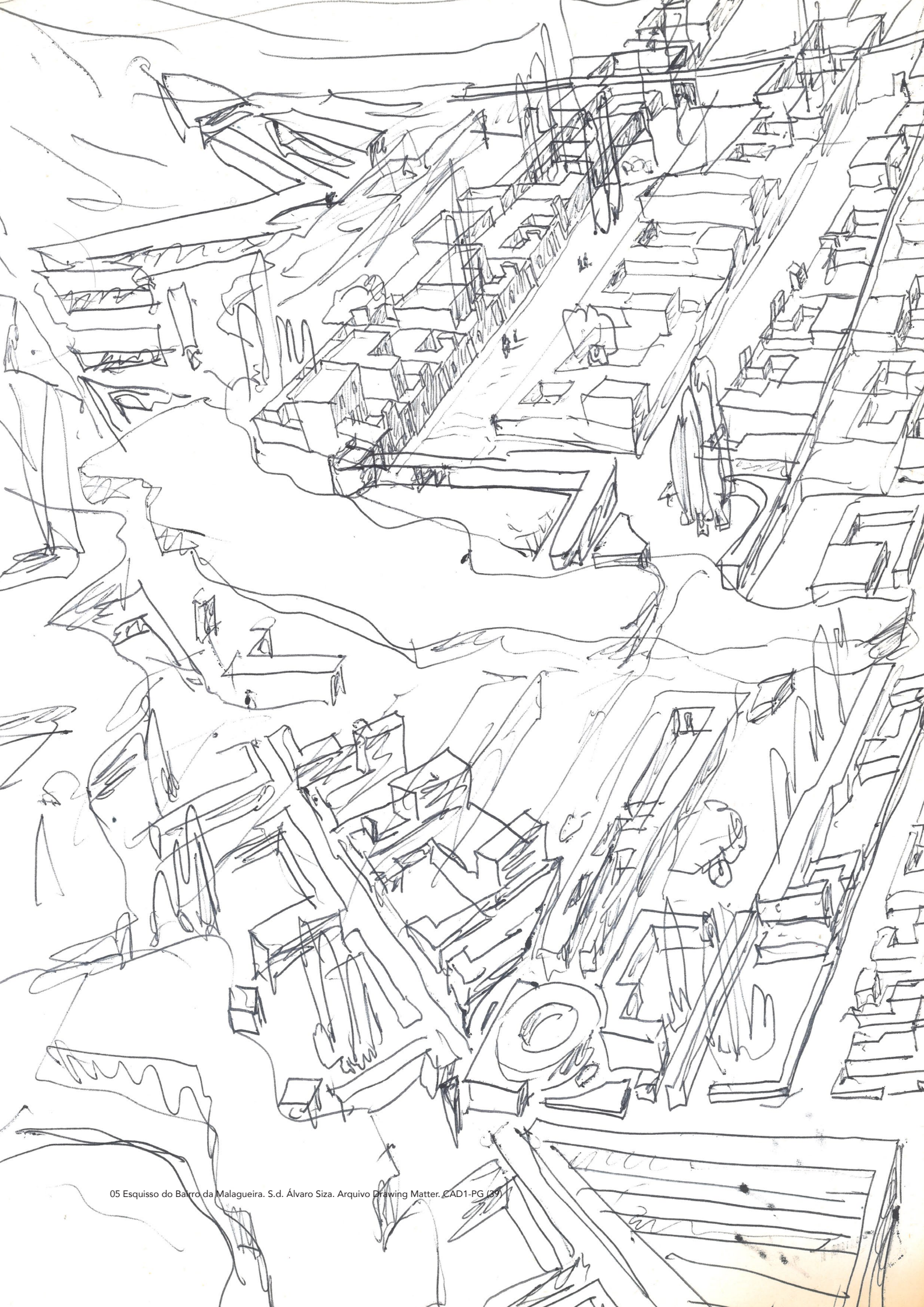
Por fim, a tese «A Malagueira como nunca o foi» de João Galhardo dos Santos, de 2017, tem como objetivo entender os vários equipamentos do bairro.

Este trabalho, à distinção dos consultados, é a apresentação

de proposta de reabilitação para o bairro e em particular de 4 lotes vazios, respeitando os princípios de projeto de Álvaro Siza e respondendo em simultâneo às necessidades atuais de habitação. Acrescenta ainda uma nova forma de olhar para as habitações do projeto de Siza, registando as alterações que ocorreram no projeto habitacional cronologicamente e reúne informação sobre os lotes comerciais.

Este trabalho oferece uma análise do Plano de Pormenor do arquiteto Siza, centrada na evolução tipológica de habitação e de que forma evoluíram ao longo dos 28 anos em que o projeto esteve em execução. Perceber-se como é que as habitações estão dispostas neste terreno de 27 hectares e estuda-se de forma detalhada todas as tipologias - a nível espacial, estrutural e material. Assim é proposta a construção de novas tipologias em lotes vazios, adaptadas às tipologias originais.

04 Vista aérea do Bairro da Cruz Picada e Escusa Sacos. S.d. Associação de moradores da Malagueira.



05 Esquisso do Bairro da Malagueira. S.d. Álvaro Siza. Arquivo Drawing Matter. CAD1-PG (39)

01

Álvaro Siza

Álvaro Siza nasce em 1933, em Matosinhos, no norte de Portugal. Forma-se em Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes, no Porto em 1955. No ano em que conclui o curso, inicia a sua carreira profissional no atelier do arquiteto Fernando Távora, uma influência notável na sua formação (BELÉM, 2012: 7). É hoje uma das grandes referências na arquitetura, tanto a nível nacional como mundial, e foi galardoado com o Prémio Pritzker em 2012 e muitos outros prémios, vários *Doutor Honoris Causas* em diversas universidades do mundo.

Neste capítulo são apresentados 4 princípios de projeto do arquiteto Siza. São postos em perspetiva numa tentativa de os entender através das suas obras.

Lugar

Álvaro Siza é um viajante e relata as narrativas que observa nas cidades através do desenho. Na sua visão, «a Arquitectura não acaba no papel. Habita o espaço e contém espaço. Está mais próxima da Música do que da Pintura.» (SIZA, 1995: 164).

Viajou para diferentes cidades com todo o tipo de culturas como Lausanne, Veneza, Nápoles, Palermo, Madrid, entre muitas outras. Nos seus discursos, fala sobre as cidades e sobre aquilo que o fascina nelas. Refere as suas diferenças culturais e como a forma como são habitadas funciona para cada uma delas. Utiliza o exemplo de Veneza e Nápoles, duas cidades italianas, com duas formas de habitar distintas.

Em 2014, num dos seus textos, Siza refere que Le Corbusier é «o arquitecto que sonhava uma cidade nova feita para o homem livre.» (SIZA, 2004: 309). Esta referência é importante, principalmente para «a utopia construída sobre o fascínio de Veneza [que] estará na origem da ideia moderna […] de pedonização de partes da cidade.» (SIZA, 2004: 310). Para Siza a ideia desta cidade cada vez mais pedonal não se adequa a muitas outras, como é o exemplo de Nápoles, que é por vezes citada como caótica. Mas «esse suposto caos é a essência do ambiente da cidade sem acidentes.» (SIZA, 2004: 310), ou seja, todos os transportes mecânicos são «amigos do homem, um complemento ao qual se diz bom dia» (SIZA, 2004: 310). Esta

diferença enorme entre estes dois exemplos dá-se pela forma como o conjunto populacional de cada uma vive. Afinal não somos todos iguais, e a maneira como vivemos influência a construção da cidade, tanto quanto a forma como vivemos é influenciada pela cidade onde habitamos.

Não só as cidades são habitadas, mas também os projetos que nelas se desenham. No seu projeto do Chiado, Siza refere que «para se falar em habitação, foi necessário melhorar as condições de salubridade. Sobretudo os edifícios do lado poente da rua do Carmo, tinham atrás um muro de suporte da escola Veiga Beirão, esta grande diferença de nível. E um pátio, reduzido a quase nada. Portanto é necessário reduzir a dimensão, a profundidade das casas, maneira haver ventilação transversal, luz, boas condições de vida.» (SIZA, 1990). E no seu projeto do Pavilhão de Portugal refere que «As linhas simples do pavilhão podem pressupor alguma frieza. Já me aconteceu acabar um edifício e ser acusado disso. Ora, um edifício faz-se para ser habitado: pessoas, móveis, cortinas, tapetes. Tem de haver espaço de manobra para o utilizador imprimir o seu cunho. O edifício tem de estar preparado para isso, para ser vivido.» (SIZA apud. AFONSO, 1998).

No projeto do Pavilhão de Portugal, Siza diz que «a escolha da cor e do material na parede interior da Praça Cerimonial não

foi simples. Estou muito interessado no azulejo há uns tempos, prende-se com o meu interesse pelo desenho e, por isso, achei que neste caso era um material a utilizar. O azulejo é um material que está ligado à história da cidade de Lisboa, mas apresenta hoje dificuldades.» (SIZA apud. AFONSO, 1998).

No projeto do Bairro da Malagueira, Siza diz que «a malha que propõe, sem deixar de manter eixos referenciais, acomoda-se à topologia do terreno, diluindo a rigidez euclidiana, até se plasmar nas curvas de nível, até se misturar aos caminhos naturais do território, até se integrar na cidade histórica ou no bairro clandestino!» (SIZA apud. GOMES, 2013)

Os materiais são elementos que nascem da natureza, mesmo passando por processos de transformação, tudo aquilo que os constitui partiu daquilo que nos rodeia. Assim, é importante sabermos adequar estes tipos de materiais à sua envolvente. Como diz Siza «a construção faz Natureza» (SIZA, 2018: 33), e a natureza faz a construção pois é um polo de dois lados, que estão conectados entre si.

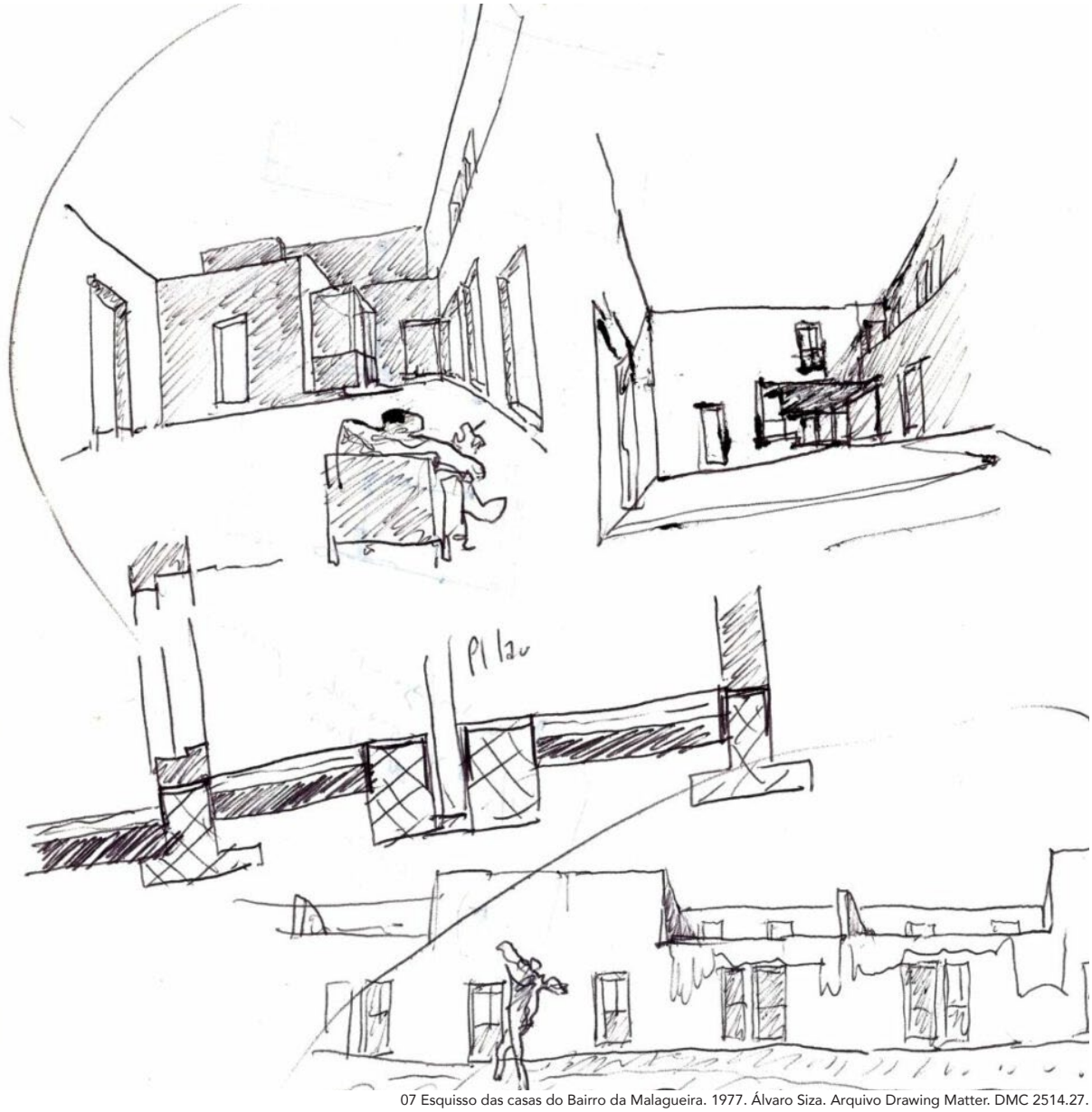
A ideia de que todos os materiais são produzidos através da natureza, mesmo que pela mão do homem através de maquinarias, é um conceito que pode ser transformador na forma como o arquiteto projeta. A integração na envolvente

é um fator imprescindível para a arquitetura e é importante entender que a natureza faz parte não só da envolvente do projeto, mas também da sua construção.

06 Chiado. 2022. Fotografia da autora.

Desenho

O desenho permite pensar sobre aquilo que projeta para o papel de uma forma fluida, mas também séria. Esta capacidade de absorver aquilo que vemos com os nossos olhos e transpor para uma folha em branco é o que ajuda o arquiteto na sua capacidade de pensamento sobre a arquitetura. Para Siza, a construção de um projeto e de ideias é mais do que simplesmente pensar, é necessário transpor para o papel, para que essas mesmas ideias se tornem vivas e realistas de uma certa forma. «O desenho é o desejo da inteligência» (SIZA, 2009: 26) e persegue o projeto de uma maneira um tanto obstinado. Só assim «o projecto ganha vida própria.» (SIZA, 2009: 25) O desenho surge da necessidade de compreender o pensamento, e na mesma lógica, organizá-lo. Mas também é uma ferramenta que para Siza traz felicidade, principalmente em viagens, onde ele dedica parte do seu tempo a entender as cidades através do olhar e da tinta no papel.



07 Esquisso das casas do Bairro da Malagueira. 1977. Álvaro Siza. Arquivo Drawing Matter. DMC 2514.27.

Forma

Álvaro Siza sonhava em ser escultor, e o seu interesse claro pela escultura é refletido pela forma. Não só isto é claro, como a capacidade de compreender o espaço também é uma das suas características fundamentais para ser o arquiteto que é.

Podemos dizer que parte da arquitetura é a forma. Mas de que maneira é que se ganha a forma? Segundo Siza «a Forma definitiva surge como resposta a exigências precisas – e por isso temporárias – na condição de, servindo-as, delas se libertar (aparente contradição que deve dominar o desenvolvimento de um projecto).» (SIZA, 2018: 15), ou seja, a forma deriva do ambiente que a rodeia tendo sempre em consideração que o ambiente se altera e consequentemente a forma necessita de ser autónoma à envolvente, ainda que esteja inteiramente ligada a ela.

No projeto do Pavilhão de Portugal, Siza refere que «a pala esteve em vários lados e é o resultado de uma série de conversas sobre outros aspetos do funcionamento do recinto da Expo'98 e das sugestões que me foram feitas pelos engenheiros, os homens das estruturas. […] Foi com eles que fiz várias experiências até se encontrar a fórmula ideal, aquela que dá uma imagem apropriada às funções do edifício (pavilhão do país anfitrião) e, ao mesmo tempo, não constrangedora em relação a um sector da cidade em funcionamento normal» (SIZA apud. AFONSO,

1998).

08 Pavilhão de Portugal. 2003. Fotografia de Gabriele Basílico. PT-AMLSB-BSL-000005

Detalhe

Siza é um observador. Analisar a maneira como as cidades são vividas e os detalhes dos edifícios são um outro tema do qual expressa grande interesse através dos seus textos e desenhos. Passagens como «amo essas portas enormes e sólidas, as mãos que as trespassam, em ferro fundido, crispadas, enegrecidas pelas nossas, quando em glória assinalamos a presença» (SIZA, 1995: 151) ou «os rebocos desfeitos que revelam tijolo, cimentos desiguais, pedras recuperadas, capiteis e pilastras sobrepostos ao acaso, fundidos aos outros materiais.» (SIZA, 1995: 151), demonstram esta maneira inteligente de contemplar a cidade, retirando dela informações pertinentes de como é possível viver espaços com determinadas características espaciais com o intuito de aprender mais, aumentando a cultura arquitetónica.

Na reconstrução do Chiado, Siza refere que «O projeto lança de novo a ideia da gaiola, agora em betão e recupera todas as fachadas que foram poupadas pelas chamas. Além disso foram reconstruídas portas, cimalhas e cornijas, restituindo-as às suas condições originais. As alterações foram introduzidas somente quando era necessário melhorar o conforto. Para garantir o isolamento térmico foram utilizadas por exemplo duas janelas em sucessão, conservando assim os delicados perfis das janelas existentes.» (SIZA, 2000). Após o incêndio que ocorreu no Chiado, o projeto de Siza passou pela reconstrução do mesmo. Foi importante manter as características pré-existentes no local,

sublinhado os detalhes como as portas, as cimalhas e as cornijas.

09 Interseção de materiais no Jardim dos Socalcos, Bairro da Malagueira. 2022. Fotografia da autora.

10 Escola Superior de Setúbal. 2022. Fotografia da autora.

Conclusão

Os 4 temas aqui apresentados – lugar, desenho, forma e detalhe – estão de maneira muito explícita todos conectados. São 4 dos vários princípios de projeto de Siza e refere-os nos seus textos, esquissos e em projeto.

Todos eles demonstram de que forma é possível olhar para a arquitetura e conclui-se que estas são etapas importantes para a obtenção de conhecimento arquitetónico.

11 Rua do Chiado e Jardim do Lago, Bairro da Malagueira. 2022. Fotografia da autora.

02

A grande escala: O Bairro da Malagueira

O objeto de estudo – o Bairro da Malagueira – é um projeto da autoria do arquiteto Álvaro Siza e foi projetado durante o período de 1977 e 2005.

Neste capítulo são analisados a história do bairro e o Plano de Pormenor de Siza. O objetivo é contextualizar ambos os temas com o intuito de expandir o conhecimento sobre o bairro.

Contexto histórico

O Bairro da Malagueira foi projetado no seguimento do Plano de Expansão Oeste de Évora, numa «zona muito ampla fora das muralhas da cidade de Évora [que] foi destinada […] a uma Associação de Moradores» (SIZA, 2012: 105).

Trata-se de um bairro social construído após a revolução do 25 de abril de 1974, onde o plano do arquiteto Siza teve como principal preocupação resolver os problemas de habitação na região, visto que a cidade de Évora nesta época apresentava escassez de habitação.

A zona em questão foi «classificada em Setembro de 74 como de expansão prioritária, e para a qual foi elaborado por Técnicos da Direção-Geral dos Serviços de Urbanização um estudo urbanístico, aprovado em Novembro de 75» (DORU, 1977)[1]. Este estudo já tinha sido iniciado com a construção do Bairro da Cruz da Picada, casas financiadas pelo Fundo de Fomento da Habitação, que são edifícios em altura. Este plano pensado para toda a zona da Malagueira foi revogado pela Câmara Municipal de Évora. Assim, o arquiteto Siza foi chamado pela CME para trabalhar num novo plano para a área de intervenção.

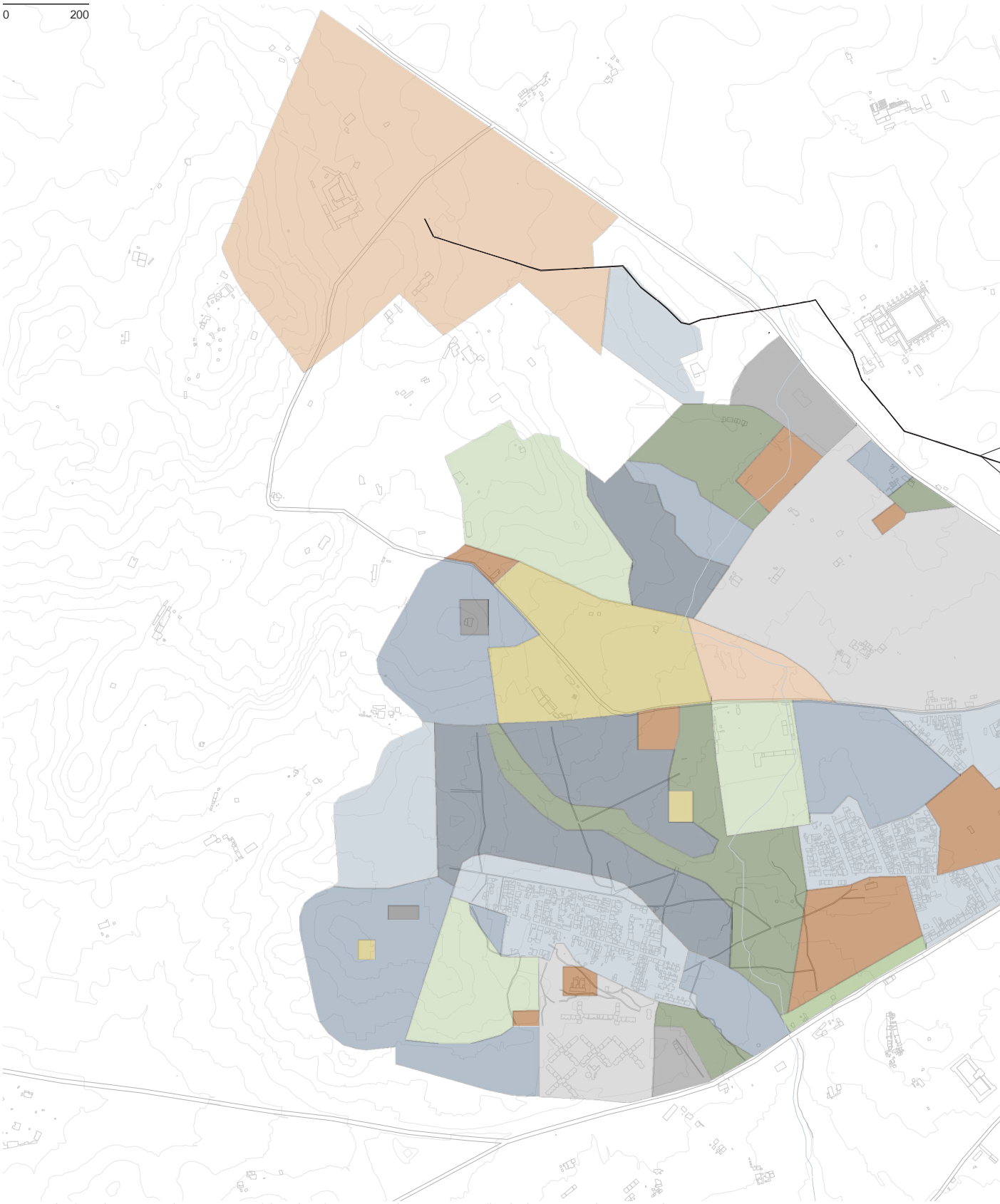
1 Plano de pormenor de uma área de 27 Ha integrada no Plano de Expansão Oeste de Évora: Estudos Preliminares – Memória descritiva. DORU. Processo 223, caixa 1. [Consultado em 05 de dezembro de 2022]

12 Vistas aéreas. 1988. Fotografia de Roberto Collovà.

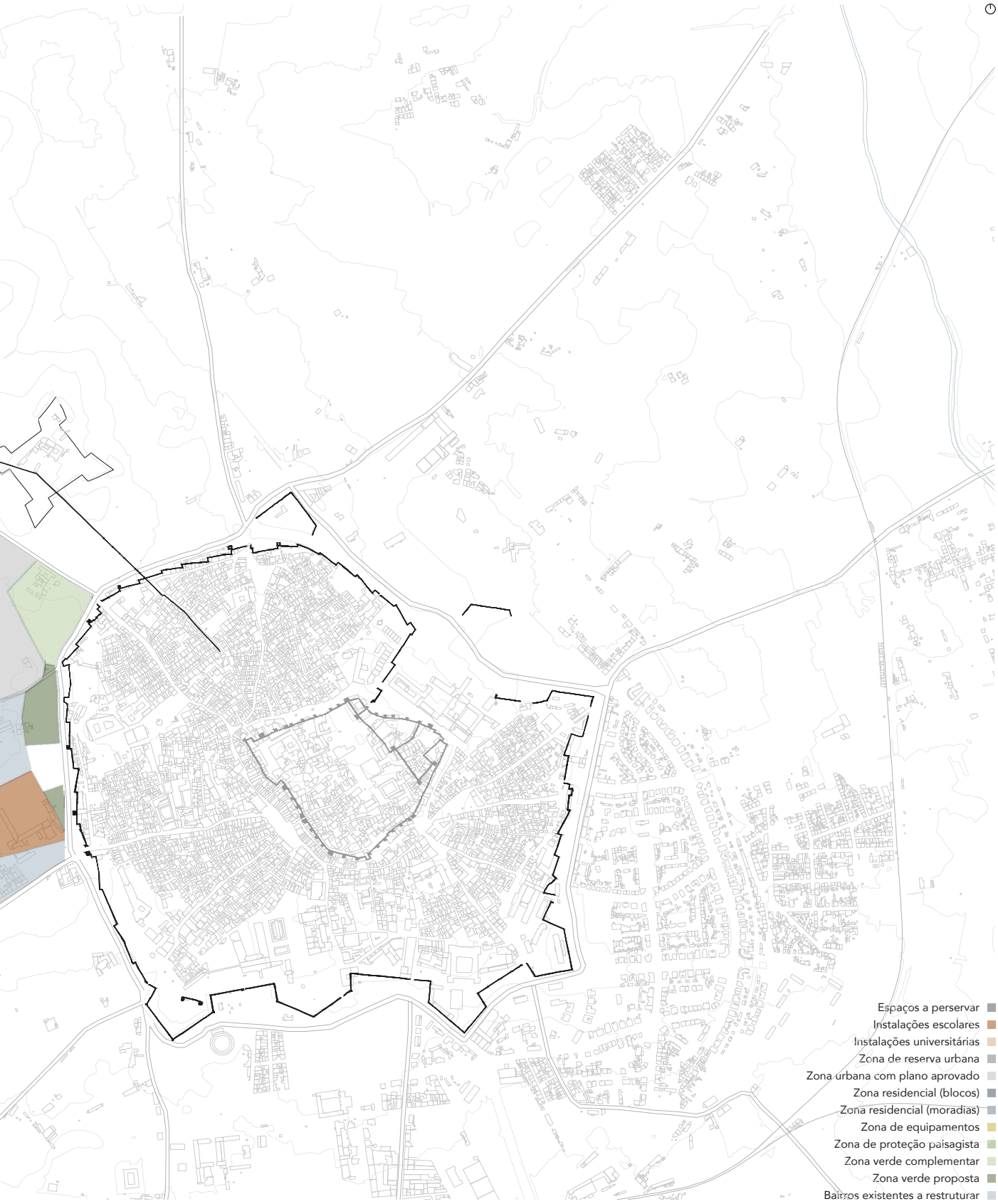
A encomenda que a câmara fez a Siza após este ter aceitado o projeto era muito clara segundo o arquiteto. As características fundamentais do plano de Expansão do Oeste (Figura 13) foram mantidas, alterando a densidade de doze mil habitações para para mil e duzentas. Mantiveram-se também os espaços verdes previstos no plano original, que acompanham a linha de água pré-existente. As construções das habitações vão no máximo até dois pisos. Os esquemas viários propõem uma maior fluidez e diluição do trânsito através de uma distribuição de vias mais eficientes e também bem apoiada com estacionamento periférico. E por fim, a articulação entre a cidade antiga e a expansão, integrando o Bairro de Santa Maria, o Bairro da Nossa Senhora da Glória, o Bairro das Fontanas e o Bairro da Cruz Picada (DORU, 1977[2]).

O plano do Bairro da Malagueira abrange 27 hectares e é apenas uma área que se insere no plano da DGSU.

2 Plano de pormenor de uma área de 27 Ha integrada no Plano de Expansão Oeste de Évora: Estudos Preliminares – Memória descritiva. DORU. Processo 223, caixa 1. [Consultado em 05 de dezembro de 2022]



13 Mapa do Plano de Expansão do Oeste. 2023. Elaborado pela autora com base em João Galhardo dos Santos e documentos de arquivo (Anexos A, B, C e D).


Espaços a perservar
Instalações escolares
Instalações universitárias
Zona de reserva urbana
Zona urbana com plano aprovado
Zona residencial (blocos)
Zona residencial (moradias)
Zona de equipamentos
Zona de proteção paisagista
Zona verde complementar
Zona verde proposta
Bairros existentes a restruturar

O Plano de Pormenor

Álvaro Siza chegou a Évora a 18 de março de 1977 para realizar a sua primeira visita aos 27 hectares onde se destinava a construção do Bairro da Malagueira. Recusou o carro e preferiu fazer o primeiro percurso a pé e mais tarde de avioneta. Registou em desenhos e textos tudo o que observou.

Na zona de intervenção «sucedem-se como sempre as aparições» (SIZA, 2018: 164) como uma árvore isolada que Siza considera uma «escultura protetora poisada no verde ou na terra queimada do Alentejo» (SIZA, 2018: 164), surge uma pedra, uma pessoa de etnia cigana que passa «pisando o caminho que pés sensíveis e inteligentes traçaram» (SIZA, 2018: 164), surgem rochas que servem como assentos junto a uma linha de água, surgem casas, muitas delas habitações brancas com «uma cor em torno dos vãos, pátios verdes escondidos» (SIZA, 2018: 164). O estudo prévio ao local de intervenção foi um passo importante para iniciar o projeto e a construção do bairro.

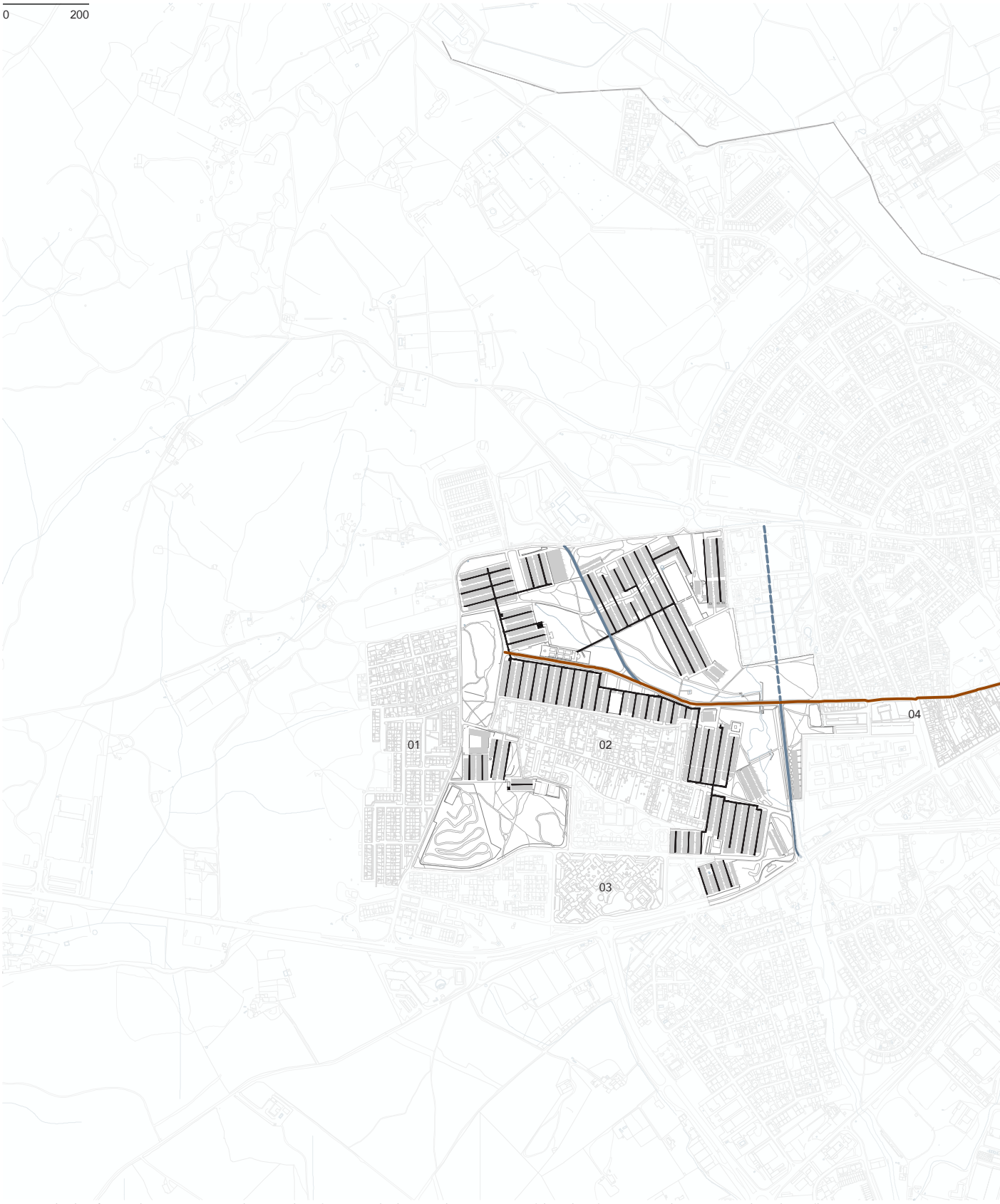
A estratégia passou pelo prolongamento do centro histórico da cidade, operando como um polo gerador, mas nunca com a intenção de ser um ponto de combate ao centro histórico (LOPES apud. SANTOS, 2017: 234). A proposta do bairro teve como ponto de partida os vários bairros clandestinos previamente contruídos na região – o Bairro de Santa Maria, o

14 Vistas aéreas. 1991. L'Architecture d'Aujord'hui. n°278.

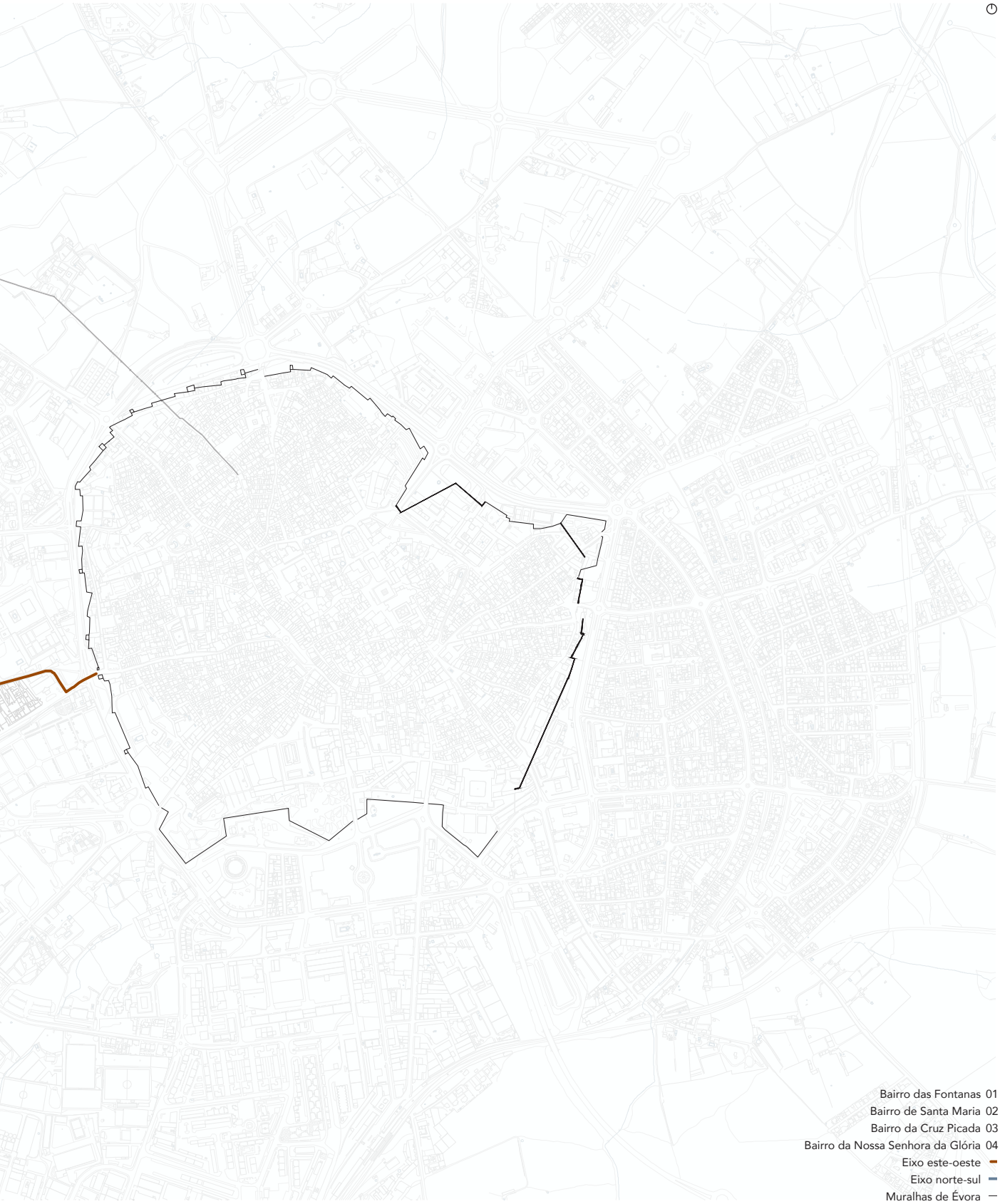
Bairro das Fontanas e o Bairro da Nossa Senhora da Glória – e também o Bairro da Cruz Picada que foi o início do projeto para o Plano de Expansão do Oeste.

A ideia de Siza, num ponto de vista da sectorização e à semelhança da cidade antiga de Évora, foi fazer um plano contínuo onde a habitação, o comércio e os equipamentos não fossem elementos distintos, fazendo parte de um todo que é o projeto (SIZA apud. GOMES, 2017: 38, 39).

«Para a definição de estruturação do plano, criando a hierarquização de arruamentos, foi essencial o traçado de dois eixos perpendiculares: o eixo Este-Oeste, que liga o bairro à Porta de Alconchel, na muralha, e o eixo Norte-Sul, que se estende até à estrada que faz ligação de Évora a Lisboa. Do eixo Este-Oeste nascem diversos arruamentos que formam a geometria interna do bairro.» (HENRIQUES e JESUS e BARATA, 2023) Seguem as direções dos eixos dos bairros clandestinos, integrando-se. O conjunto eixo Este-Oeste, o eixo Norte-Sul, os arruamentos secundários e a conduta das infraestruturas, também fulcral no plano, constituem o esqueleto do projeto, criando as malhas urbanas para a inserção dos edifícios, as habitações, os serviços e os equipamentos (Figura 15).



15 Mapa da identificação dos eixos principais do Bairro da Malagueira e dos bairros adjacentes. 2023. Elaborado pela autora com base no mapa de Pedro Guilherme.


Bairro das Fontanas 01
Bairro de Santa Maria 02
Bairro da Cruz Picada 03
Bairro da Nossa Senhora da Glória 04
Eixo este-oeste
Eixo norte-sul
Muralhas de Évora

Um aspeto muito próprio do projeto é a infraestrutura aérea, denominada de conduta, que está destinada às redes de águas, eletricidade, telefones, gás e televisão. É uma infraestrutura elevada à altura das coberturas (SIZA, 2012: 117) e segue pela Avenida da Malagueira, a principal do bairro, ramificando-se pelas vias secundárias dos vários blocos habitacionais. É um elemento forte na paisagem e estabelece uma relação visual entre o Bairro da Malagueira e o centro histórico de Évora, relacionando-se com o aqueduto da cidade (SIZA, 2012: 117).

As infraestruturas ficaram a cargo do Estado porque «(…) se tratava de uma construção social, e o estado tinha programas de apoio social (…) A construção das casas, por sua vez, ficou a cargo das cooperativas de habitação, privados e câmara — três proprietários, cada um com a sua parte.» (FERNANDES apud. SANTOS, 2017: 231). Inicialmente, o plano não previa a construção de uma conduta aérea o que fez com que houvesse um aumento dos custos de construção. Por consequência, a conduta sofreu alguns congestionamentos porque o governo não aprovou inicialmente o projeto da conduta, isto porque se considerava que «a proposta era demasiado cara e que, por isso, não era viável» (FERNANDES apud. SANTOS, 2017: 231). Após os intervenientes no projeto fazerem as contas, chegou-se à conclusão de que «a diferença não era assim tão grande – tratava-se apenas de uma pequena diferença, não substancial.»

16 Garagens, Bairro da Malagueira. Autora. 2022.

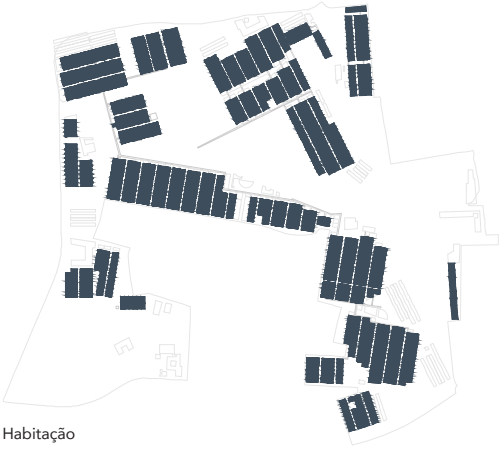
(FERNANDES apud. SANTOS, 2017: 231). Assim, convenceram o estado «de que se tratava de um projecto que, no futuro, seria muito económico do ponto de vista da conservação e da manutenção.» (FERNANDES apud. SANTOS, 2017: 231).

O plano foi desenhado com o intuito do bairro não ser apenas habitacional. Foram desenhadas e construídas lojas comerciais ao longo da conduta, e desenhados vários equipamentos que nunca chegaram a ser construídos porque não houve financiamentos por parte das entidades, pois o que foi encomendado a Siza foi um bairro social e todo o financiamento foi para a construção das habitações e das estruturas aéreas.

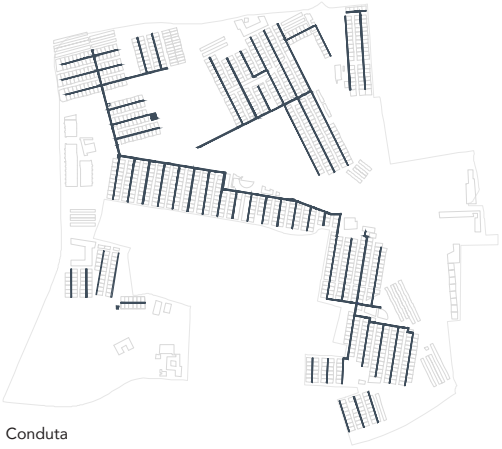
Os equipamentos desenhados foram um aparthotel, uma clínica médica, a Sede da Cooperativa da Boa Vontade, uma escola de línguas, os espaços comerciais da Broadway, a Semicúpula, a Junta de Freguesia, o restaurante/casa de chá e um ainda conjunto de 20 habitações com tipologia especial T4 (subtipo Z). Estes equipamentos tornariam o bairro completo na sua integra, onde o Plano de Pormenor de Siza faria sentido, sem vazios imensos, não sendo o bairro apenas um lugar para habitar, mas também para ser vivido.

17 Plano de Pormenor de Siza. 1977. Fornecido por João Galhardo dos Santos.

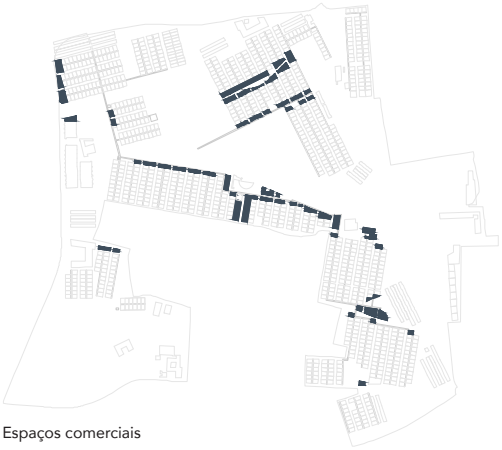
LEGENDA
HABITAÇÃO
EQUIPAMENTO E COMÉRCIO
1 GARAGENS
2 COMÉRCIO
3 ORQUESTRA DE ACORDEONS DE ÉVORA - ESCOLA DE MÚSICA
4 APPACDM - RESIDÊNCIA PARA DEFICIENTES
5 MONTE DA MALAGUEIRINHA
6 VIVEIRO MUNICIPAL
7 CENTRAL DE TELEDISTRIBUIÇÃO
8 CÚPULA - PRAÇA COBERTA
9 CRECHE
10 CENTRO PAROQUIAL
11 ESCOLA PRIMÁRIA
12 ESCOLA SECUNDÁRIA
13 COOPERATIVA BOA VONTADE - SEDE
14 APARTHOTEL
15 CENTRAL DIGITAL - TELEFONES
16 CASA DA SOBREIRA
17 PARQUE INFANTIL
18 COOPERATIVA GIRALDO SEM PAVOR - SEDE
19 PISCINAS MUNICIPAIS
20 RESTAURANTE



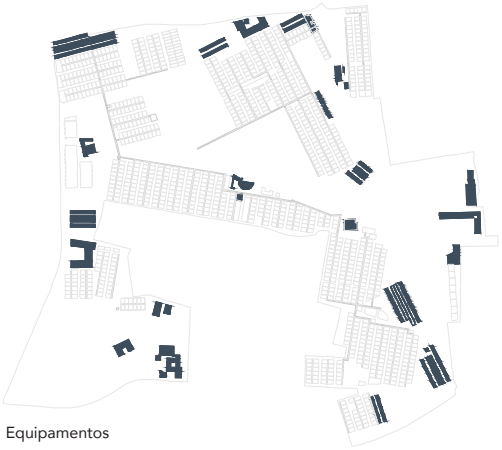
Habitação



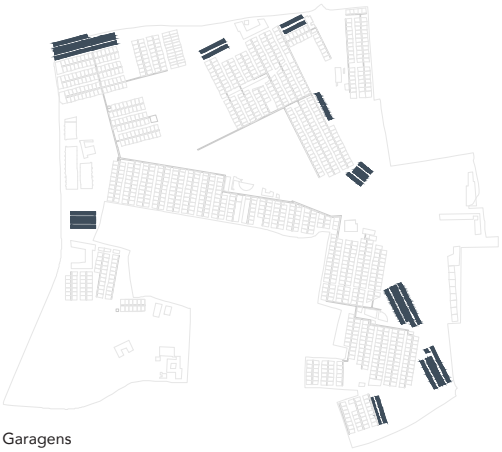
Conduta



Espaços comerciais



Equipamentos



Garagens

Espaços verdes

18 Identificação dos espaços do Plano de Pormenor. 2023. Elaborado pela autora.

Conclusão

Após a análise ao bairro na escala urbana é possível concluir que, por ser um bairro de habitação social, teve vários obstáculos à sua concretização (SIZA, 2012: 107). Na atualidade ainda não está concluído e poderá nunca vir a estar. Para resultar na sua totalidade como bairro urbano funcional, o Plano de Pormenor deveria estar completo e constatamos que não é isso que acontece. Com a falta dos vários equipamentos, o bairro fica com grandes áreas de vazios urbanos.

19 Casa na Rua do Meio, Bairro da Malagueira. 2023. Fotografia de Hugo Velhinho.

03

A pequena escala: As habitações

Sendo o Bairro da Malagueira um bairro social, o intuito com a sua construção foi de construir habitação acessível para poder alojar as pessoas que necessitavam de habitação.

O objetivo neste capítulo é fazer uma análise detalhada das habitações no bairro. No primeiro subcapítulo é dado a conhecer as várias tipologias conhecidas no bairro. No segundo subcapítulo é feita uma análise cronológica das habitações evolutivas. No terceiro subcapítulo são analisadas as épocas de construção. No quarto subcapítulo são analisadas as habitações dos pisos superiores dos espaços comerciais.

As denominações utilizadas a partir deste capítulo – familia, tipo, subtipo e variação – são da autoria de José Pinto Duarte.

20 Casas na Rua Paula Vicente, Bairro da Malagueira. 2023. Fotografia de Hugo Velhinho.

Lotes residenciais e tipologias

O projeto foi desenvolvido e construído em várias fases, incluindo um conjunto de mil e duzentas habitações para quatro mil habitantes. Formam um tecido compacto e de grande densidade[1] (DUARTE, 2011: 75), com uma integração na topografia de forma suave e clara.

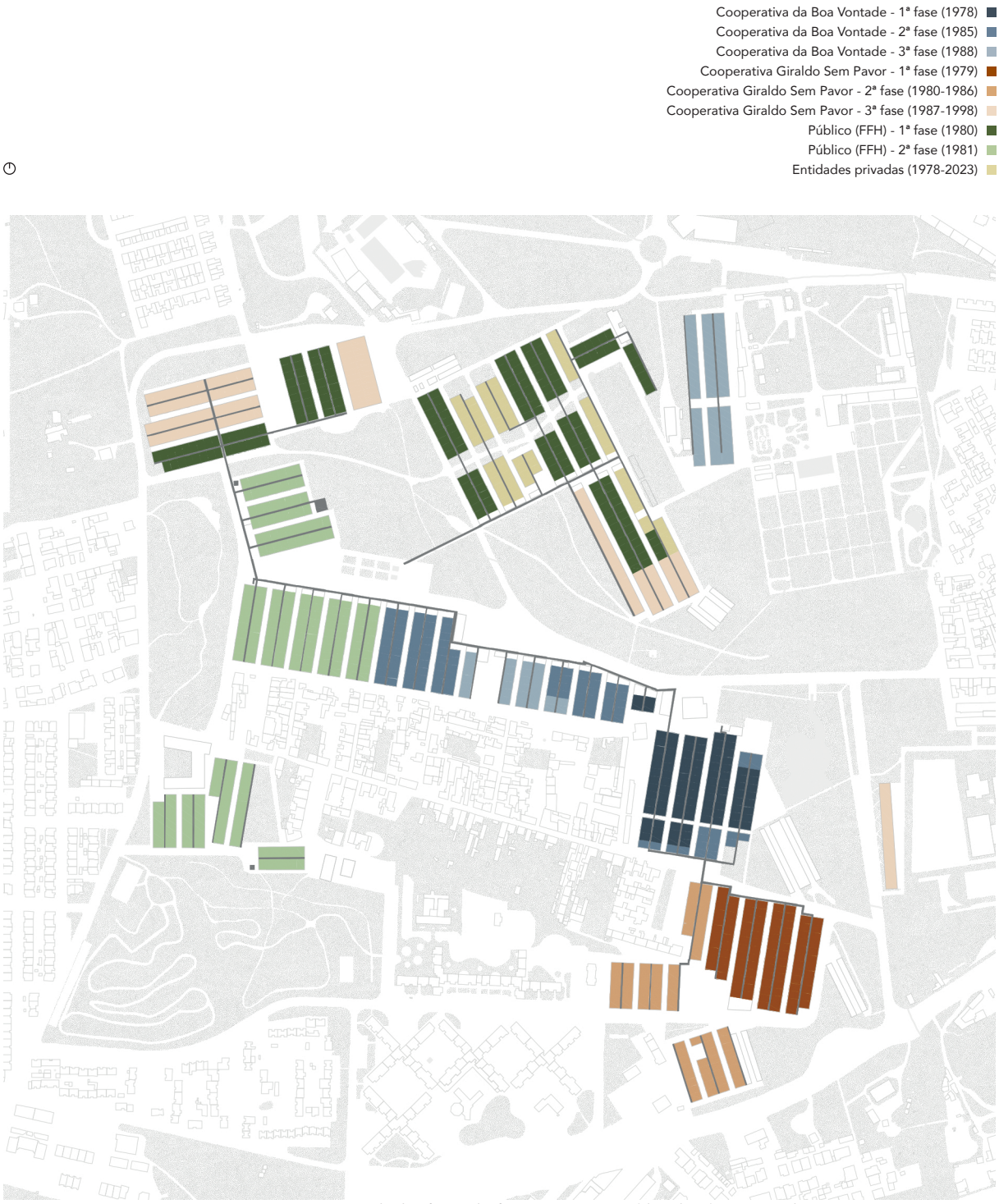
A construção das habitações teve apoios e financiamentos de várias entidades, nomeadamente de duas cooperativas, a Cooperativa da Boa Vontade e a Cooperativa Giraldo Sem Pavor, que ao início era a Associação de Moradores de São Sebastião (DUARTE, 2001: 92), financiamento público do FFH e por fim de entidades privadas. Como «os financiamentos de que [Siza] dispunha só previam a construção dos fogos, sentia a limitação dada pela presença de uma escala única» (SIZA, 2022: 119).

Podemos considerar que a estratégia seguida para a construção das habitações teve 3 fases: a primeira de 1978 a 1980, a segunda de 1981 a 1986 e a terceira de 1987 até à atualidade. Em 1978 a Cooperativa da Boa Vontade construiu parte da zona central do bairro. Um ano depois, em 1979, a Cooperativa Giraldo sem Pavor construiu parte da zona sudeste do bairro. Em 1980 o FFH

1 «The plan consisted of a low-rise, dense and continuous residential tissue […]»

construiu alguns dos blocos habitacionais a norte. Entre 1980 e 1986 a Cooperativa Giraldo Sem Pavor construiu os restantes blocos habitacionais mais a sudeste e em 1981 o FFH construiu parte dos blocos habitacionais a oeste do bairro, integrando os restantes que faltavam junto à Avenida da Malagueira. Uns anos mais tarde, em 1985, a Cooperativa da Boa Vontade construiu mais alguns blocos habitacionais no centro do bairro. Em 1988 a Cooperativa da Boa Vontade construiu uns blocos a nordeste do bairro, e a Cooperativa Giraldo Sem Pavor construiu alguns blocos a noroeste e outros centrais no bairro, entre 1987 e 1998. Os financiamentos públicos foram sendo construídos a norte do bairro ao longo das 3 fases. Nos dias que correm alguns dos lotes ainda estão vazios, tanto habitacionais como comerciais previstos no Plano de Pormenor.

O bairro é composto por uma malha densa de tipologias evolutivas, que são na verdade a maioria das habitações construídas. Estas podem ir de T2 até T5, sendo a evolução uma escolha de quem as habita. São estas tipologias que estão ligadas à conduta de serviço através das condutas secundárias. Delas nascem paredes estruturantes, formando grelhas lineares de 8 metros por 12 metros, onde as habitações evolutivas se inserem (DUARTE, 2011: 85).



21 Mapa de identificação dos financiamentos. 2023. Elaborado pela autora com base em José Pinto Duarte (2001).

Foi pensado um regulamento construtivo para as habitações onde foram definidas várias regras e especificações (Anexo E), tais como: dimensões do loteamento, pátios e alçados; ocupação de habitação em um ou dois pisos; não é permito a construção de anexos, coberturas e arrecadações de veículos, exceto de duas rodas; o cumprimento do Regulamento Geral das Edificações urbanas; o requerimento à CME da implantação de cota de soleiras do piso 1; utilização do projeto-tipo da CME ou projeto de acordo com as especificações, a aprovar pela CME; utilização da conduta de infraestruturas e respetivos muros; exterior rebocado e caiado a branco, coberturas em terraço esquadrias em madeira ou ferro esmaltado; proibição de saliências para além dos alinhamentos previstos no primeiro e segundo pisos; abertura de vãos na fachada limitada ao número e dimensão máxima permitindo guarnecimento em reboco, com saliência máxima de 1 centímetro, podendo ser caiado com as cores tradicionais (ocre, azul, cinza, verde, rosa). (DORU, 1978)

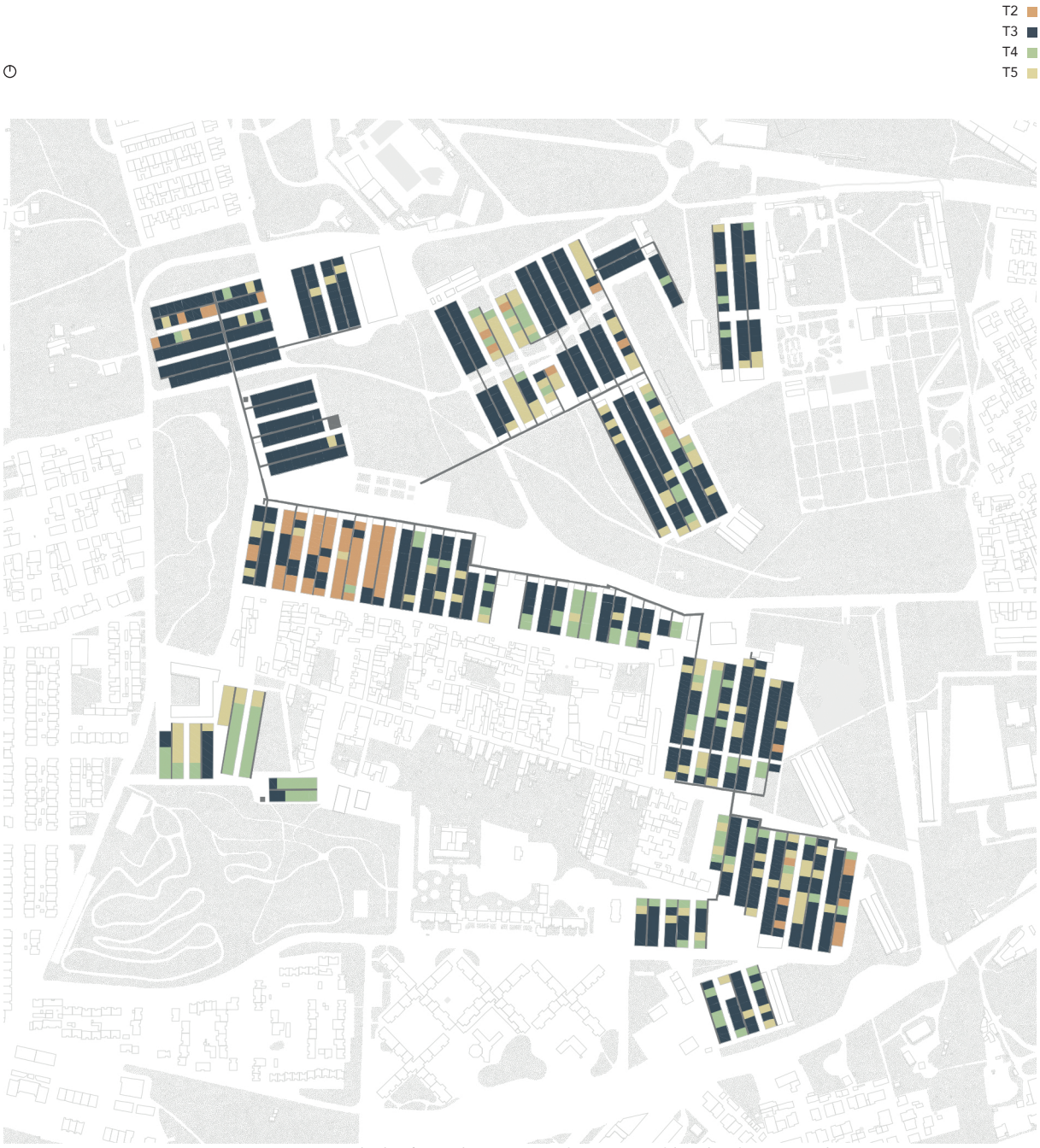
O plano não previu apenas construção de habitação evolutiva, dando oportunidade para 4 tipologias que se inserem na malha urbana, muitas vezes no final dos blocos habitacionais das habitações evolutivas, ou apenas dispostas em pontos estratégicos do plano, não estando agregadas à malha do bairro. São estas as tipologias F, W, X e Y.

Ao longo dos largos anos que o projeto se foi desenvolvendo, foram sendo pensados e produzidos diversos desenhos técnicos e esquissos, que sofreram alterações e adaptações, criando assim uma "paleta" de métodos espaciais interessantes a serem estudados. Esta "paleta" inclui 37 tipologias de habitações evolutivas diferentes, como podemos ver na tabela abaixo.

Família	Tipo	Subtipo	Variação	Data
Pátio à frente	A	Aa	T1, T2, T3, T4, T5	1977
		Ab	T2, T3, T4, T5	1978
		Ac	T2, T3, T4, T5	1980
		Ad	T4	1980
		Ae	T4	1996
	C	Ca	T2, T3, T4, T5	1985
		Cb	T1, T3	s.d.
	D	Da	T2, T3, T4, T5	1988
		Db	T2, T3	1995
	E	E	T2	1984
Pátio atrás	B	Ba	T1, T2, T3, T4, T5	1977
		Bb	T2, T3, T4, T5	1978

22 Tabela das tipologias desenhadas por Siza e Lopes. 2023. Elaborado pela autora a partir de José Pinto Duarte (2001).

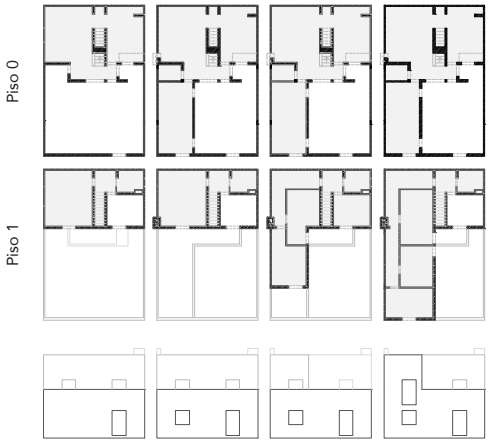
23 Mapa de identificação dos subtipos. 2023. Elaborado pela autora com base em José Pinto Duarte (2001).



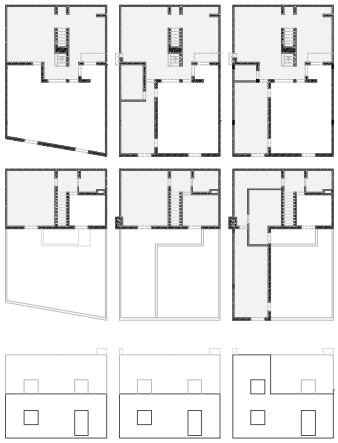
24 Mapa de identificação das variações tipológicas. 2023. Elaborado pela autora com base em José Pinto Duarte (2001).

25 Plantas e alçados das habitações do Bairro da Malagueira. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

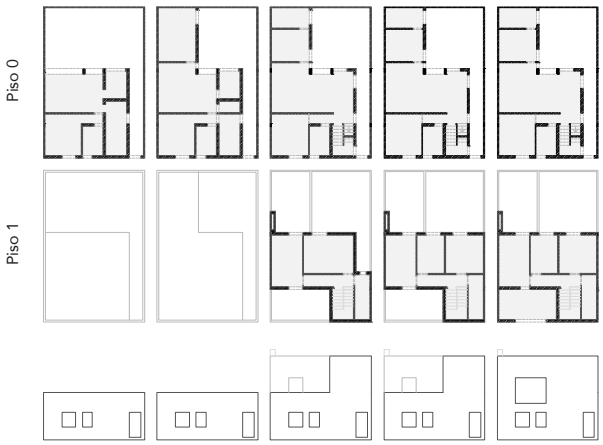
Subtipo Da | 1988



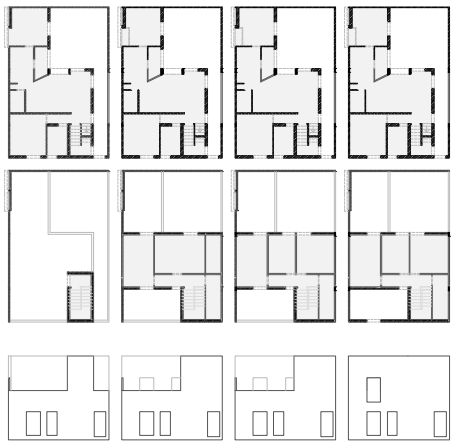
Subtipo Da | 1995



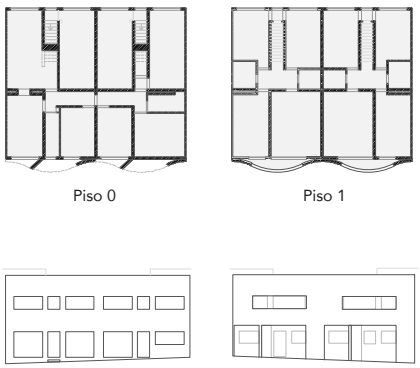
Subtipo Ba | 1977 (não construído)



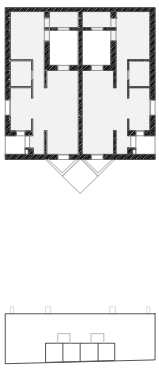
Subtipo Bb | 1978



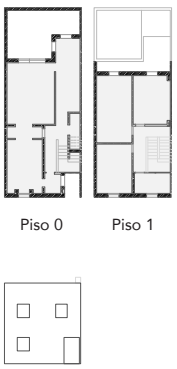
Subtipo X | 1988



Subtipo Y | 1994



Subtipo W | 1997



0 10

Habitações evolutivas

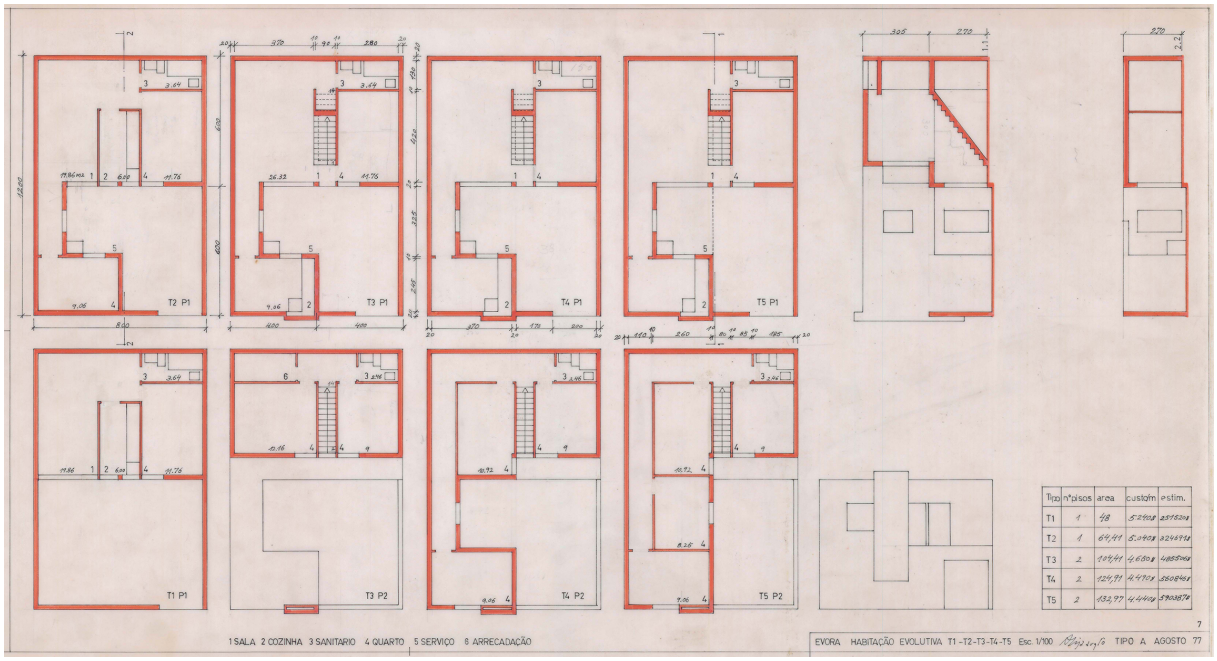
As duas primeiras tipologias desenhadas pelo Siza foram a Aa e a Ba em 1977, nunca construídas. Ao longo dos anos em que o projeto se foi desenvolvendo, foram sendo desenhados outros subtipos derivando inicialmente do Aa e do Ba e consequentemente dos restantes, sendo um processo cronológico. As comparações utilizadas neste capítulo utilizam essa linha cronológica: Aa (1977) – Ab (1978); Ab (1978) – Ac (1980); Ac (1980) – Ad (1980); Ac (1980) – Ae (1996); Ac (1980) – Ca (1985); Ca (1985) – Cb (1985); Ca (1985) – Da (1988); Da (1988) – Db (1995); Ba (1977) – Bb (1978).

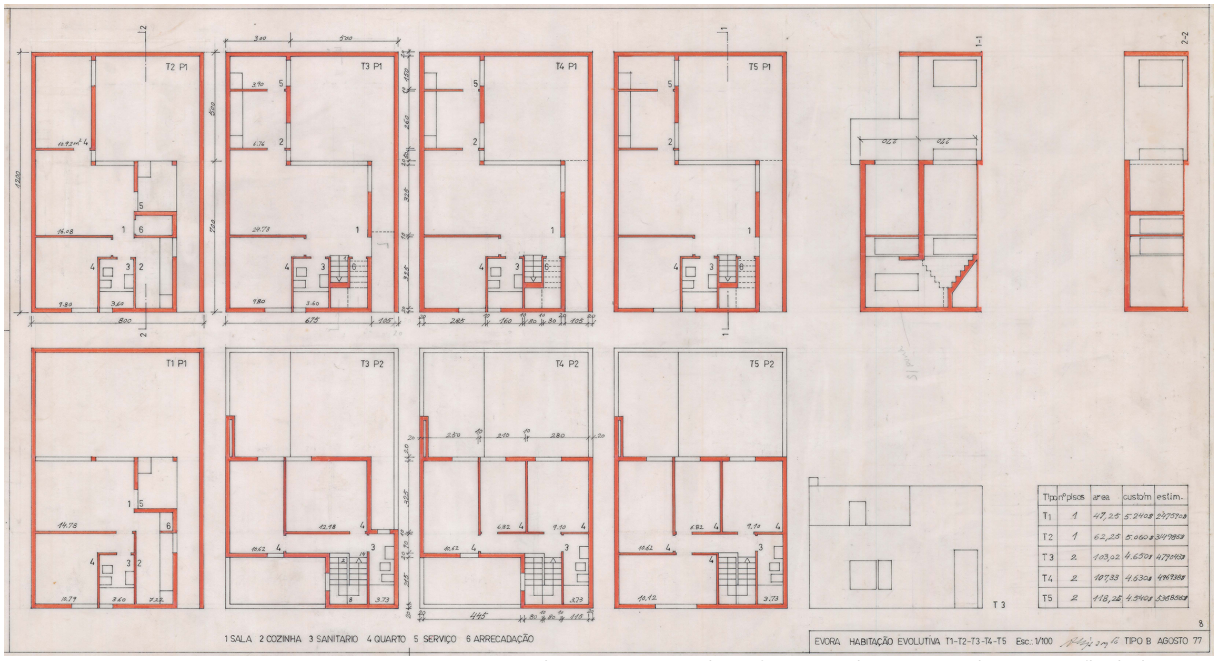
É importante referir que esta análise foi feita sobretudo à base das plantas e através das datas de projeto de cada subtipo, para ser possível uma comparação mais coerente.

Este subcapítulo serve para fazer uma comparação entre os vários subtipos das duas famílias, tendo em conta que foram sendo projetadas conforme os pedidos das associações/ pessoas e o desenrolar do projeto.

S	Sala de estar
C	Cozinha
CB	Casa de banho
CL	Closet
L	Lavandaria
Q	Quarto

26 Tabela de identificação dos espaços das habitações. 2023. Elaborado pela autora.





27 Desenhos técnicos originais das tipologias A e B de 1977. Fornecido por João Galhardo dos Santos

No subtipo Aa existem as 5 variantes – T1, T2, T3, T4, T5 – enquanto no subtipo Ab a variação T1 desaparece, mantendo apenas as variantes T2, T3, T4 e T5.

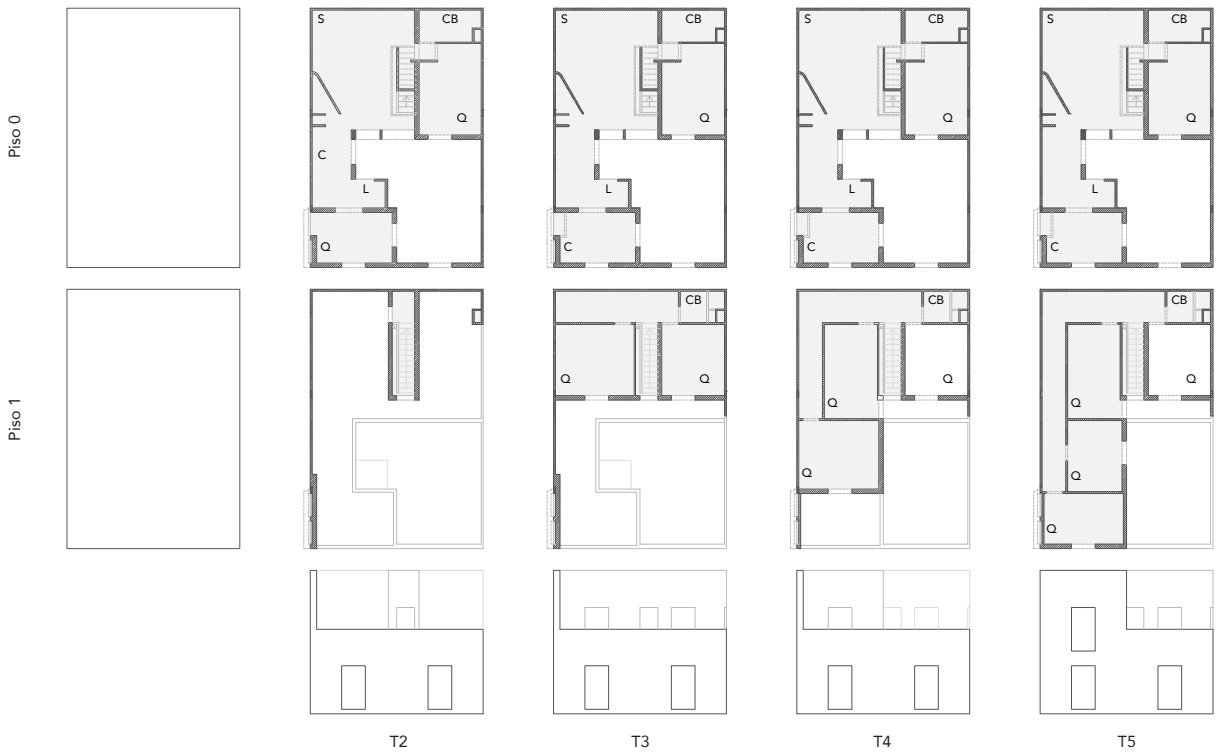
Outra alteração é a posição da chaminé, que no subtipo Aa localiza-se na fachada frontal e no subtipo Ab localiza-se numa das fachadas laterais. Todas as variantes do subtipo Ab apresentam um núcleo de escadas central em contraste com o subtipo Aa, que só apresenta núcleo de escadas – também central – a partir da variação T3. Isto demonstra a intenção que o subtipo Ab tem em evoluir.

No piso térreo existem algumas alterações a registar. A nível do programa, são acrescentadas a despensa e a lavandaria. Outro ponto de evolução é o alargamento do corredor do piso térreo no subtipo Aa, onde é possível observar que no subtipo Ab aumenta para o dobro permitindo ser um espaço de utilização e não apenas de transição.

Nos pisos superiores existem também algumas alterações a constatar. No subtipo T4 é onde existe maior diferença, onde é possível constatar que no subtipo Aa o quarto alinha-se com a fachada frontal do piso de baixo, o que já não acontece no subtipo Ab na mesma variante, onde o quarto fica recuado em relação à fachada frontal do piso térreo.

Subtipo Aa | 1977 (não construído)

Subtipo Ab | 1978



0 5

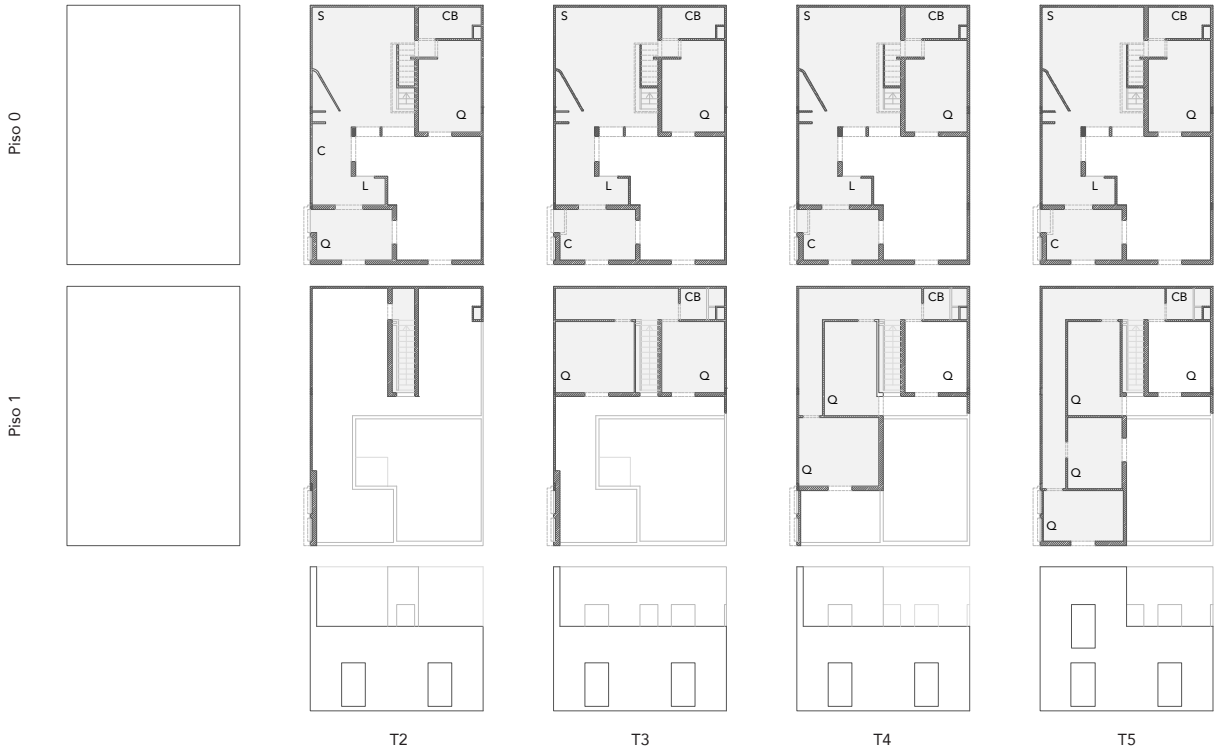
28 Plantas e alçados dos subtipos Aa e Ab. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

Nesta evolução tipológica entre os subtipos da família A de 1978 e 1980 existem algumas alterações a registar. Ambas apresentam as variantes T2, T3, T4 e T5.

No piso térreo a alteração mais evidente localiza-se nas variantes T2, onde no subtipo Ab se encontra toda a habitação – incluindo os quartos e espaços sociais – e no subtipo Ac apenas se encontram os espaços sociais. Outra alteração relevante é a remoção das despensas – de paredes obliquas – dando mais espaço à sala de estar no subtipo Ac. A lavandaria também muda de local, diminuindo o espaço da cozinha do subtipo Ac.

Nos pisos superiores a única alteração é na variante T2, onde no subtipo Ab apenas existe o núcleo de escadas para o terraço e no subtipo Ac existem os quartos.

Subtipo Ab | 1978



Subtipo Ac | 1980

0 5

29 Plantas e alçados dos subtipos Ab e Ac. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

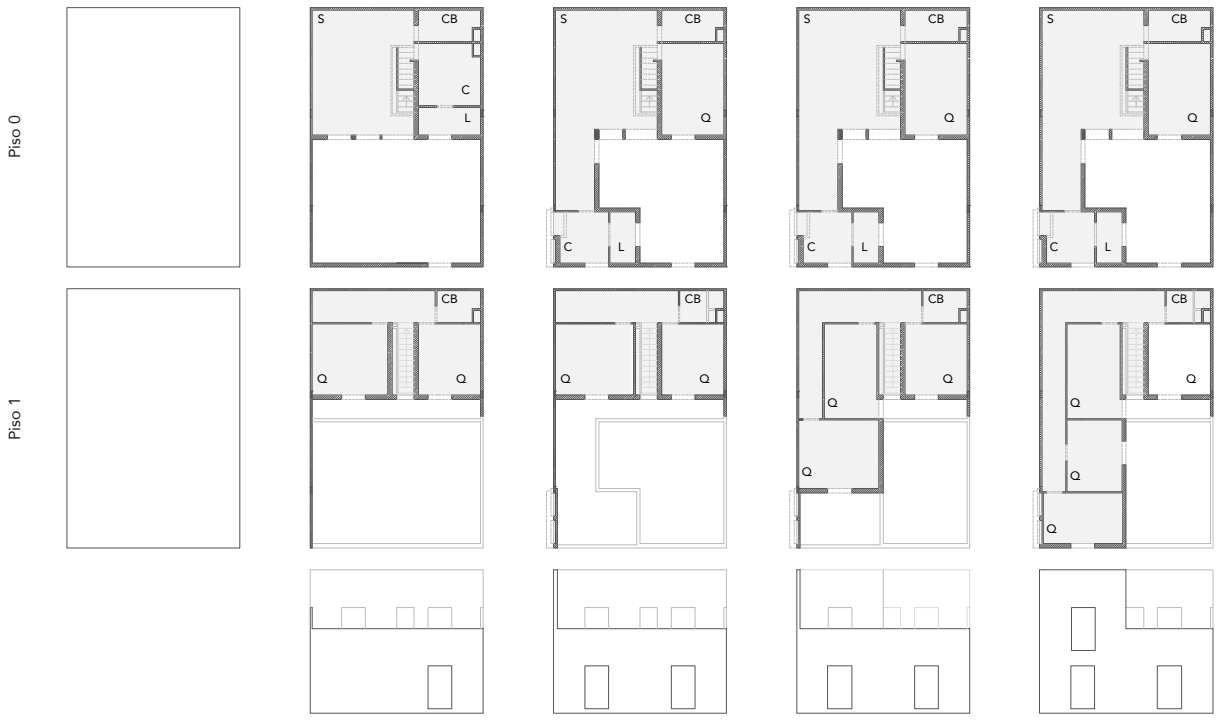
Algo importante a destacar sobre o subtipo Ad é que foi desenhado pelo arquiteto Nuno Ribeiro Lopes, que trabalhou em conjunto com o arquiteto Álvaro Siza no projeto do Bairro da Malagueira.

No subtipo Ac existem as 4 variantes – T2, T3, T4, T5 – enquanto no subtipo Ad existe apenas a variante T4.

O piso térreo do subtipo Ad é igual ao piso térreo do subtipo Ab, logo não houve alterações novas em comparação à evolução tipológica de Siza.

Já no piso superior existe tanto uma alteração de programa como uma alteração espacial. É criada uma sala de estar neste piso superior, fazendo com que um dos quartos dê lugar a este novo programa neste piso. A nível espacial, este módulo altera de lugar, modificando também o espaço de transição. É criado um espaço de distribuição entre o corredor e a casa de banho e quarto à direita. Tudo o resto – os outros dois quartos e a casa de banho – mantêm-se no local projetado anteriormente.

Subtipo Ac | 1980



Subtipo Ad | 1980

0 5

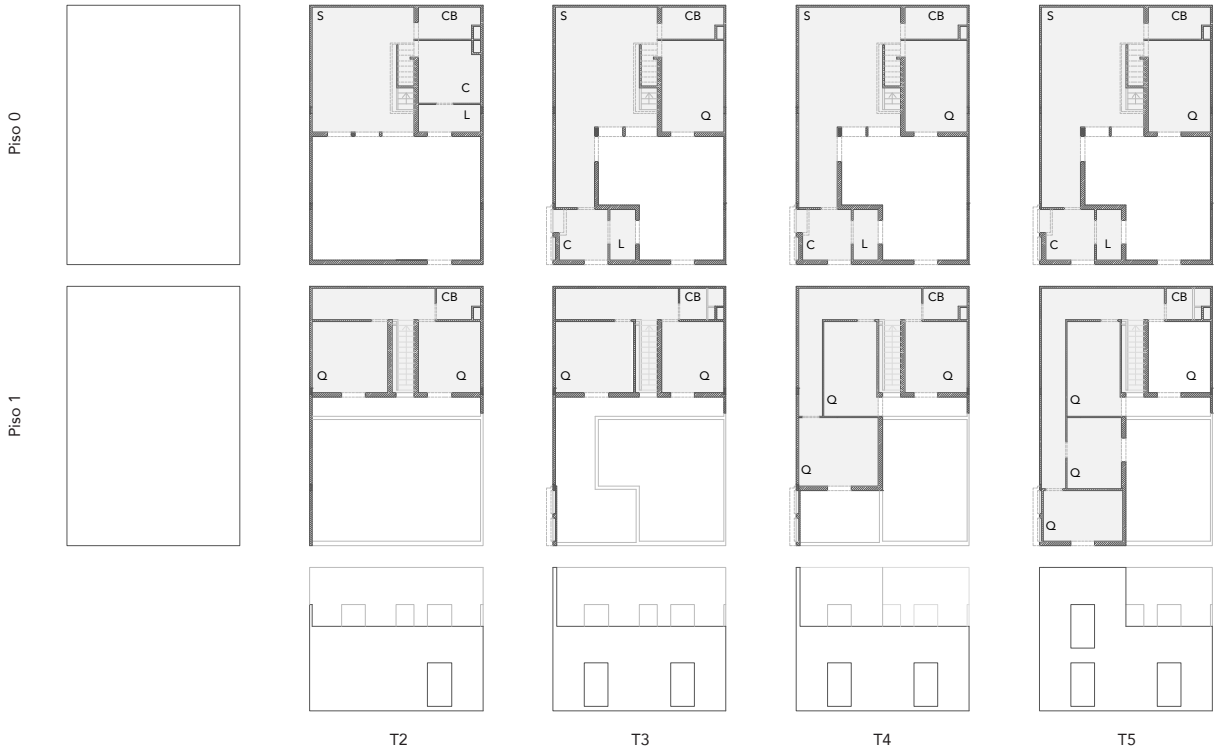
30 Plantas e alçados dos subtipos Ac e Ad. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

O subtipo Ae foi igualmente desenhado pelo arquiteto Nuno Ribeiro Lopes e à semelhança ao subtipo Ad, apresenta apenas uma variante - T4.

No piso térreo existem algumas alterações a registar, principalmente no que toca à construção espacial do pátio uma vez que é criado um espaço de transição no interior da habitação – entre a cozinha e a sala de estar – com dimensões maiores do que as já projetadas em anos anteriores. A parede divisória entre a cozinha e a lavandaria desaparece tornando o espaço maior. Tudo o resto – casa de banho, cozinha e sala de estar – mantem-se a nível posicional e dimensional.

No piso superior não existe qualquer alteração entre estes dois subtipos de 1980 e 1996.

Subtipo Ac | 1980



Subtipo Ae | 1996

0 5

31 Plantas e alçados dos subtipos Ac e Ae. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

Nesta evolução tipológica entre os subtipos da família A de 1980 e 1988 existem algumas alterações a registar. Ambas apresentam as variantes T2, T3, T4 e T5.

A primeira grande alteração a registar entre o subtipo Ac e Ca é a mudança da orientação das escadas – rodam 90 graus, passando de escadas transversais para escadas longitudinais em relação à planta da casa. Alteram também o seu posicionamento dentro da habitação. É o primeiro subtipo da família A que apresenta este posicionamento do acesso vertical.

No piso térreo existem algumas alterações a registar. A variante T2 do subtipo Ca em termos lógicos assemelha-se ao subtipo Ab, a maior diferença é a mudança de direção e posicionamento da escada. Os pisos térreos nas restantes variantes deste subtipo são iguais, e as duas maiores alterações em comparação ao subtipo Ac são a posição da chaminé e a largura do espaço de transição entre a sala e a cozinha, que mais uma vez duplica a largura. No piso superior, a lógica mantém-se semelhante ao subtipo Ac, principalmente nas variações T3, T4 e T5. Uma das maiores diferenças nestes dois subtipos é a variação T2, onde no subtipo Ca existe apenas a caixa de escadas enquanto que no subtipo Ac existem os quartos. Outra diferença é a largura do corredor que aumenta e por consequência também a largura da casa de banho.

Subtipo Ac | 1980

Subtipo Ca | 1985

0 5

32 Plantas e alçados dos subtipos Ac e Ca. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

No subtipo Ca existem 4 variantes – T2, T3, T4, T5 – enquanto no subtipo Cb existem apenas as variantes T1 e T3.

A variação T1 do subtipo Cb assemelhasse à variação T2 do subtipo Ca. A única diferença entre estas duas plantas é a redução de um quarto junto à fachada para o exterior e por consequência o vão recua criando uma ligação cozinha-pátio em contraste com a ligação cozinha-exterior no subtipo Ca. Esta alteração também se verifica na variação T3 do subtipo Cb.

Os pisos superiores do subtipo Cb assemelham-se aos pisos superiores das variações T2 e T3 do subtipo Ca, a única diferença é o tamanho da varanda, que diminui por consequência à mudança que ocorre no piso inferior.

Subtipo Ca | 1985

Subtipo Cb | s.d.

0 5

33 Plantas e alçados dos subtipos Ca e Cb. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

À semelhança do subtipo Ca, o subtipo Da também apresenta 4 variações – T2, T3, T4, T5.

Nesta evolução tipológica existem várias alterações a registar.

No piso térreo, a variação T2 de ambos os subtipos são as que mais se distinguem. A escada volta à sua posição inicial – o posicionamento central na habitação – e o subtipo Da representa em planta apenas os espaços sociais de uma casa – sala e cozinha. A entrada deste subtipo é igualmente diferente de tudo o que foi desenhado anteriormente, tendo uma antecâmara e a chaminé também altera de local e de tamanho. Nas restantes variações, todas iguais entre si em ambos os subtipos, a maior diferença registada é a forma do pátio. A forma como todos os pisos térreos do subtipo Da são desenhados, muda a lógica em planta do que foi desenhado anteriormente, e a maior diferença é o posicionamento da cozinha.

No piso superior, a lógica do subtipo Da mantem-se semelhante à lógica do subtipo Ca e as diferenças que se registam ocorrem devido às alterações do piso inferior. Algo importante a referenciar é a divisão dos espaços de transição do subtipo Da, onde é projetada uma parede entre o núcleo de escadas e o corredor de acesso aos quartos, dando mais privacidade a estes.

34 Plantas e alçados dos subtipos Ca e Da. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

No subtipo Da existem 4 variantes – T2, T3, T4, T5 – enquanto no subtipo Db existem as variantes T2, T3 e T4.

As diferenças entre estes dois subtipos de 1988 e 1995 não são muitas. Uma das mais imponentes é a direção da fachada frontal na variação T2 do subtipo Db, onde foi desenhada de forma oblíqua. Outra diferença é o tamanho da casa de banho do piso térreo que duplica a sua dimensão do subtipo Da para o subtipo Db. E a outra diferença importante a referir apresenta-se na variação T4 do subtipo Db. É percetível no piso superior que o quarto ao fim do corredor é maior em comparação ao quarto da mesma variação do subtipo Da. Por consequência, a varanda deste quarto desaparece e a fachada frontal ganha uma janela.

Subtipo Da | 1988

Subtipo Db | 1995

0 5

35 Plantas e alçados dos subtipos Da e Db. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

O subtipo E é a habitação que o arquiteto Siza desenhou para si próprio, e tem algumas diferenças em comparação com os outros subtipos com pátio virado para a frente.

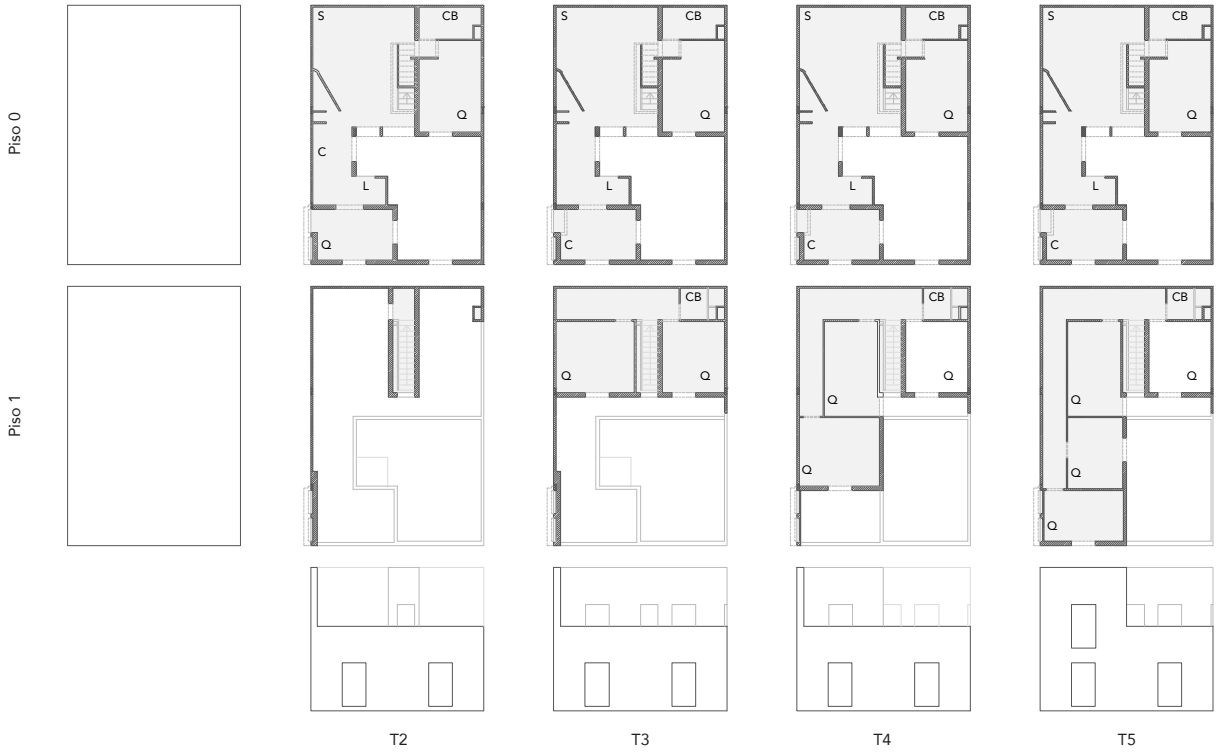
Um dos aspetos mais curiosos é o facto de não ser uma habitação evolutiva, mas insere-se perfeitamente na malha urbana dos restantes subtipos evolutivos (Figura 23).

No piso térreo é exibida uma lógica espacial completamente diferente das restantes habitações evolutivas. A sala de estar e a cozinha não apresentam algum tipo de espaço de transição entre elas como acontece nos vários subtipos, sendo a sua única separação uma parede. À semelhança do subtipo Ca, também o acesso vertical muda de posição e orientação, estando encostado à parede tardoz. É o único subtipo que não tem casa de banho no piso térreo e que apresenta lareira.

À semelhança de outros subtipos, a lógica habitacional é espaço social no piso térreo e espaço privado (quartos) no piso de cima.

No piso superior, a lógica mantém-se muito idêntica a vários outros subtipos, mas existem 2 janelas no alçado tardoz da habitação que permite ventilar ambos o espaço de transição e a casa de banho.

Subtipo Ab | 1978



Subtipo E (Casa do Siza) | 1984

0 5

36 Plantas e alçados dos subtipos Ab e E. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

No subtipo Ba existem as 5 variantes – T1, T2, T3, T4, T5 – enquanto no subtipo Bb a variação T1 desaparece, mantendo apenas as variantes T2, T3, T4 e T5.

Outra alteração é a posição da chaminé. Mantem-se na mesma fachada, mas altera de posicionamento em relação a ela.

Todas as variantes do subtipo Bb apresentam um núcleo de escadas junto à fachada frontal em oposição ao subtipo Ba, que só apresenta núcleo de escadas – também junto à fachada frontal – a partir da variação T3.

No piso térreo existem algumas alterações a registar. A maior é a organização espacial no interior da habitação. No subtipo Bb é desenhada uma despensa e a lavandaria muda de local em todas as variações comparando com o subtipo Ba. Isto faz com que exista um espaço de transição entre a sala de estar e a cozinha. No piso superior, não existem alterações significativas. O subtipo Bb mantém a mesma lógica espacial e evolutiva que o subtipo Ba.

Em relação aos vãos, eles também se alteram, aumentando o tamanho no subtipo Bb.

Subtipo Ba | 1977 (não construído)

Subtipo Bb | 1978

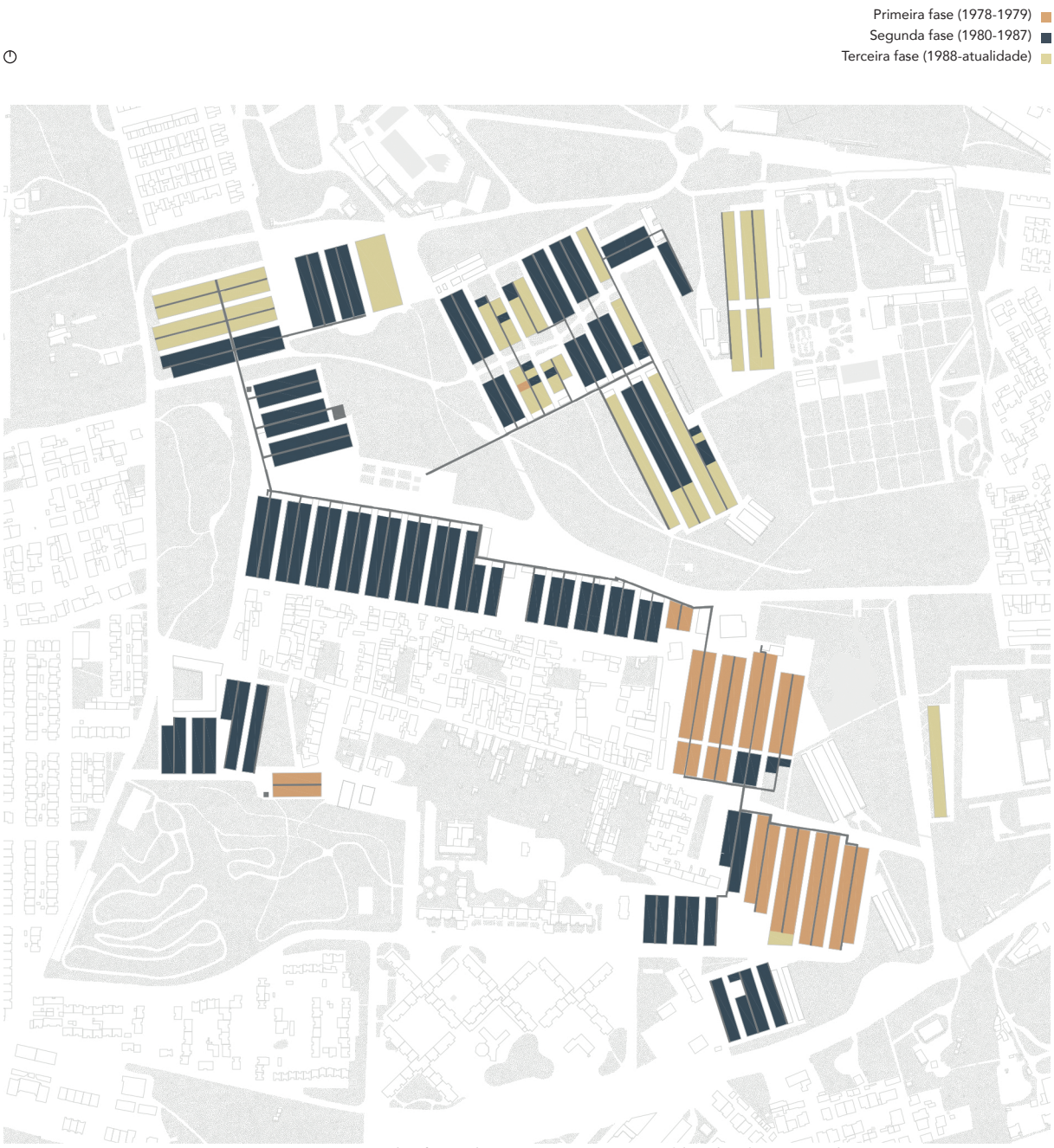
0 5

37 Plantas e alçados dos subtipos Ba e Bb. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

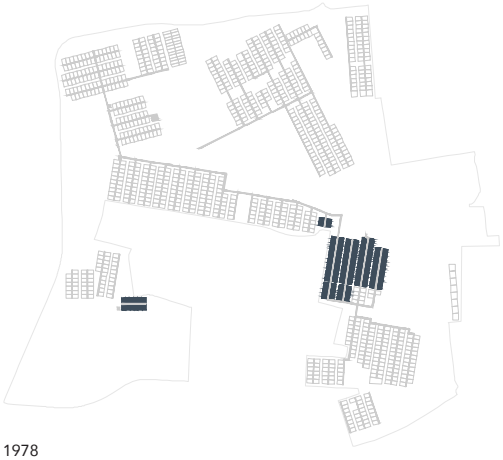
O sistema construtivo

Com base na análise dos documentos de arquivo, é percetível que o bairro teve diversos sistemas construtivos aos longo dos anos. À semelhança do que foi referido anteriormente, a construção das habitações no bairro a nível do sistema construtivo teve 3 fases: na primeira (1978-1979) foram utlizados apenas blocos de betão com ferros no interior; na segunda (1980-1987) foram utilizados pilares, vigas e lajes de betão armado com paredes de blocos de betão; na terceira (1988-1997) foram utilizados pilares, vigas e lajes de betão armado com paredes de betão ou alvenaria em tijolo. As 3 fases dependeram de diversos fatores, como os políticos e os temporais.

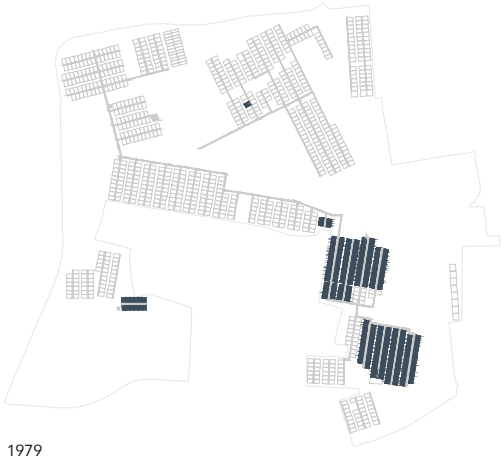
O sistema construtivo de cada casa é independente o que permitiu uma construção gradual das mesmas em pequenos grupos e consequentemente a adaptação dos materiais de construção foi facilitado devido às suas características.



38 Mapa com a identificação das épocas construtivas. 2023. Elaborado pela autora com base em José Pinto Duarte (2001).

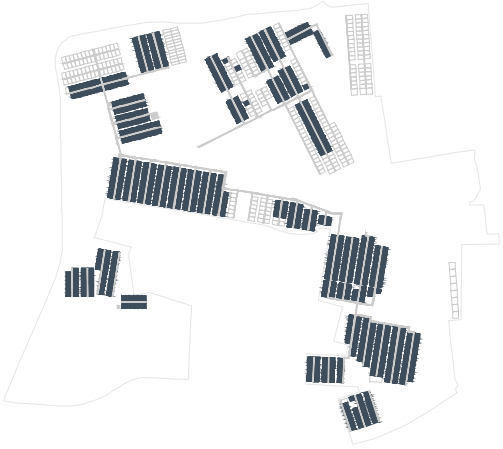


1978

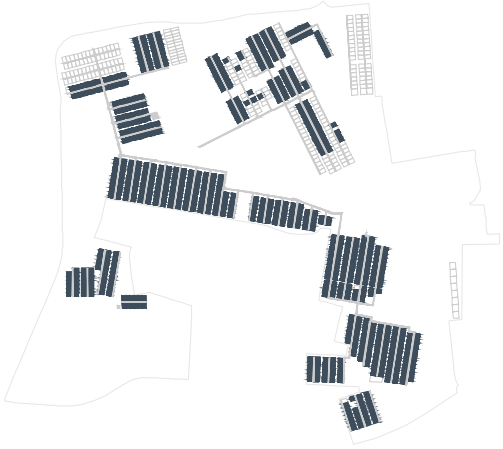


1979

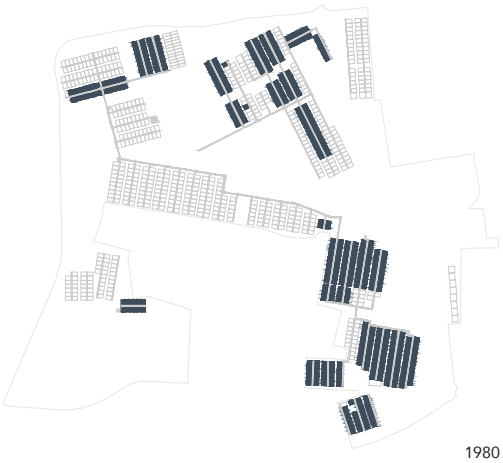
1985



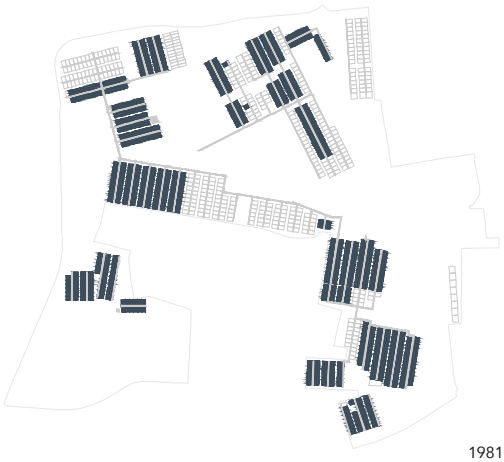
1988



39 Identificação das épocas de construção das habitações do bairro. 2023. Elaborado pela autora com base em José Pinto Duarte (2001).

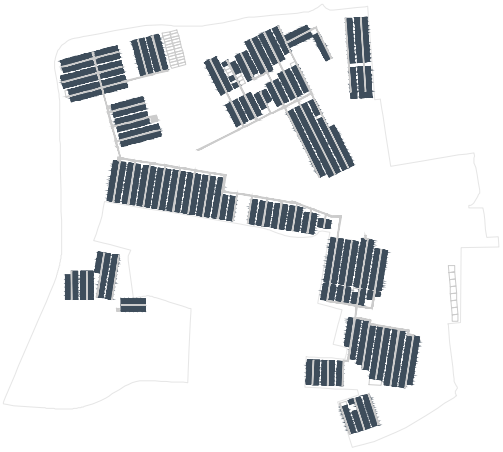


1980

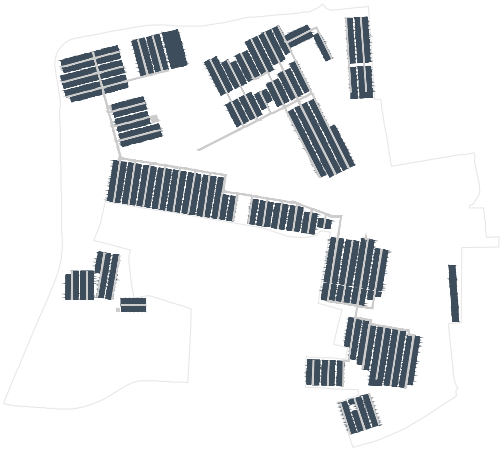


1981

1996



2023



Primeira fase

Após a revolução do 25 de abril de 1974, houve um crescimento habitacional em todo o território nacional. O Bairro da Malagueira foi projetado tendo em consideração a escassez dos recursos e mão de obra e foi importante escolher técnicas e materiais locais. A Câmara Municipal de Évora contratou uma fábrica local para produzir blocos de betão pré-fabricados para a construção do bairro numa primeira fase do projeto.

De acordo com os documentos de arquivo, os desenhos do projeto (Figuras 43 e 44), a estrutura das primeiras casas construídas no Bairro da Malagueira, entre os anos 1978 e 1979, consiste em fundações com sapatas continuas de betão armado com espessura de 20 centímetros, paredes estruturais e vigas de betão pré-esforçadas. Foram ainda utilizados 5 pilares de betão em cada casa, um ao centro e os restantes nas paredes laterais (Figura 43).

O piso térreo é composto por uma camada de enrocamento de pedra sobre a qual é colocada uma camada de betonilha armada e hidrófuga. As lajes do primeiro piso e da cobertura são aligeiradas e têm 25 centímetros e 18 centímetros de espessura respetivamente.

Existem dois tipos de cobertura: acessível e não acessível. A não acessível é constituída por 4 camadas: laje aligeirada assente

em vigotas pré-fabricadas, betão leve com agregados de argila expandida, chapa de fibrocimento e seixo rolado. A cobertura acessível é constituída por 6 camadas: laje aligeirada composta por vigotas pré-fabricadas e blocos de betão; betão leve com agregados de argila expandida; areia; chapa de fibrocimento; placa de corticite; lajeta de betão. (SERÔDIO, 2009: 24). (Figura 44)

A laje do primeiro piso é composta por vigotas de betão e abobadilhadas, com acabamento monolítico. As vigotas são colocadas de 60 em 60 centímetros com diferentes orientações no piso térreo e no piso superior. (SERÔDIO, 2009: 23-24).

As paredes são feitas com os blocos de betão pré-fabricados, furados verticalmente, e nas paredes divisórias de parcelas foi inserida areia como material de enchimento dos blocos para um melhor isolamento acústico (SERÔDIO, 2009: 23). As paredes são rebocadas e pintadas de branco. A cor branca faz referência ao Centro Histórico de Évora e adequa-se ao clima, visto que reflete os raios solares. (SERÔDIO, 2009: 25)

Existem 3 tipos de paredes que possibilitam uma hierarquização (Figura 42): as paredes principais de suporte de carga com 20 centímetros de espessura (a); as paredes meeiras entre as casas com 10 centímetros (b); as paredes divisórias interiores com 7,5

centímetros (c).

Em relação aos acessos verticais, as escadas interiores podem ter dois tipos construtivos: em betão e revestidas a madeira, ou apenas uma estrutura de madeira (como o caso da casa do Álvaro Siza). Devido à inclinação das ruas, existem algumas casas que necessitam de um degrau para a transição da rua ao pátio interior. Esse degrau pode ser de betão ou em tijolo revestido a cerâmica ou mármore, dois dos revestimentos mais utilizados no projeto semelhante às casas da região (SERÔDIO, 2009: 25).

Os pavimentos interiores dos quartos, da sala e dos espaços de transição são revestidos com placas de corticite e os pavimentos da cozinha, das casas de banho e da lavandaria são cerâmicos.

Existem apenas dois vãos que fazem a ligação do interior do lote para o exterior público: uma porta e uma janela. A porta que dá acesso do exterior ao pátio das casas é metálica pintada de branco e a janela tem caixilho de madeira com vidro simples de 5 milímetros de espessura. Existem portadas interiores, também de madeira.

Os vãos interiores, nomeadamente as portas, são de madeira maciça.

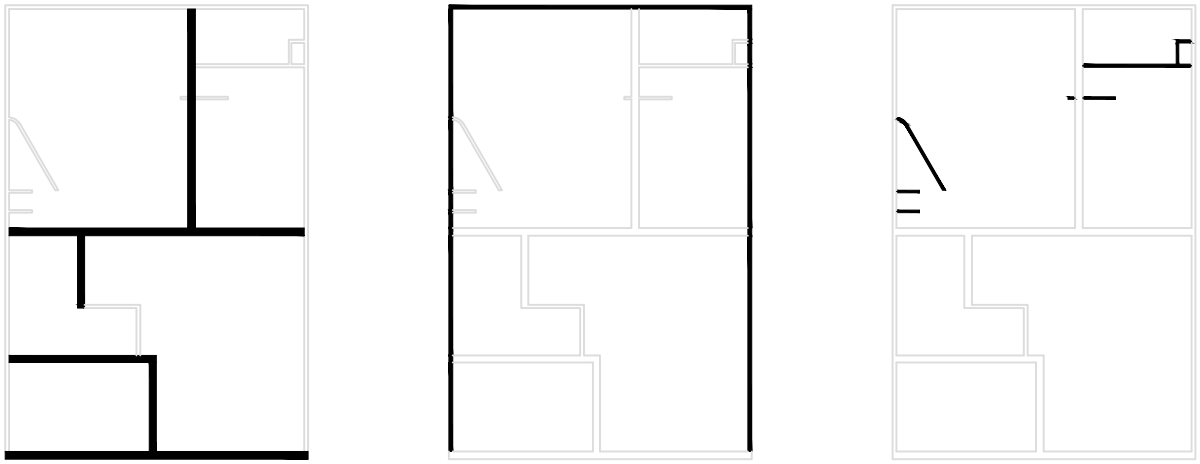
40 Construção. Arquivo Fotográfico CME. S.d. AC/11.20/15.

41 Construção. Arquivo Fotográfico CME. S.d. AC/11.20/11.

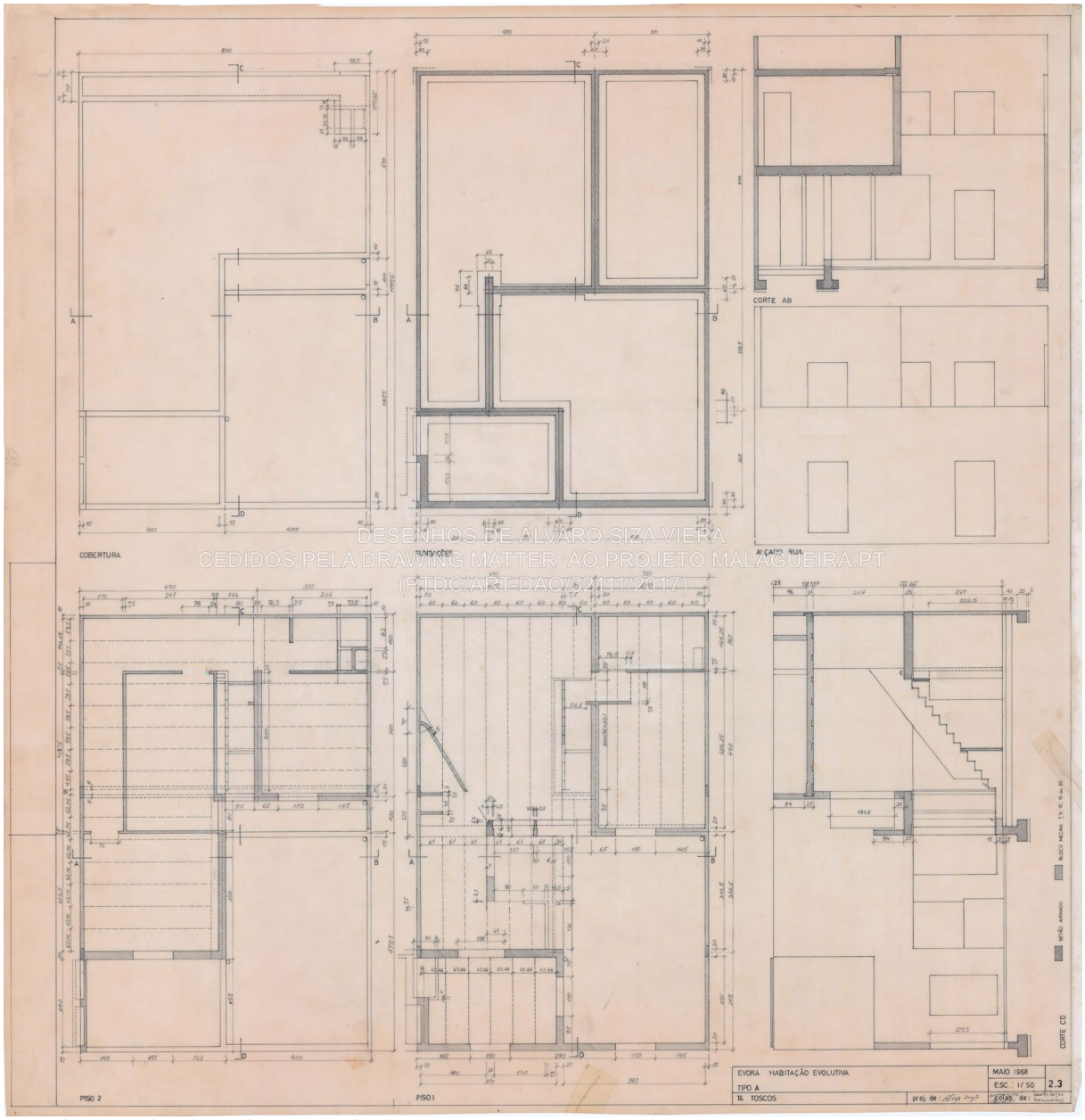
(a) paredes principais

(b) paredes meeiras

(c) 20 paredes divisórias interiores

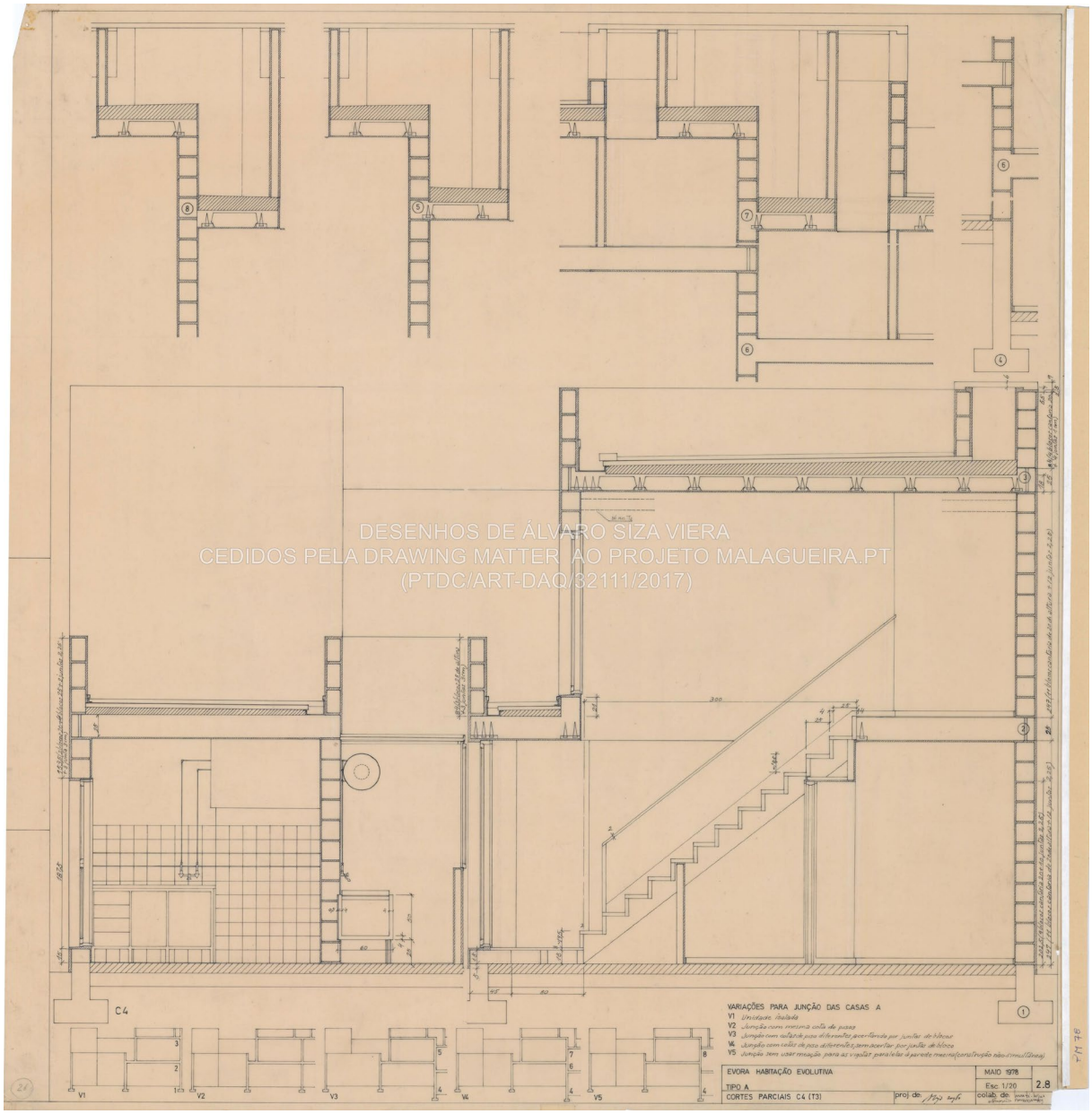


42 Identificação da hierarquização das paredes. 2023. Elaborado pela autora.



DESENHOS DE ÁLVARO SIZA VIEIRA
CEDIDOS PELA DRAWING MATTER AO PROJETO MALAGUEIRA.PT
(FTDC/ART-DAO/32111/2017)

43 Desenhos técnicos da tipologia A de 1978. Fornecido pelo arquivo Drawing Matter ao projeto Malagueira.PT. EM-HETA-03.

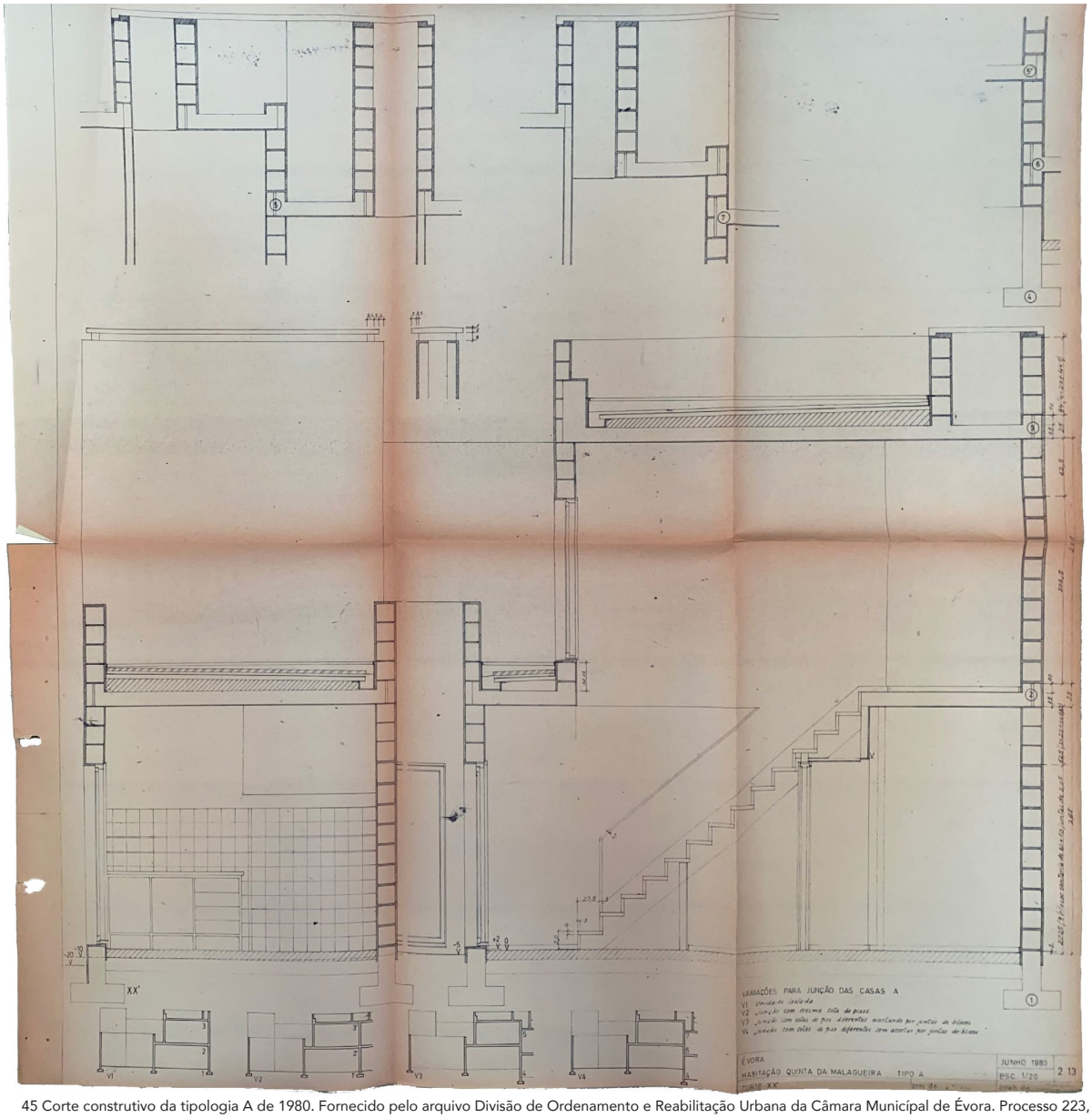


44 Corte construtivo da tipologia A de 1978. Fornecido pelo arquivo Drawing Matter ao projeto Malagueira.PT. EM-HETA-08.

Segunda fase

Com o poder económico do país a crescer, a pressão do mercado começou a desaparecer permitindo às cooperativas e entidades contratarem outros fornecedores de materiais mudando o sistema estrutural das habitações previamente desenhadas. A mudança não teve impacto na estética das habitações evolutivas visto que incorpora os pilares e as vigas nas paredes e nos pavimentos (DUARTE, 2001: 132).

O conjunto de habitação do tipo A com data de 1980 – subtipo Ac – regista algumas diferenças no sistema construtivo. As lajes são de betão armado, mas as paredes continuam a ser em alvenaria de blocos de betão, com armaduras em ferro no seu interior e preenchidas com betão. Tudo o resto se manteve (Figura 45).



45 Corte construtivo da tipologia A de 1980. Fornecido pelo arquivo Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana da Câmara Municípal de Évora. Processo 223, caixa 03.

Terceira fase

A partir de 1988, começaram a ser construídas as 4 tipologias das habitações não evolutivas.

O sistema estrutural com fundações em sapatas, pilares e vigas de betão armado foi construído *in situ*. As restantes características das casas dependem da tipologia. Os revestimentos, pavimentos, espessuras e materialidade dos vãos mantiveram-se. A maior alteração na construção deu-se nas habitações não evolutivas, onde são utilizadas sobretudo materiais e espessuras diferentes.

As lajes entre pisos são de 20 centímetros de espessura. As coberturas das habitações não evolutivas não têm acesso e assemelham-se às coberturas não acessíveis das habitações evolutivas: laje aligeirada com vigotas pré-fabricadas e abobadilhadas, betão leve com agregados de argila expandida, chapa de fibrocimento e seixo rolado (FERREIRA e BARTOLOMEU e PINA e GOUVEIA, 2022).

As paredes das habitações contêm uma hierarquia à semelhança das habitações evolutivas, e as suas espessuras dependem de tipologia para tipologia. As paredes exteriores podem variar entre 36 centímetros e 40 centímetros e podem ter duas composições: parede dupla com bloco de betão com 20 centímetros no exterior, isolamento térmico com 3 centímetros,

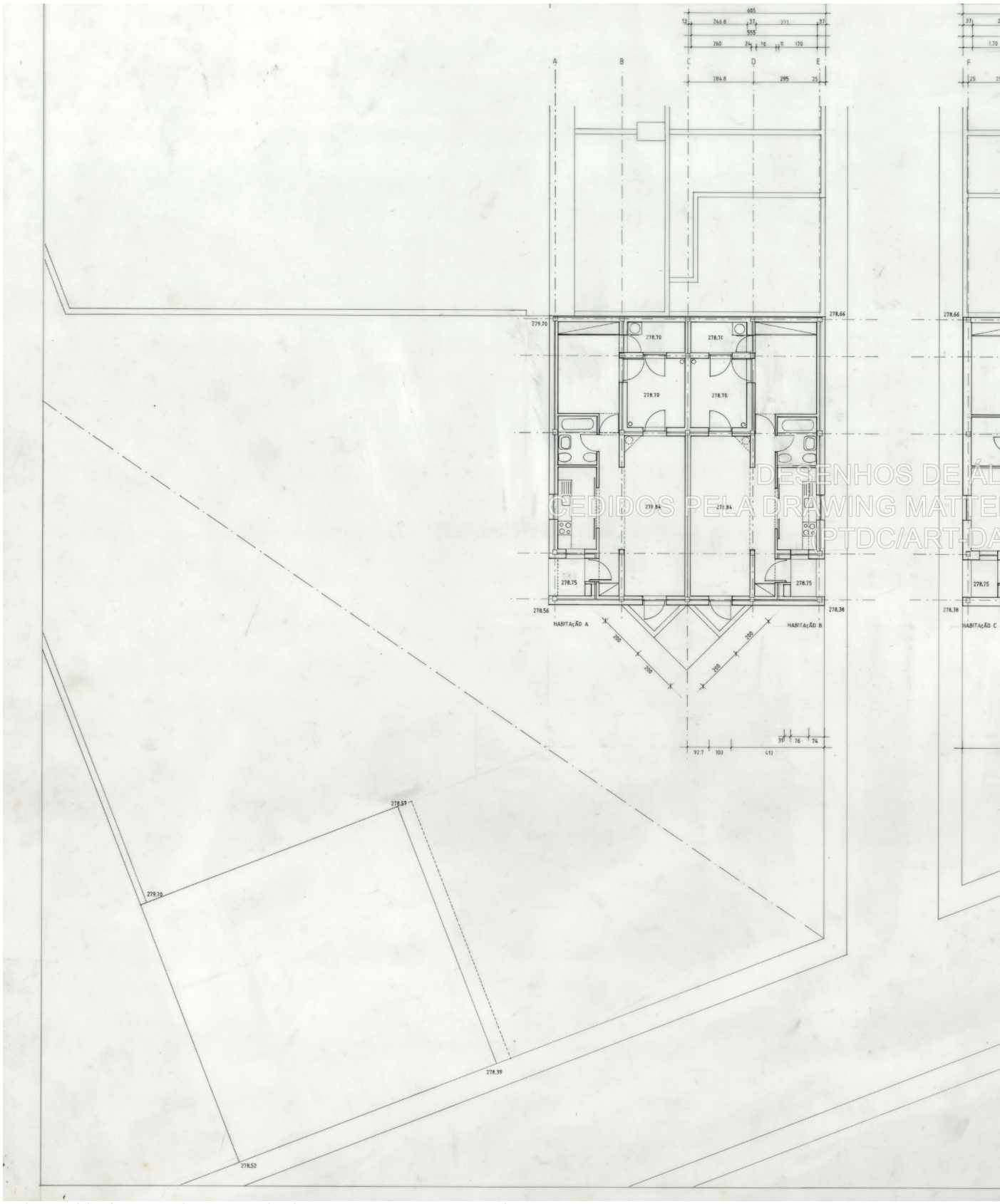
tijolo cerâmico com 7 centímetros no interior; parede exterior dupla em alvenaria de tijolo cerâmico furado com 20 centímetros, caixa de ar com 2 centímetros, isolamento térmico com 4 centímetros, tijolo cerâmico furado com 20 centímetros.

As paredes interiores têm 11 centímetros e podem ser de tijolo cerâmico rebocadas e estucadas ou tijolo de betão rebocado.

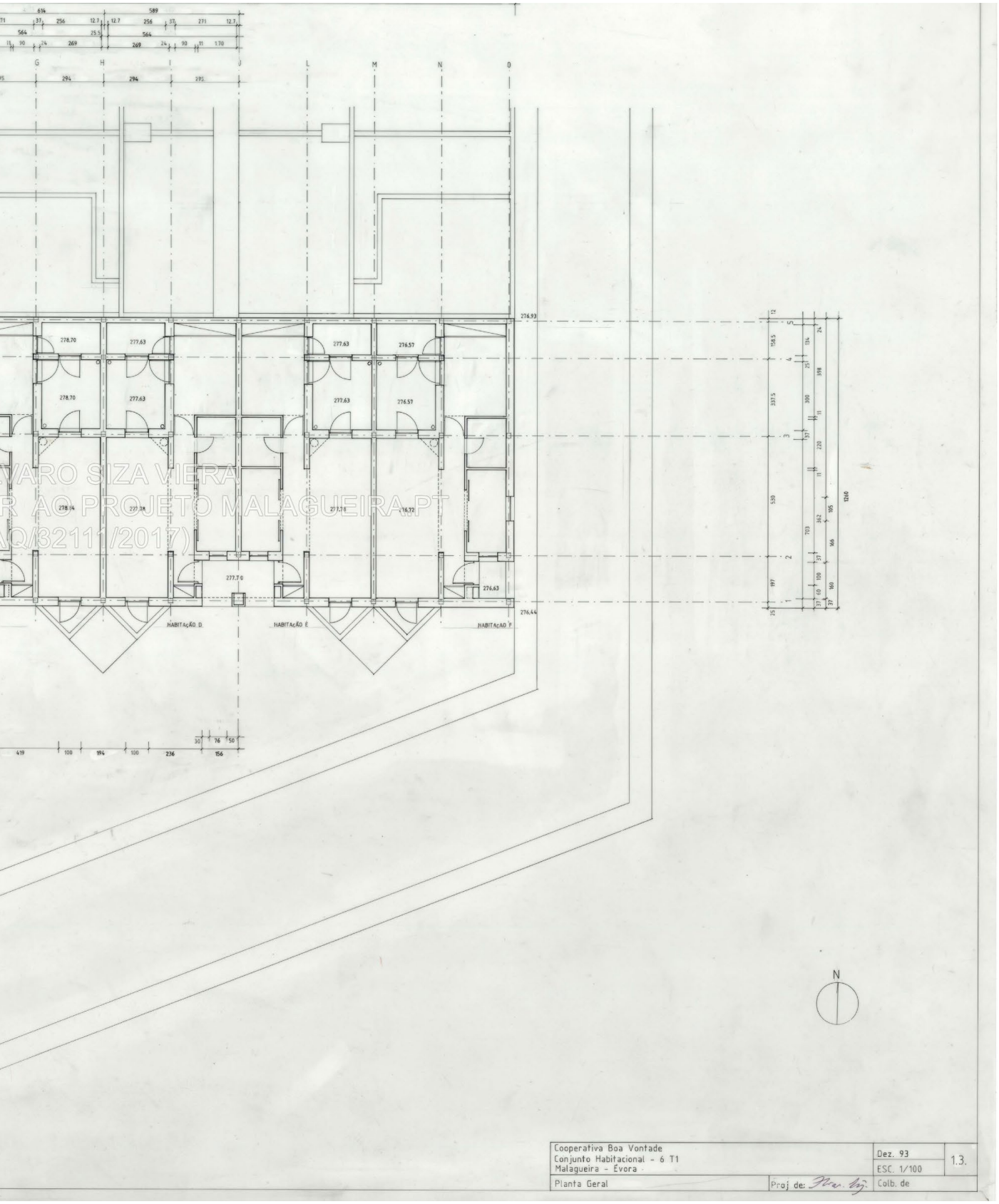
Os pavimentos são revestidos a madeira ou a cerâmico.

Os acessos verticais das habitações têm as mesmas características que as evolutivas, ou seja, a sua estrutura é composta por betão e revestida a madeira. A composição dos vãos destas habitações não se alteram em relação às habitações evolutivas.

46 Construção. S.d. Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora. AC/11.20/29.



47 Planta geral do subtipo não evolutivo Y. Fornecido pelo arquivo Drawing Matter ao projeto Malagueira.PT


G
H
I
J
L
M
N
O
276.93
278.70
277.63
277.63
276.57
278.70
277.63
277.63
276.57
277.70
276.63
276.44
HABITAÇÃO D
HABITAÇÃO E
HABITAÇÃO F
N
Cooperativa Boa Vontade
Conjunto Habitacional - 6 T1
Malagueira - Évora
Planta Geral
Proj de:
Dez. 93
ESC. 1/100
Colb. de
1.3.

Habitações em lotes comerciais

A composição do Bairro da Malagueira é maioritariamente habitacional. Mas, como previsto no Plano de Pormenor, para além dos vários equipamentos projetados, foram previstos espaços comerciais com habitação no primeiro piso.

Estes espaços comerciais têm a sua própria regulamentação de construção (Anexo F). Apresenta regras de dimensionamento dos lotes, das áreas de construção dos pisos, dos alinhamentos das cérceas, das medidas dos alçados, dos vãos obrigatórios, da possibilidade de abrir vãos nos diferentes alçados e dos materiais que podem ser utilizados.

No regulamento existem determinadas especificações para a construção dos lotes comerciais. Uma das primeiras é a ocupação de comércio no piso zero (R/C) e a possibilidade de ocupação para habitação ou escritório no primeiro piso. São variantes introduzidas pelo arquiteto Siza, que possibilitam uma alteração do programa. Assim, o primeiro piso é um espaço polivalente, o que confere ao bairro variadas funções. Outras especificações são: o cumprimento do Regulamento Geral das Edificações urbanas; os requerimentos à CME sobre a implantação, cotas de soleiras e cérceas; o exterior rebocado e caiado a branco; as coberturas em terraço; as ombreiras em mármore branco caiados em rosa obrigatórias no primeiro piso; a possibilidade de utilizar soco caiado nas cores tradicionais

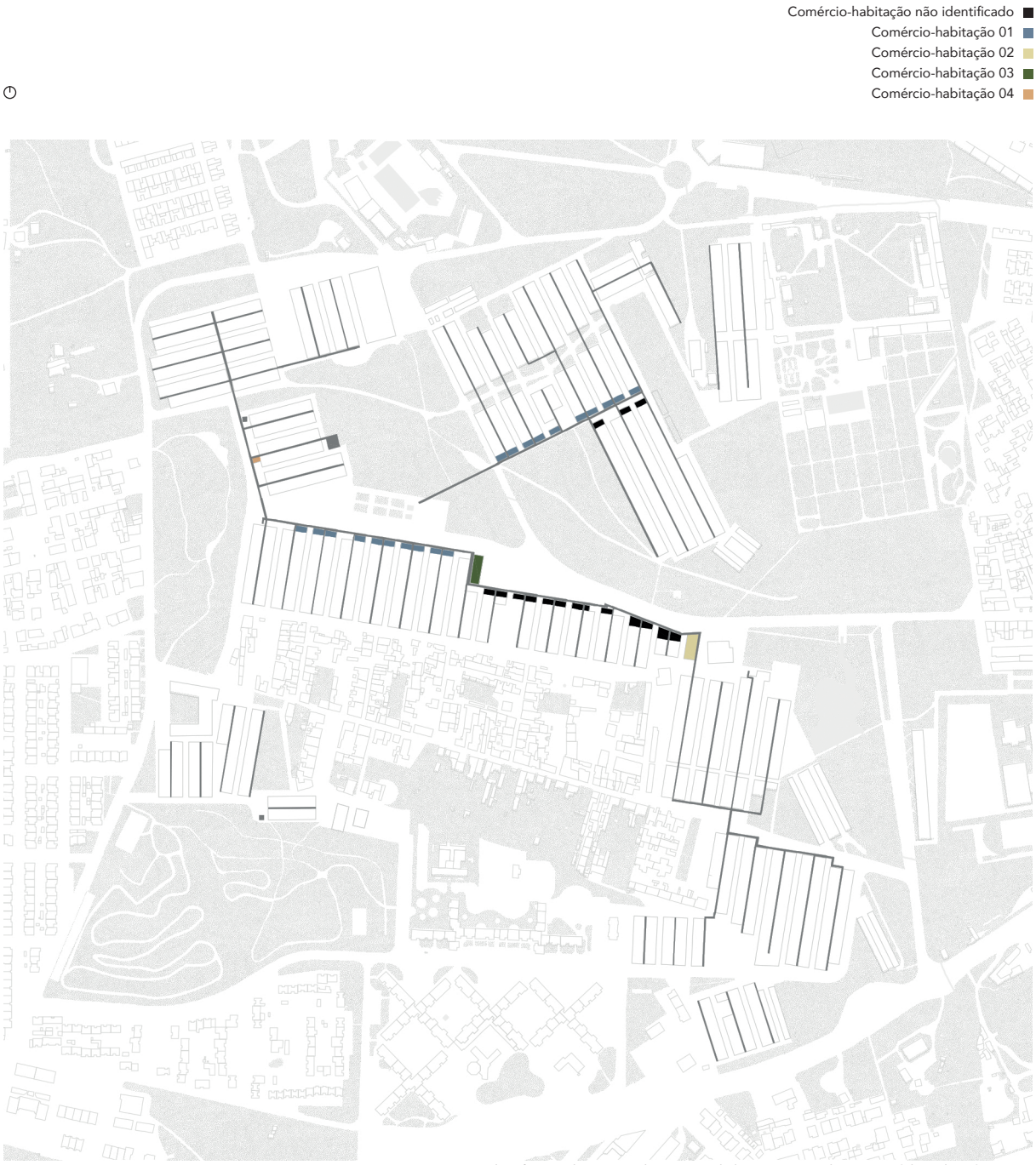
e sem saliências; as caixilharias obrigatoriamente em ferro esmaltado com um máximo de duas folhas por porta/janela; se houver gradeamentos têm que ser obrigatoriamente no interior; a proibição de saliências; os anúncios luminosos devem ser em tubo de néon, ou em painel pintado à face do reboco da fachada, ou em painéis de azulejo branco ou mármore branco colocados de forma a não romper a superfície a cima dos 2,2 metros; o número de policia registado em chapa esmaltada de 13 centímetros por 18 centímetros; a galeria pública não poderá em nenhum caso ser fechada visto que a sua função é de passeio coberto. (DORU, 1989)

Da análise dos documentos dos arquivos municipais da CME, foi possível identificar 4 tipos de comércio-habitação (Figura 48). Todos apresentam duas características comuns: a situação do comércio no piso térreo e habitação/escritório no primeiro piso e a forte ligação à conduta principal - a que une todas as ramificações de cada bloco habitacional.

Alguns destes lotes comerciais apresentam maior área de construção do que outros. O mais comum é o «Comércio-Habitação 01» localizado na zona central do bairro, voltado para a zona nuclear do bairro – o jardim da Malagueira e a Praça Zeca Afonso. O «Comércio-Habitação 02» localiza-se a este do bairro, numa região mais discreta que liga a Avenida da Malagueira às

habitações a sudeste do bairro. O «Comércio-Habitação 03» localiza-se também na praça Zeca Afonso, como o «Comércio-Habitação 01», mas com uma arquitetura diferente, construídos em épocas distintas. O «Comércio-Habitação 04» localiza-se a noroeste do bairro, numa região sobretudo habitacional.

Nota: As denominações dadas a cada tipo de comércio-habitação são da autoria do autor.



48 Mapa com a identificação dos 4 tipos de comércio-habitação registados. 2023. Elaborado pelo autora.

49 Plantas dos tipos de comércio-habitação. 2023. Elaborado pela autora com base desenhos de arquivo (Anexos G, H e I).

Conclusão

Durante 18 anos, Siza desenhou um total de 45 tipologias que foi possível registar através dos documentos de arquivo, de teses de doutoramento e dos textos e entrevistas ao arquiteto.

Com esta análise às habitações na Malagueira conclui-se que as habitações passaram por várias fazes durante a construção do bairro, tanto a nível espacial como a nível estrutural. Isto fez com que ao longos dos anos as habitações fossem evoluindo a estes dois níveis, adaptando-se à forma de viver e à disponibilidade dos materiais de cada época.

04

O Projeto

Neste capítulo é colocada em perspetiva a análise feita previamente.

O objetivo é utilizar os princípios de projeto do Siza, previamente estudados, num trabalho de projeto que visa atender as necessidades de habitação na atualidade.

Análise de alterações: lotes vazios

Quando o Bairro da Malagueira é colocado em análise a nível territorial, é possível identificar duas malhas urbanas: a contínua – representa as malhas habitacionais; a descontínua – representa os vazios urbanos. Dentro da continuidade do bairro é possível observar lotes onde era prevista construção, segundo o Plano de Pormenor desenhado pelo arquiteto Siza, que se encontram vazios, sem construção.

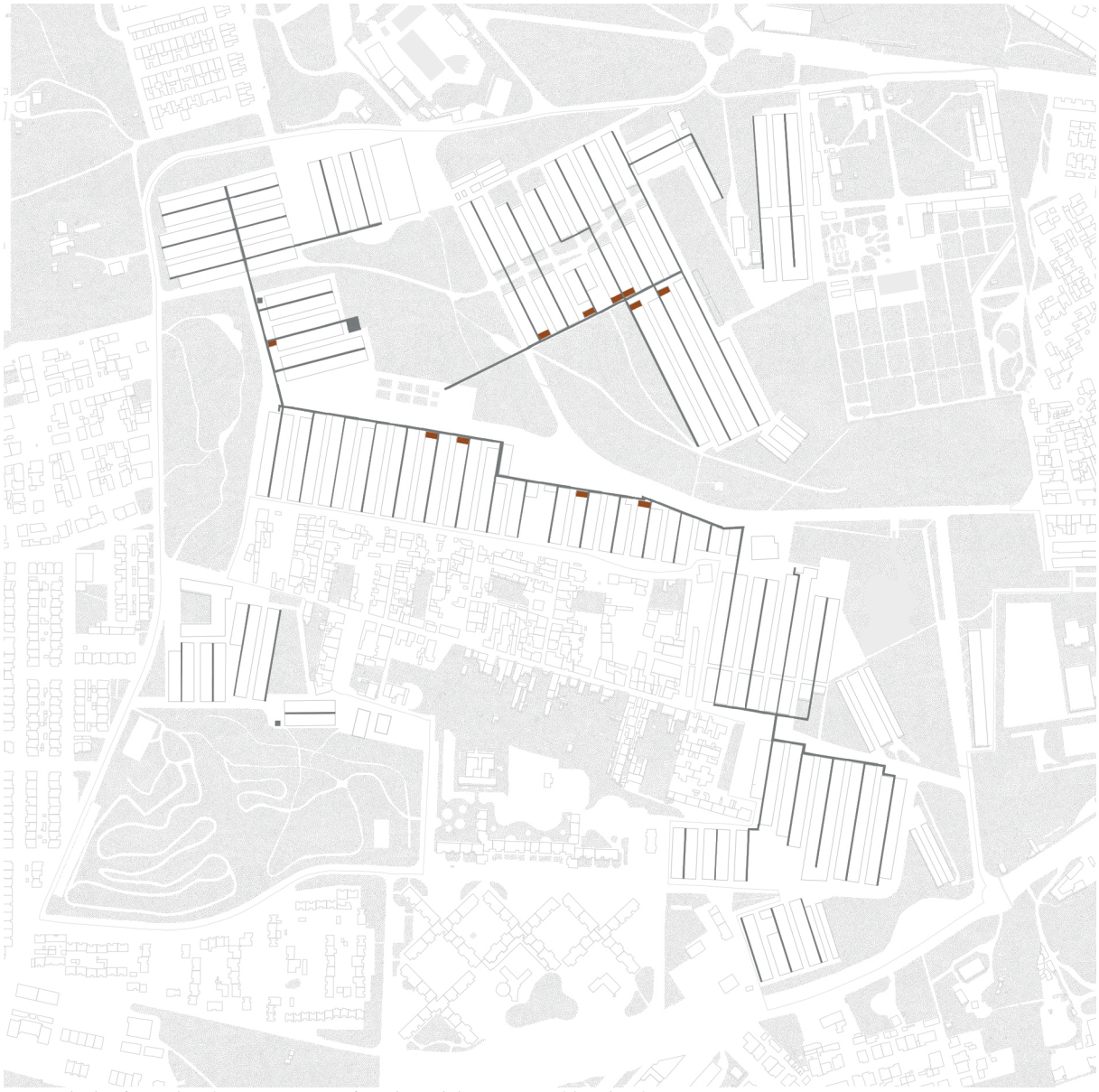
Um dos «fenómenos» que persiste no bairro é a alteração das especificações definidas nos regulamentos de construção do projeto. Observa-se esta situação nas habitações e também nos espaços comerciais. O mapa da figura 51 identifica 11 lotes comerciais com alteração de uso para habitação. Esta alteração vai contra o plano e refletem a atual necessidade de habitação. Por outro lado, observam-se lotes residenciais e comerciais sem construção. Para a resolução destes vazios que se encontram devolutos e descaracterizados, propõem-se a sua reabilitação, respondendo às necessidades verificadas atualmente.

O mapa da figura 52 identifica 14 lotes vazios, comerciais, residenciais e espaço público, segundo o Plano de Pormenor de Siza. Através do trabalho de campo confirma-se que estava prevista a construção nesses espaços vazios. As figuras 53, 54 e 55 são imagens dos 14 lotes identificados. Os lotes A e F deram origem a vegetação espontânea, enquanto os restantes

deram origem a espaços de estacionamento improvisados pelos moradores do bairro. Nos lotes B, C, H, I e K observam-se vestígios de construção das paredes meeiras iniciadas e abandonadas.

50 Descontinuidade dos materiais. 2023. Fotografia da autora.

■ Comércio transformado em habitação



51 Mapa de identificação de 11 lotes comerciais transformados em habitação. 2023. Elaborado pelo autor.

0 100

52 Mapa de identificação dos 14 lotes vazios na Malagueira. 2023. Elaborado pelo autor.

A

B

C

D

53 Imagens das regiões A, B, C e D. 2023. Fotografias da autora.

E

F

G

H

54 Imagens das regiões E, F, G e H. 2023. Fotografias da autora.

I

J

K

L

55 Imagens das regiões I, J, K e L. 2023. Fotografias da autora.

A grande escala

A proposta para a escala urbana pretende adaptar os 14 lotes vazios (Figura 52) para diversos usos, respondendo às necessidades dos moradores observados na análise em trabalho de campo.

No projeto à escala urbana existem 2 fatores programáticos – considerar o programa atual dado pelos moradores e considerar o programa do Plano de Pormenor. Os programas para os lotes são: Habitação, comércio local, jardim e estacionamento. A estratégia para a escolha do programa no projeto à escala urbana tem em consideração os dois fatores programáticos e a intenção é criar espaços necessários aos moradores.

As habitações encontram-se em locais onde os lotes fazem parte de um conjunto habitacional com vazios na sua composição. O espaço comercial encontra-se num remate de um conjunto habitacional, à semelhança de outros espaços comerciais contruídos no bairro, nomeadamente no bloco habitacional posterior. Este lote segue o Plano de Pormenor a nível programático. O jardim encontra-se num espaço urbano vazio e tem uma particularidade – foi desenhado um muro onde é possível sentar e no centro existe uma árvore. Daí nasce a ideia de fazer um pequeno jardim. O estacionamento encontra-se numa região onde as habitações do bairro estão desagregadas do restante bairro. O local em questão é utilizado já como

estacionamento improvisado e na região não existem espaços destinados a este efeito, tal como foi previsto no plano, pelo que a estratégia para estes lotes parte desta necessidade.

Lotes vazios a intervir na grande escala
Lotes vazios a intervir na pequena escala
Habitação 01
Comércio 02
Jardim 03
Estacionamento 04

56 Projeto à escala urbana. 2023. Elaborado pelo autor.

A pequena escala

Para o desenvolvimento da proposta, selecionam-se 4 lotes vazios com características distintas: 2 lotes B e C localizados a noroeste e dois lotes identificados K no lado a sudeste do bairro (figuras 53 e 55). As características – como a descontinuidade dos materiais que se aplicam, mostrando a intenção de construir nos lotes, a volumetria dos blocos habitacionais construídos que apresentam uma quebra quando conjugados com a conduta, a forma como se posicionam perante o projeto construído do Siza – são os pontos essenciais para a escolha da passagem para uma escala menor para estes 4 lotes.

As linhas do projeto da pequena escala seguem um pré-existente criado pelos blocos habitacionais a que os lotes estão acompanhados e baseia-se na tentativa de se inserir na imagem do bairro sem a denegrir a nível da volumetria.

Os lotes B e C são de planta retangular de 12 metros por 8 metros. Rematam um conjunto de blocos habitacionais característico da Malagueira, dando-lhes continuidade. Estão contíguos a 3 conjuntos de blocos do tipo Ac, todos eles T3.

Os dois lotes K são de planta irregular, semelhante ao triângulo. As suas características são diferentes de todos os outros espaços residenciais e e comerciais construídos, de planta retangular.

A ideia de projeto para estes 4 lotes é colocar as habitações do bairro em perspetiva, tendo em conta a forma como se vive nos dias atuais. O projeto é o resultado de uma análise atenta dos espaços de todos os subtipos existentes na Malagueira e adaptação das habitações no tempo atual. É proposto o desafio de construir nestes 4 espaços – destinados a comércio segundo o plano – habitações evolutivas nos lotes B e C e habitações não evolutivas nos lotes K.

O programa definido para ambos os lotes são iguais.

Localizam-se no piso térreo os espaços sociais – sala de estar, cozinha e casa de banho de apoio – e no piso superior localizam-se os espaços privados – os quartos e a casa de banho – à semelhança dos lotes residenciais existentes no bairro.

No primeiro piso, existe um núcleo central habitável formado por um vazio limitado pela construção que se desenvolve em torno das paredes da casa. Os móveis estão embutidos e as paredes interiores têm paredes com revestimento em madeira para conferir uma continuidade de materiais entre as paredes e os armários. Existe uma relação espacial e visual direta entre a sala de estar e a cozinha que confere ao espaço mais amplitude.

Nos pisos superiores existe uma maior relação espacial ao

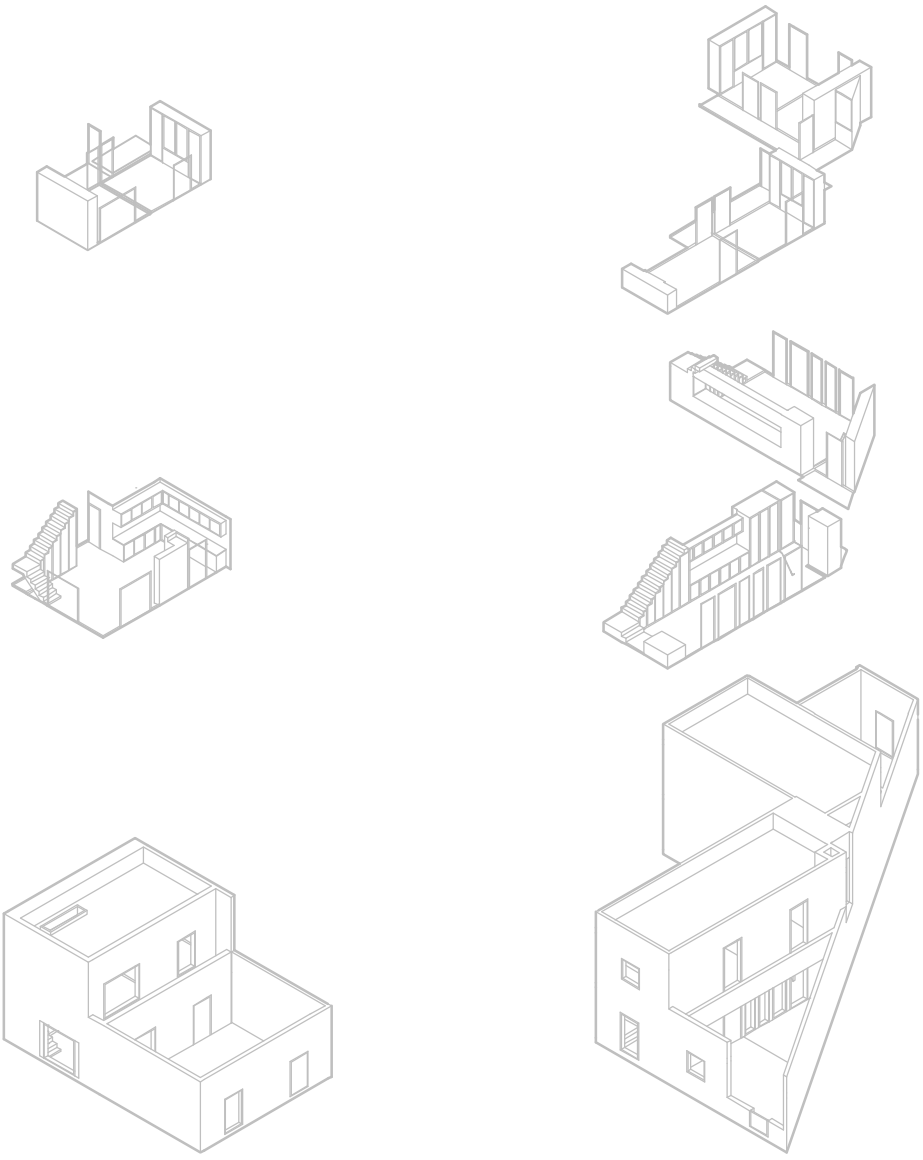
projeto do bairro. As paredes seguem o alinhamento das paredes do projeto de Siza e criam-se os quartos e a casa de banho de apoio aos quartos.

A entrada nas habitações segue a mesma lógica que no projeto do Siza – do exterior para o pátio e do pátio para interior o da habitação.

Um dos elementos mais controversos por parte dos habitantes é o pátio. Muitos constroem no pátio, mas muitos o elogiam. Existe uma importância deste elemento nas casas desenhados por Siza e mantem-se no presente projeto com enorme importância devido à sua característica essencial de espaço exterior privado.

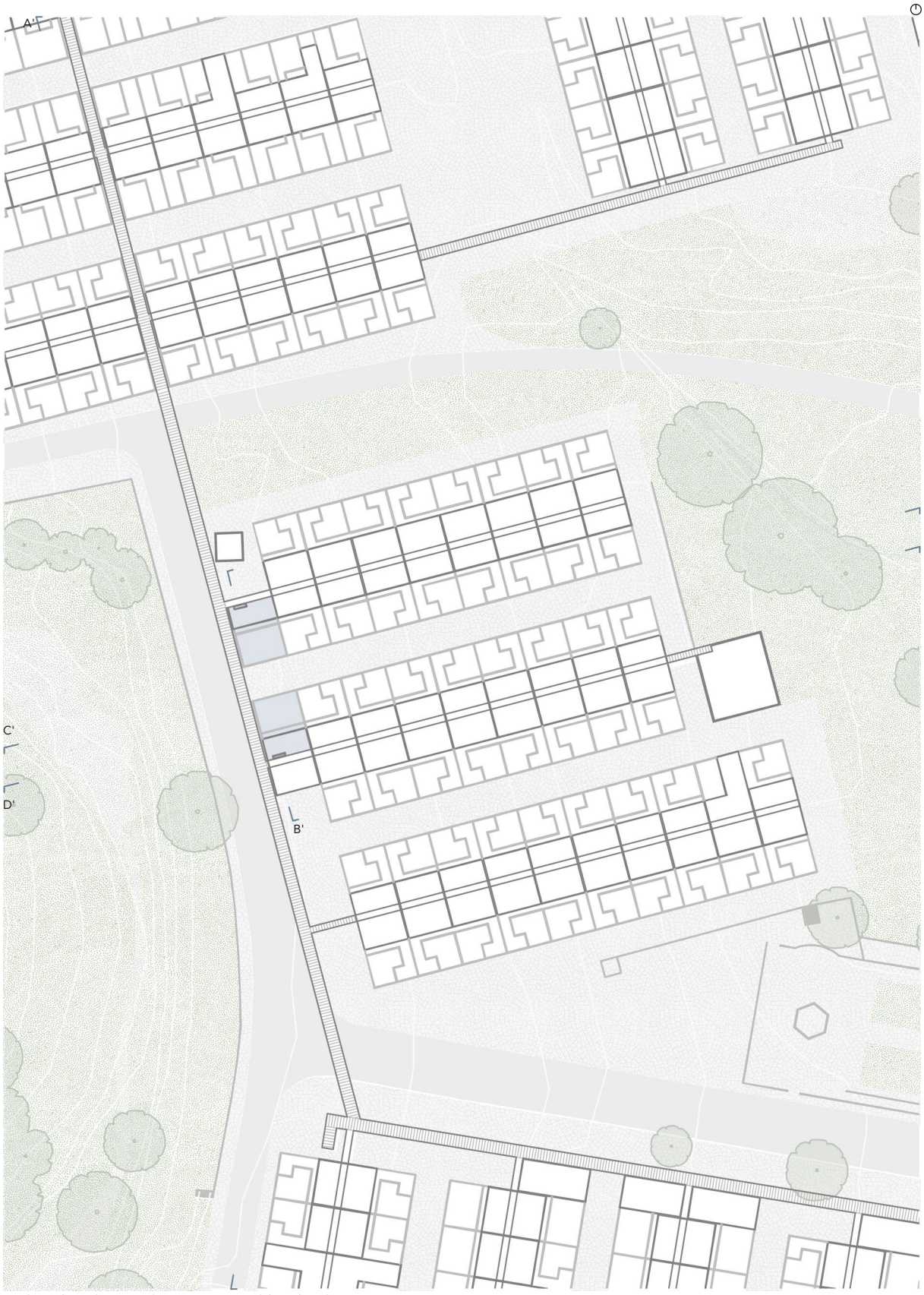
O projeto para os lotes de planta retangular é inspirado do subtipo E desenhado por Siza para si próprio, a sua casa na Malagueira e à semelhança das habitações contíguas do subtipo Ac é uma casa evolutiva de T2 para T3.

No projeto dos lotes de planta triangular, propõe-se um apontamento de reabilitação contemporâneo, abrindo na fachada cega um pequeno vão alinhado com a conduta para conferir uma certa tensão entre o elemento das infraestruturas aéreas e as habitações.



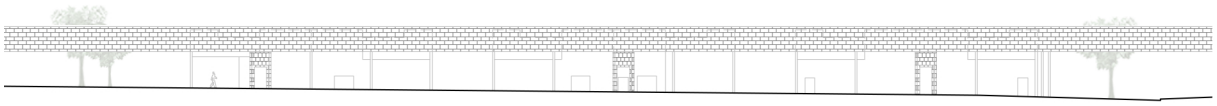
0 5

57 Axonometrias - lotes B, C e K. 2023. Elaborado pelo autor.

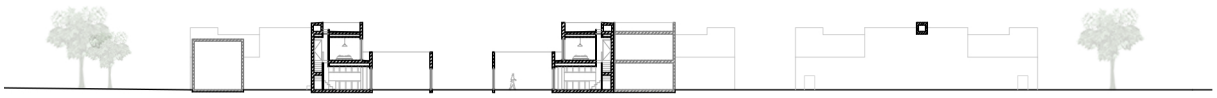


58 Planta de implantação - lotes B e C. 2023. Elaborado pelo autor.

59 Planta de implantação - lotes K. 2023. Elaborado pelo autor.

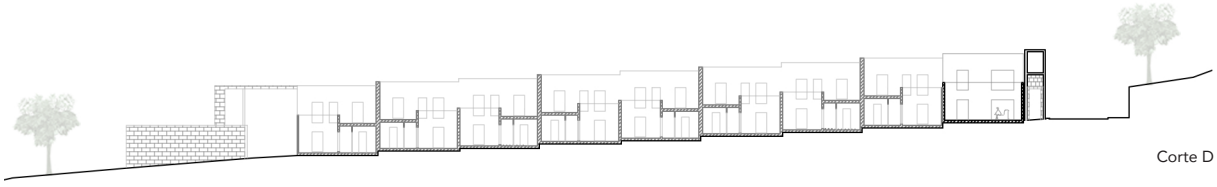


Corte A



Corte B

Corte C



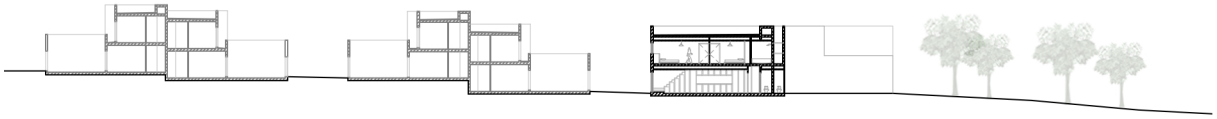
Corte D

60 Cortes A', B', C' e D' - lotes B e C. 2023. Elaborado pelo autor.

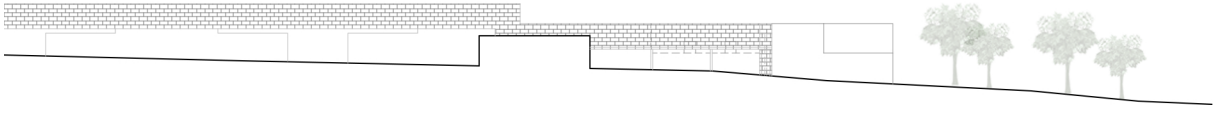
0 10

Corte E

Corte F



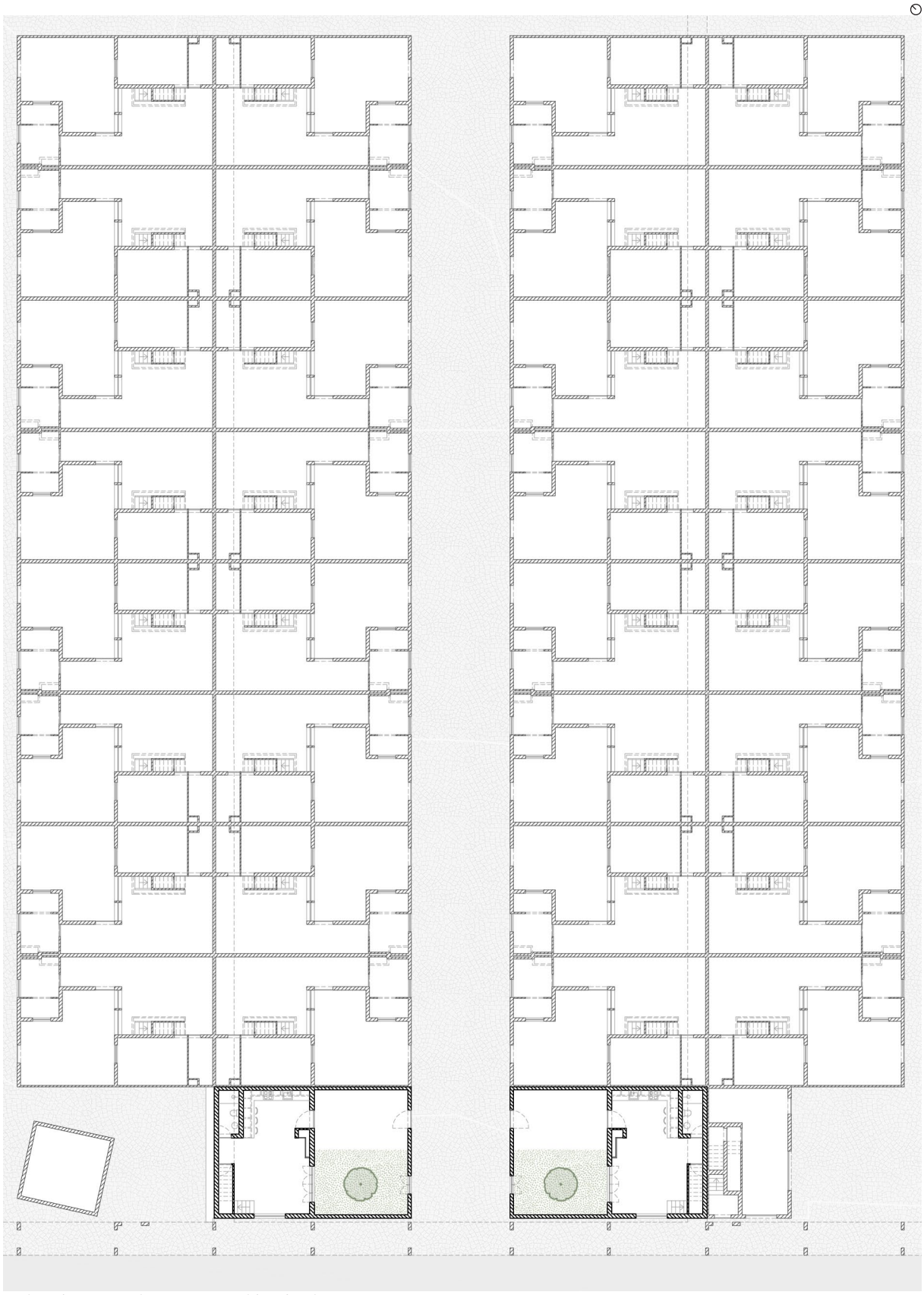
Corte G



Corte H

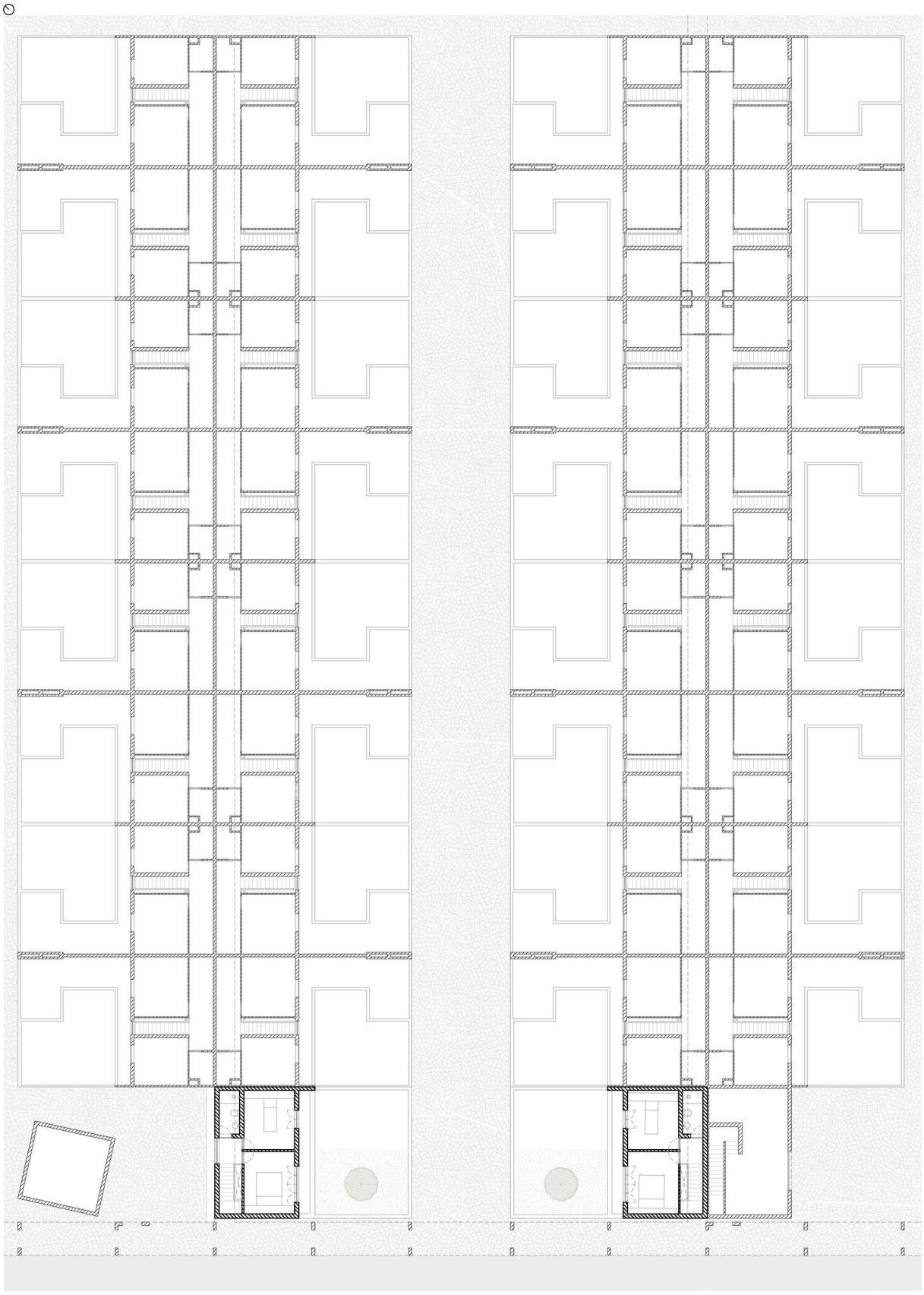
0 10

61 Cortes E', F', G' e H' - lotes K. 2023. Elaborado pelo autor.



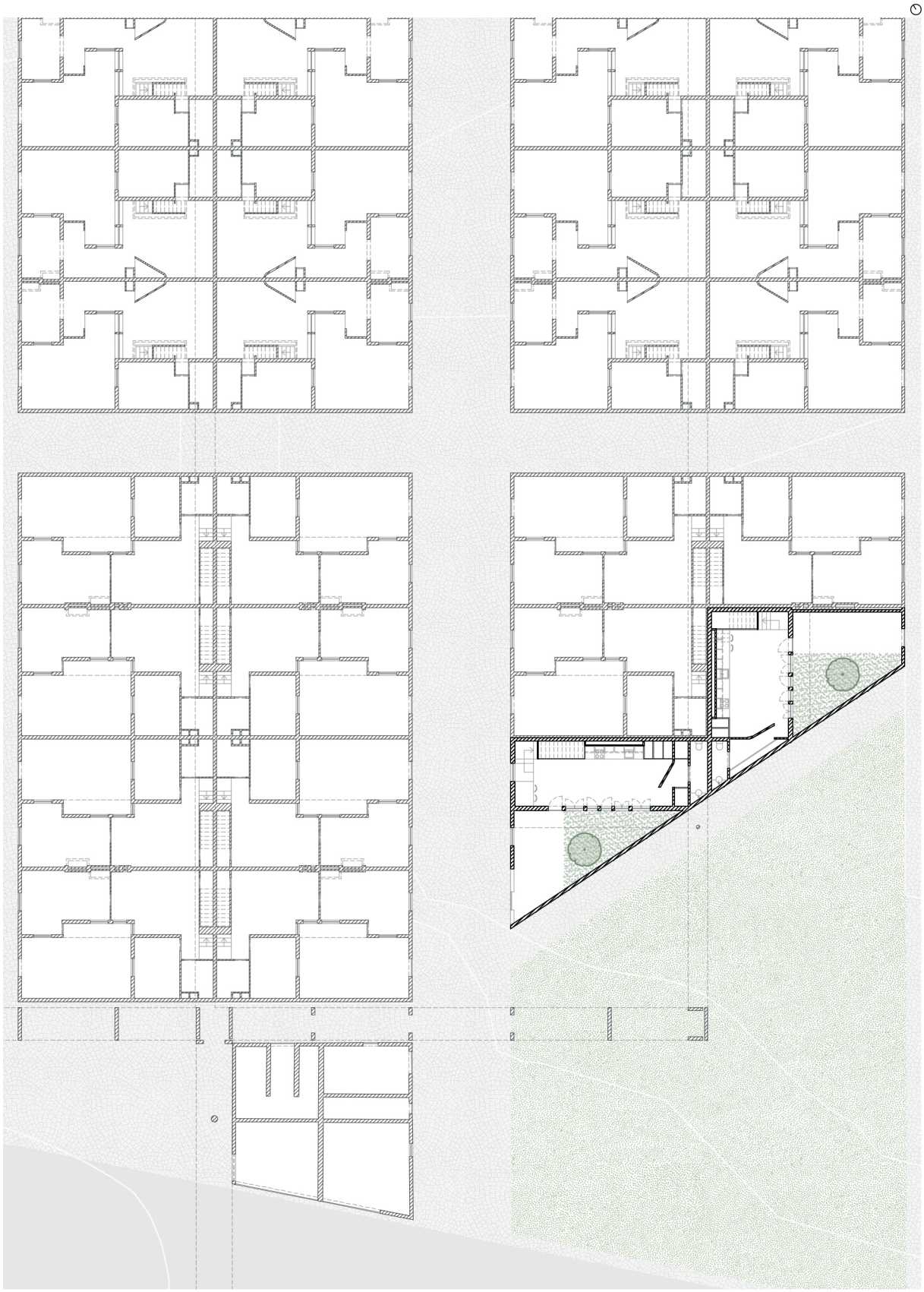
62 Planta do piso 0, T2 - lotes B e C. 2023. Elaborado pelo autor.

0 5



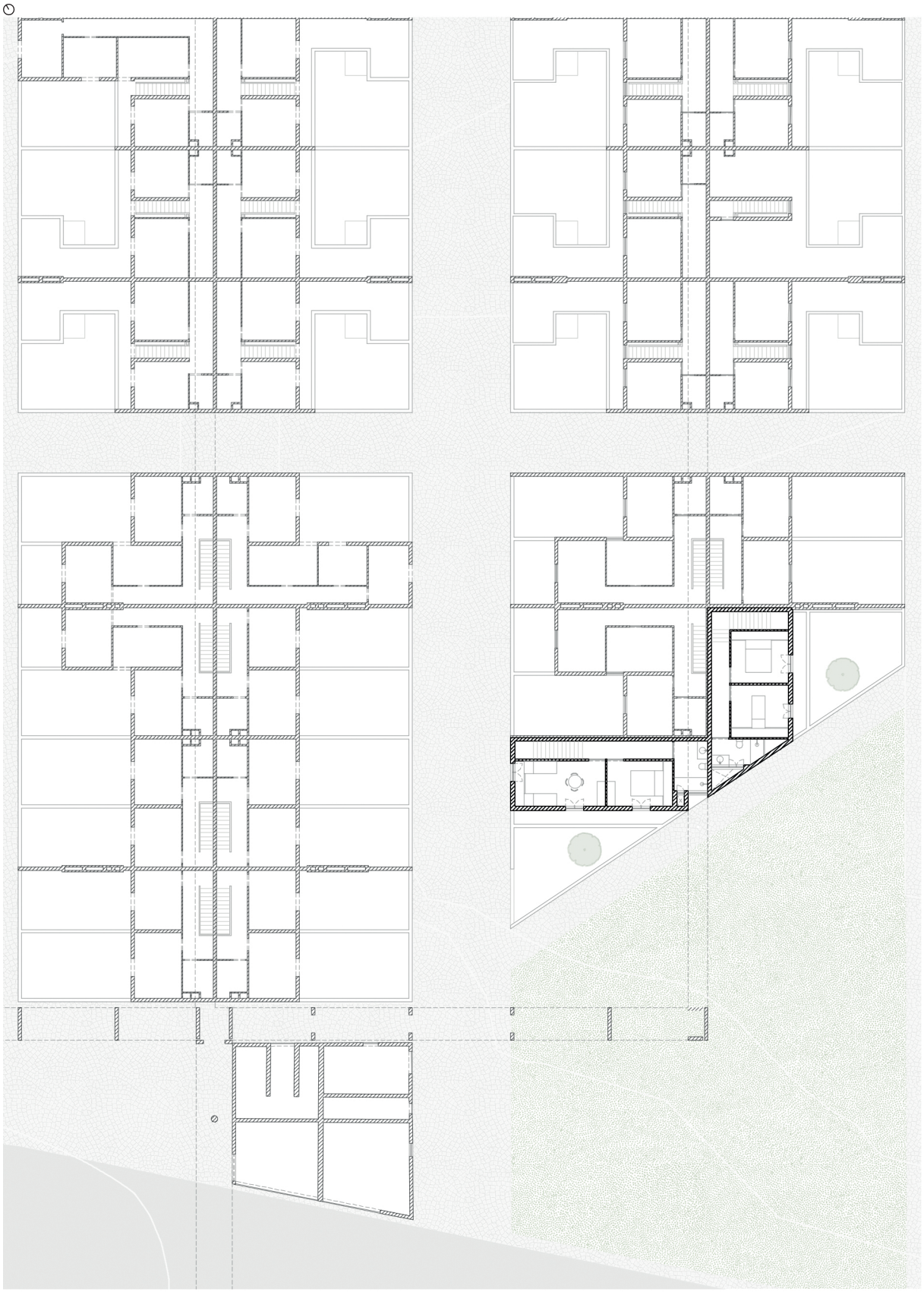
0 5

63 Planta do piso 1, T2 - lotes B e C. 2023. Elaborado pelo autor.



64 Planta do piso 0 - lotes K. 2023. Elaborado pelo autor.

0 5



0 5

65 Planta do piso 1 - lotes K . 2023. Elaborado pelo autor.

A nível construtivo, o projeto tem muitas semelhanças às casas do bairro, no entanto melhorando-se o isolamento térmico. A estrutura é em betão armado e consiste em fundações em sapatas isoladas, pilares e vigas de betão armado construído in situ. Na dos lotes de planta retangular são utilizados 6 pilares e nos lotes de planta triangular são utilizados 9 pilares.

As paredes exteriores são compostas por blocos em betão leve de agregados de argila expandida com 15 centímetros e 20 centímetros de espessura. É utilizado o sistema ETICS para conferir isolamento térmico exterior evitando pontes térmicas, visto que Évora é uma cidade no Alentejo, onde as temperaturas variam muito ao longo do dia dependendo das estações. As paredes interiores são compostas por uma estrutura leve. Nos espaços de sala de estar, cozinha e dos quartos, as paredes adjacentes aos armários são em madeira e as restantes são em gesso cartonado pintado de branco. As da casa de banho são revestidas a azulejo à semelhança ao projeto do Siza.

No piso térreo, o pavimento do pátio é composto por uma camada de calçada cúbica colocada sobre uma camada de enrocamento de pedra. O pavimento no interior da habitação – sala de estar/ cozinha e casa de banho – é composto por uma camada de betonilha alisada de cor branca sobre uma camada betão leve com agregados de argila expandida, que por sua vez é

colocada sobre uma camada de enrocamento de pedra. É utilizado um sistema de teto falso para ocultar as vigas, reduzindo o pé-direito de 2,65 metros para 2,30 metros.

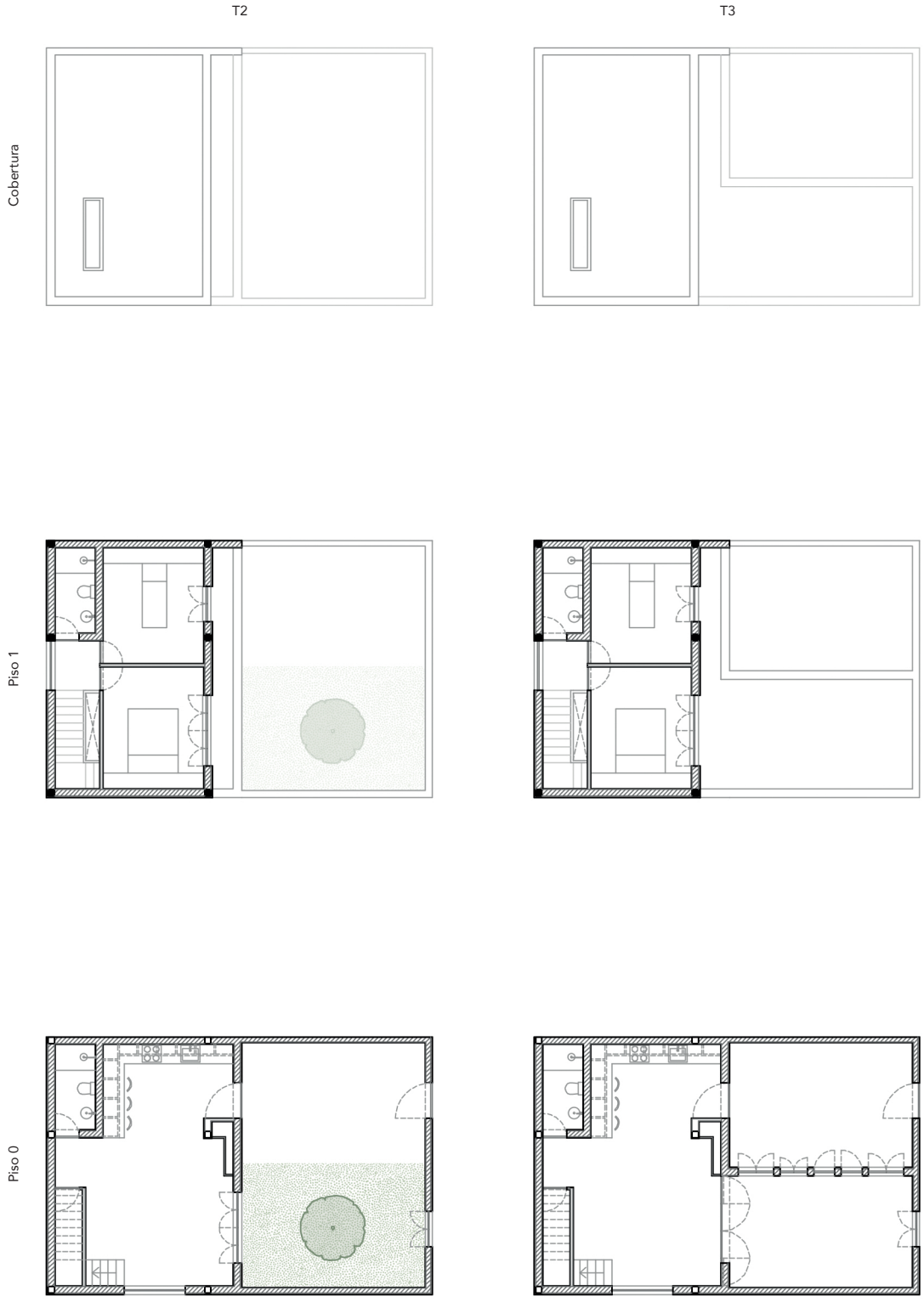
No piso superior, o pavimento dos quartos e do corredor é em madeira aplicado sobre uma laje de betão armado. O revestimento na casa de banho é uma camada de betonilha alisada de cor branca.

Existem dois tipos de cobertura – acessível e não acessível. A cobertura acessível é composta por uma laje contínua de betão armado, camada de betão leve com agregados de argila expandida, areia, chapa de fibrocimento, placa de corticite e lajeta de betão. A cobertura não acessível é composta por uma laje contínua de betão armado, camada de betão leve com agregados de argila expandida, impermeabilização, chapa de fibrocimento, geotêxtis e seixo rolado.

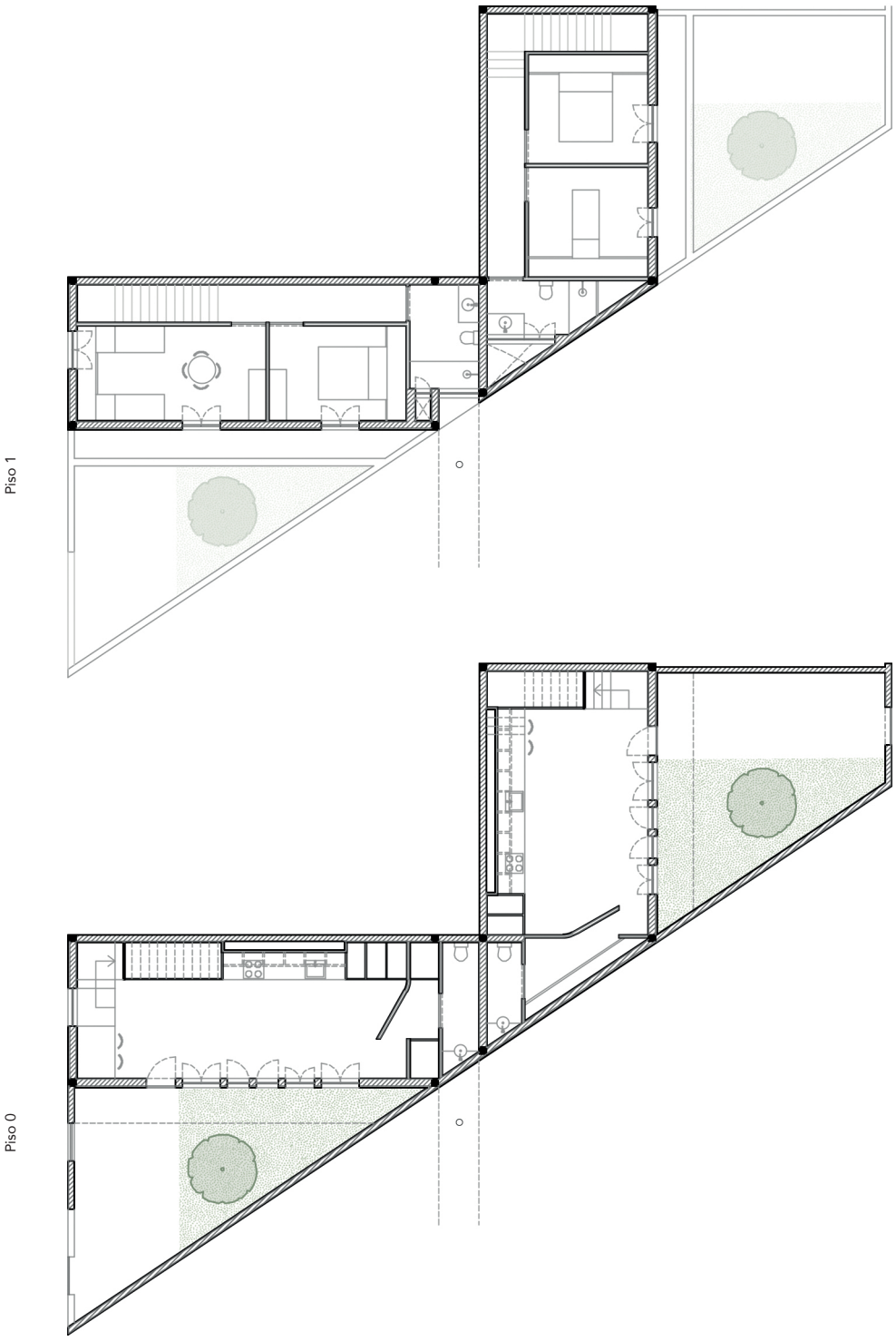
A estrutura dos acessos verticais é composta por betão armado e revestidas a madeira.

A utilização da madeira nos móveis, escadas e rodapés cria tensão com o branco dos restantes elementos – paredes e pavimentos – com o intuito de criar uma relação visual contrastante entre os elementos que desenham os espaços.

0 3

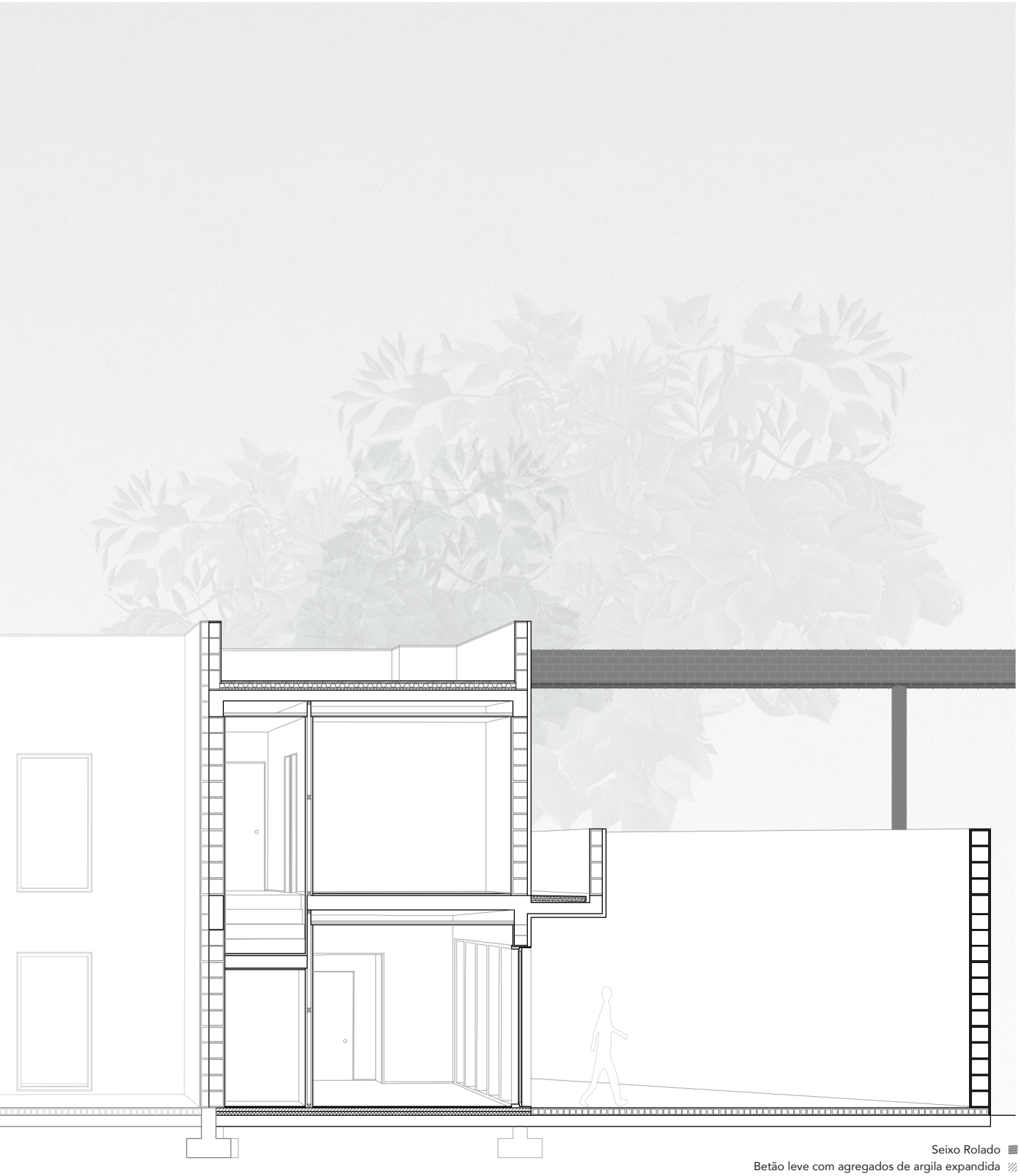


66 Plantas - lotes B, C e K. 2023. Elaborado pelo autor.



Blocos em betão leve de agregados de argila expandida ///
Pilares de betão armado ■

67 Corte construtivo J' - esquerda: projeto do bairro; direita: trabalho de projeto. 2023. Elaborado pelo autor.



Seixo Rolado
Betão leve com agregados de argila expandida
Placa de Corticite
Chapa de fibrocimento
Blocos em betão leve de agregados de argila expandida

III. Conclusões Finais

O Bairro da Malagueira, projeto iniciado em 1977 e com 46 ano de existência, viu a sua construção ser alvo de diversas dificuldades económicas, políticas e socioculturais. Ainda assim, é um dos maiores projetos de bairros sociais em Portugal.

No primeiro capítulo analisámos os princípios de Siza. Conclui-se que os 4 temas apresentados como princípios são temas que se ligam entre si e que são etapas importantes para a construção da arquitetura de Siza.

No segundo capítulo analisámos o Bairro da Malagueira num panorama geral. Conclui-se que o bairro é um projeto bastante complexo e que viu a sua concretização ser dificultado. Ainda hoje, é um projeto considerado inacabado devido à falta da construção dos vários equipamentos propostos.

No terceiro capítulo analisámos as habitações do Bairro da Malagueira de uma forma mais minuciosa. Conclui-se que as habitações tiveram uma construção gradual ao longos dos vários anos de desenvolvimento do projeto. Assim, foram "criados" vazios não intencionais, sem construção.

No quarto e último capítulo foi feita a proposta de intervenção perante a análise previamente efetuada. O projeto foi à procura de um ato simples na reabilitação dos lotes vazios

em construção conforme previsto no Plano de Pormenor. A intenção foi olhar em perspetiva para o projeto habitacional de Siza e compreender de que forma se adapta as casas para a atualidade, quase 50 anos depois, onde houve uma evolução na forma de viver e de projetar.

O trabalho de projeto oferece 2 novas tipologias, numa tentativa de procurar a adaptação das existentes, nunca esquecendo o espírito do lugar e os princípios de projeto de Siza. Procurou-se criar com novos materiais e novas espacialidades tipologias adaptadas aos dias de hoje.

IV. Índice de Figuras

01 Ortofotomapa da cidade de Évora. [Sem escala]. 2023. Elaborado pela autora através do Google Earth.

02 Rua do Chiado no Bairro da Malagueira. 2022. Fotografia da autora.

03 Anfiteatro do Bairro da Malagueira. 2022. Fotografia da autora.

04 Vista aérea do Bairro da Cruz Picada e Escusa Sacos. S.d. Fotografia fornecida pela Associação de moradores da Malagueira.

05 Esquisso do Bairro da Malagueira. Álvaro Siza. S.d. Caderno 1: p39. Fonte: Arquivo Drawing Matter.

06 Chiado. 2022. Fotografia da autora.

07 Esquisso das casas do Bairro da Malagueira. Álvaro Siza. 1977. Caderno 13: p27. Caneta em papel, 300 × 210 mm. Fonte: Arquivo Drawing Matter - 2514.27.

08 Pavilhão de Portugal. Gabriele Basílico. 2003. Fonte: Arquivo Fotográfico de Lisboa. PT-AMLSB-BSL-000005.

09 Interseção de materiais no Jardim dos Socalcos no Bairro da Malagueira. 2022. Fotografia da autora.

10 Escola Superior de Setúbal. 2022. Fotografia da autora.

11 Rua do Chiado e Jardim do Lago no Bairro da Malagueira. 2022. Fotografia da autora.

12 Vistas aéreas. 1988. Fotografia de Roberto Collovà. Fonte: MOLTENI, Enrico. (1997). Alvaro Siza: Barrio de La Malagueira, Evora. Barcelona: UPC ETSAV.

13 Mapa do Plano de Expansão do Oeste. [1:12500]. 2023. Elaborado pela autora com base em João Galhardo dos Santos e documentos de arquivo (anexo 00).

14 Vistas aéreas. 1991. L'Architecture d'Aujord'hui. nº278. Fonte: MOLTENI, Enrico. (1997). Alvaro Siza: Barrio de La Malagueira, Evora. Barcelona: UPC ETSAV.

15 Mapa da identificação dos eixos principais do Bairro da Malagueira e dos bairros adjacentes. [1:12500]. 2023. Elaborado pela autora com base no mapa de Pedro Guilherme.

16 Garagens no Bairro da Malagueira. 2022. Fotografia da autora.

17 Plano de Pormenor de Siza. [Sem escala]. 1977. Fornecido por João Galhardo dos Santos. Fonte: Drawing

Matter Online.

18 Identificação dos espaços do Plano de Pormenor. [1:15000]. 2023. Elaborado pela autora.

19 Casa na Rua do Meio no Bairro da Malagueira. 2023. Fotografia de Hugo Velhinho.

20 Casas na Rua Paula Vicente no Bairro da Malagueira. 2023. Fotografia de Hugo Velhinho.

21 Mapa de identificação dos financiamentos. [1: 6500]. 2023. Elaborado pelo autor com base em José Pinto Duarte (2001).

22 Tabela das tipologias desenhadas por Siza e Lopes. 2023. Elaborado pela autora a partir de José Pinto Duarte (2001).

23 Mapa de identificação dos subtipos. [1: 6500]. 2023. Elaborado pelo autor com base em José Pinto Duarte (2001).

24 Mapa de identificação das variações tipológicas. [1:6500]. 2023. Elaborado pelo autor com base em José Pinto Duarte (2001).

25 Planas e alçados das habitações do Bairro da Malagueira. [1:600]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

26 Tabela de identificação dos espaços das habitações. 2023. Elaborado pela autora.

27 Desenhos técnicos originais das tipologias A e B de 1977. [Sem escala]. Fornecido por João Galhardo dos Santos. Fonte: Arquivo Drawing Matter.

28 Plantas e alçados dos subtipos Aa e Ab. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

29 Plantas e alçados dos subtipos Ab e Ac. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

30 Plantas e alçados dos subtipos Ac e Ad. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

31 Plantas e alçados dos subtipos Ac e Ae. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

32 Plantas e alçados dos subtipos Ac e Ca. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana

Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

33 Plantas e alçados dos subtipos Ca e Cb. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

34 Plantas e alçados dos subtipos Ca e Da. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

35 Plantas e alçados dos subtipos Da e Db. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

36 Plantas e alçados dos subtipos Ac e E. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

37 Plantas e alçados dos subtipos Ba e Bb. [1:350]. 2023. Elaborado por Ana Raquel Henriques e Mariana Almeida com base em José Pinto Duarte (2001).

38 Mapa com a identificação das épocas construtivas. [1:6500]. 2023. Elaborado pelo autor com base em José Pinto Duarte (2001).

39 Identificação das épocas de construção das habitações do bairro [1:15000]. 2023. Elaborado pela autora com base em José Pinto Duarte (2001).

40 Construção. S.d. Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora. AC/11.20/15.

41 Construção. S.d. Fonte: Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora. AC/11.20/11.

42 Identificação da hierarquização das paredes. 2023. Elaborado pela autora.

43 Desenhos técnicos da tipologia A de 1978. [Sem escala]. Fornecido pelo projeto Malagueira.PT. Fonte: Drawing Matter Online. EM-HETA-03.

44 Corte construtivo da tipologia A de 1978. [Sem escala]. Fornecido pelo projeto Malagueira.PT. Fonte: Drawing Matter Online. EM-HETA-08.

45 Corte construtivo da tipologia A de 1980. [Sem escala]. Fonte: Arquivo da Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Évora. Processo 223, caixa 03.

46 Construção. S.d. Fonte:

Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora. AC/11.20/29.

47 Planta geral do subtipo não evolutivo Y. [Sem escala]. 1993. Fornecido pelo projeto Malagueira.PT. Fonte: Drawing Matter Online.

48 Mapa com a identificação dos 4 tipos de comércio-habitação registados. [1:6500]. 2023. Elaborado pela autora.

49 Plantas dos tipos de comércio-habitação. [1:350]. 2023. Elaborado pela autora com base em desenhos de arquivo (anexo 00).

50 Descontinuidade dos materiais. 2023. Fotografia da autora.

51 Mapa de identificação de 11 lotes comerciais transformados em habitação. [1:6500]. 2023. Elaborado pelo autor.

52 Mapa de identificação dos 14 lotes vazios na Malagueira. [1:6500]. 2023. Elaborado pelo autor.

53 Imagens das regiões A, B, C e D. 2023. Fotografias da autora.

54 Imagens das regiões E, F, G e H. 2023. Fotografias da autora.

55 Imagens das regiões I, J, K e L. 2023. Fotografias da autora.

56 Projeto à escala urbana. [1:6500]. 2023. Elaborado pela autora.

57 Axonometrias - lotes B, C e K. [1:400]. 2023. Elaborado pela autora.

58 Planta de implantação – lotes B e C. [1:1000]. 2023. Elaborado pela autora.

59 Planta de implantação – lotes K. [1:1000]. 2023. Elaborado pela autora.

60 Cortes A', B', C' e D' – lotes B e C. [1:750]. 2023. Elaborado pela autora.

61 Cortes E', F', G' e H' – lotes K. [1:750]. 2023. Elaborado pela autora.

62 Planta do piso 0, T2 - lotes B e C. [1:350]. 2023. Elaborado pela autora.

63 Planta do piso 1, T2 - lotes B e C. [1:350]. 2023. Elaborado pela autora.

64 Planta do piso 0 - lotes K. [1:350]. 2023. Elaborado pela autora.

65 Planta do piso 1 - lotes K. [1:350]. 2023. Elaborado pela autora.

66 Plantas - lotes B, C e K. [1:200]. 2023. Elaborado pela autora.

67 Corte construtivo J' - esquerda: projeto do bairro; direita: trabalho de projeto.

[1:75]. 2023. Elaborado pela autora.
68 Gato no pátio de uma casa da Malagueira. 2023. Fotografia da autora.

V. Bibliografia

AFONSO, Simonetta. (1998). Pavilhão de Portugal. Lisboa: Parque das Nações.

ALD Produções. (2021). «Álvaro Siza Vieira | Arquiteto» [vídeo]. ALD Produções. Disponível em WWW: <https://malagueira.pt/bairro-videos> [Consultado em novembro de 2022]

ALD Produções. (2021). «Nuno Ribeiro Lopes | Arquiteto» [vídeo]. ALD Produções. Disponível em WWW: <https://malagueira.pt/bairro-videos> [Consultado em novembro de 2022]

ALD Produções. (s. d.). «História Bairro da Malagueira» [vídeo]. ALD Produções. Disponível em WWW: <https://malagueira.pt/bairro-historia> [Consultado em janeiro de 2023]

BELÉM, Margarida. (2012). O Essencial sobre Álvaro Siza Vieira. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

CME. (2012). Bairro Da Malagueira 35 Anos. Évora: Câmara Municipal Évora.

DORU. (1977). Plano de Pormenor de uma área de 27 Ha integrada no Plano de Expansão Oeste de Évora: Estudos Preliminares – Memória descritiva. Câmara Municipal de Évora. Processo 223, caixa 1. [Consultado em 05 de dezembro de 2022]

DUARTE, José. (2001). Customizing Mass Housing - A Discursive Grammar for Siza's Malagueira Houses. Doctoral dissertation of Philosophy in Architecture: Design and Computation. Massachusetts Institute of Technology.

FERREIRA, Beatriz. BARTOLOMEU, Keren. PINA, Rafael. GOUVEIA, Pedro. (2022). SISTEMAS DE CONSTRUÇÃO II: Cooperativa de Habitação Boa Vontade. Trabalho académico para a UC de Sistemas de Construção II do ano letivo 2021/2022.

FUTAGAWA, Yukio. (1998). ÁLVARO SIZA. GA: DOCUMENT EXTRA, nº11, pp. 118-131.

HENRIQUES, Ana. JESUS, Ana. BARATA, José. (2023). O Metabolismo no Bairro da Malagueira. Trabalho acadé-

mico para a UC de Urbanismo Ecológico do ano letivo 2022/2023. ISCTE. Lisboa.

LÉGER, Jean-Michel. MATOS, Gisela. (2004). Siza Vieira em Évora: Revisitar uma Experimentação. Cidades - Comunidades e Territórios, dezembro 2004, n.0 9, pp. 39-53. Disponível em WWW: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3393> [Consultado em novembro de 2022]

MOLTENI, Enrico. (1997). Alvaro Siza: Barrio de La Malagueira, Evora. Barcelona: UPC ETSAV.

RTP. (1993). «Álvaro Siza» [vídeo]. Arquivo RTP. Disponível em WWW: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/alvaro-siza/> [Consultado em novembro de 2022]

RTP. (1990). «Reconstrução do chiado e Suicídio entre os Jovens» [vídeo]. Arquivo RTP. Disponível em WWW: < https://arquivos.rtp.pt/conteudos/reconstrucao-do-chiado-e-suicidio-entre-os-jovens-parte-i/> [Consultado em dezembro de 2022]

RTP. (1996). «Quinta da Malagueira» [vídeo]. Arquivo RTP. Disponível em WWW: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/quinta-da-malagueira/> [Consultado em novembro de 2022]

SANTOS, João. (2017). A Malagueira como nunca o foi. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Universidade de Évora. Disponível em WWW: <http://rdpc.uevora.pt/handle/10174/21372> [Consultado em outubro de 2022]

SEABRA, Nuno. (2011). Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza. Universidade Lusíada de Lisboa. Disponível em WWW: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/5032> [Consultado em outubro de 2022]

SIZA, Álvaro. (2022). Imaginar a Evidência. Edições 70. Coimbra.

SIZA, Álvaro. (2009). 01Textos. Parceria A. M. Pereira. Porto.

SIZA, Álvaro. (2018). 02Textos. Parceria A. M. Pereira.

Porto.

SIZA, Álvaro. (2018). 03Textos. Parceria A. M. Pereira. Porto.

SIZA, Álvaro. (2022). 04Textos. Parceria A. M. Pereira. Porto.

SIZA, Álvaro. (2000). Reconstrução do Chiado. ICEP.

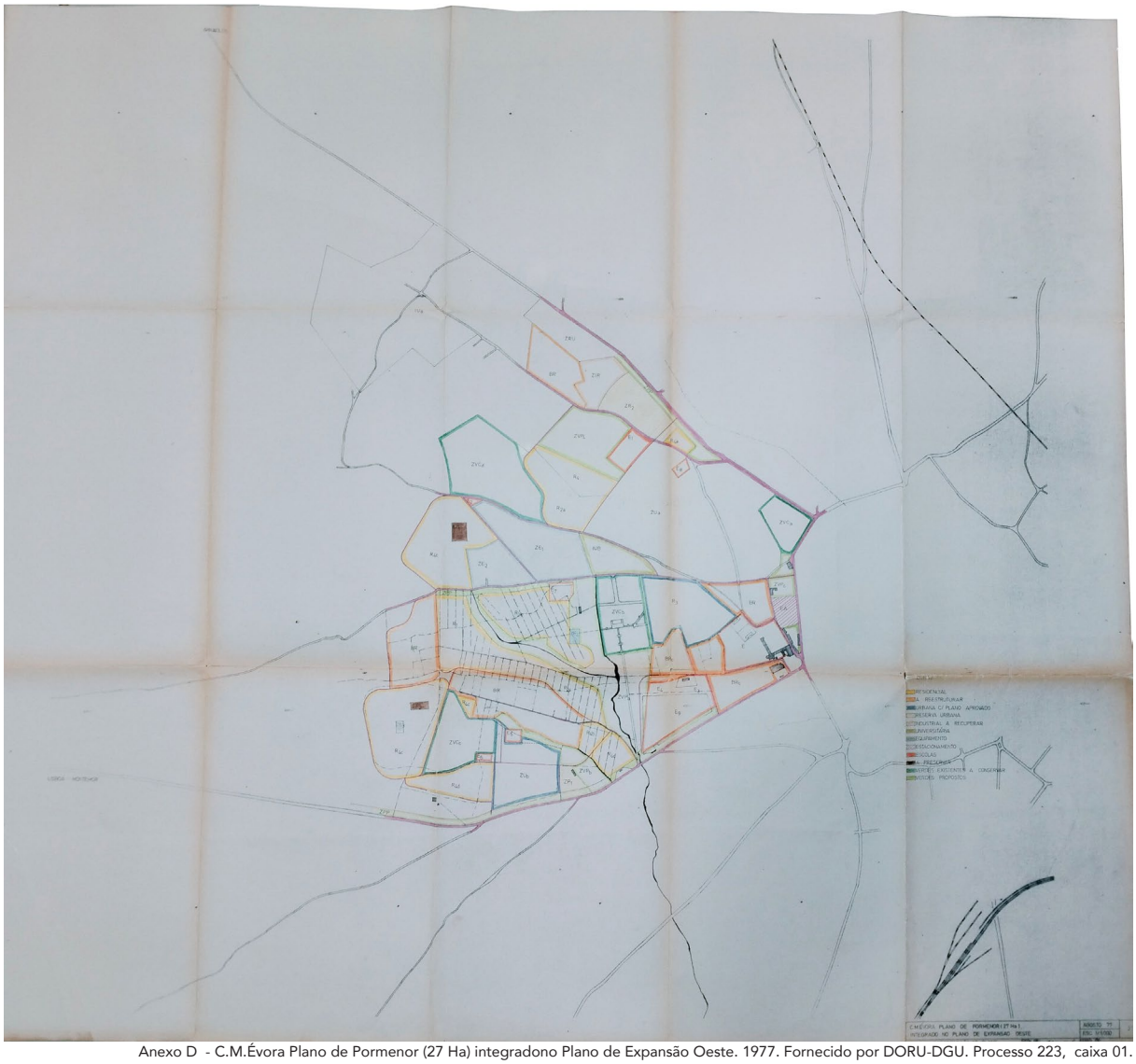
SOUSA, Ludovico. (2016). Um Retrato do Bairro da Malagueira. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Universidade de Évora. Disponível em WWW: <http://rdpc.uevora.pt/handle/10174/21553?mode=-full> [Consultado em outubro de 2022]

VI. Anexos

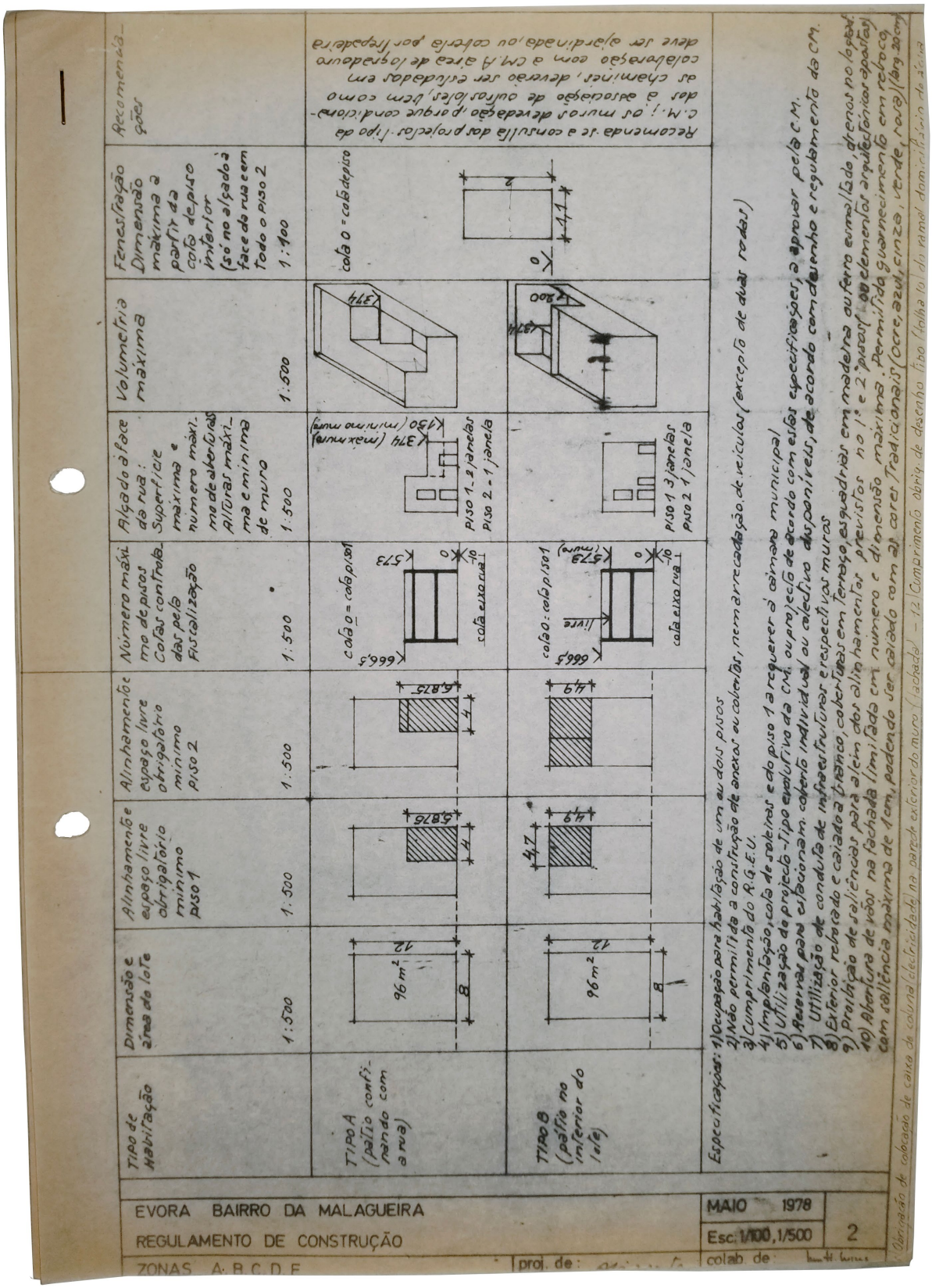
Anexo A - C.M.Évora Plano de Pormenor (27 Ha) integradono Plano de Expansão Oeste. 1977. Fornecido por DORU-DGU. Processo 223, caixa 01.

Anexo B - C.M.Évora Plano de Pormenor (27 Ha) integradono Plano de Expansão Oeste. 1977. Fornecido por DORU-DGU. Processo 223, caixa 01.

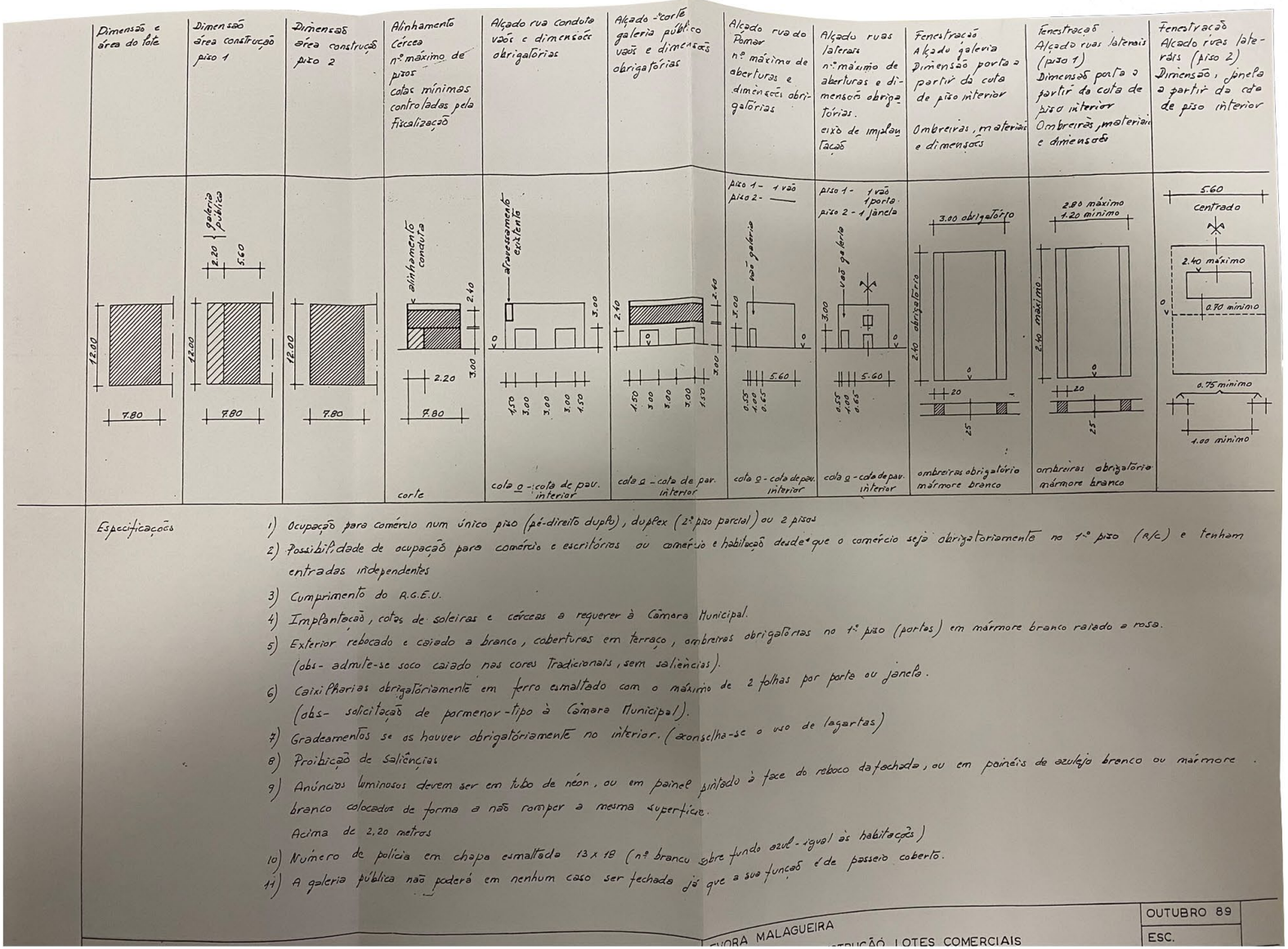
Anexo C - C.M.Évora Plano de Pormenor (27 Ha) integradono Plano de Expansão Oeste. 1977. Fornecido por DORU-DGU. Processo 223, caixa 01.



Anexo D - C.M.Évora Plano de Pormenor (27 Ha) integradono Plano de Expansão Oeste. 1977. Fornecido por DORU-DGU. Processo 223, caixa 01.



Anexo E - Évora, Bairro da Malagueira, Regulamento de Construção. 1978. Fornecido por DORU-DGU. Processo 223, caixa 01.



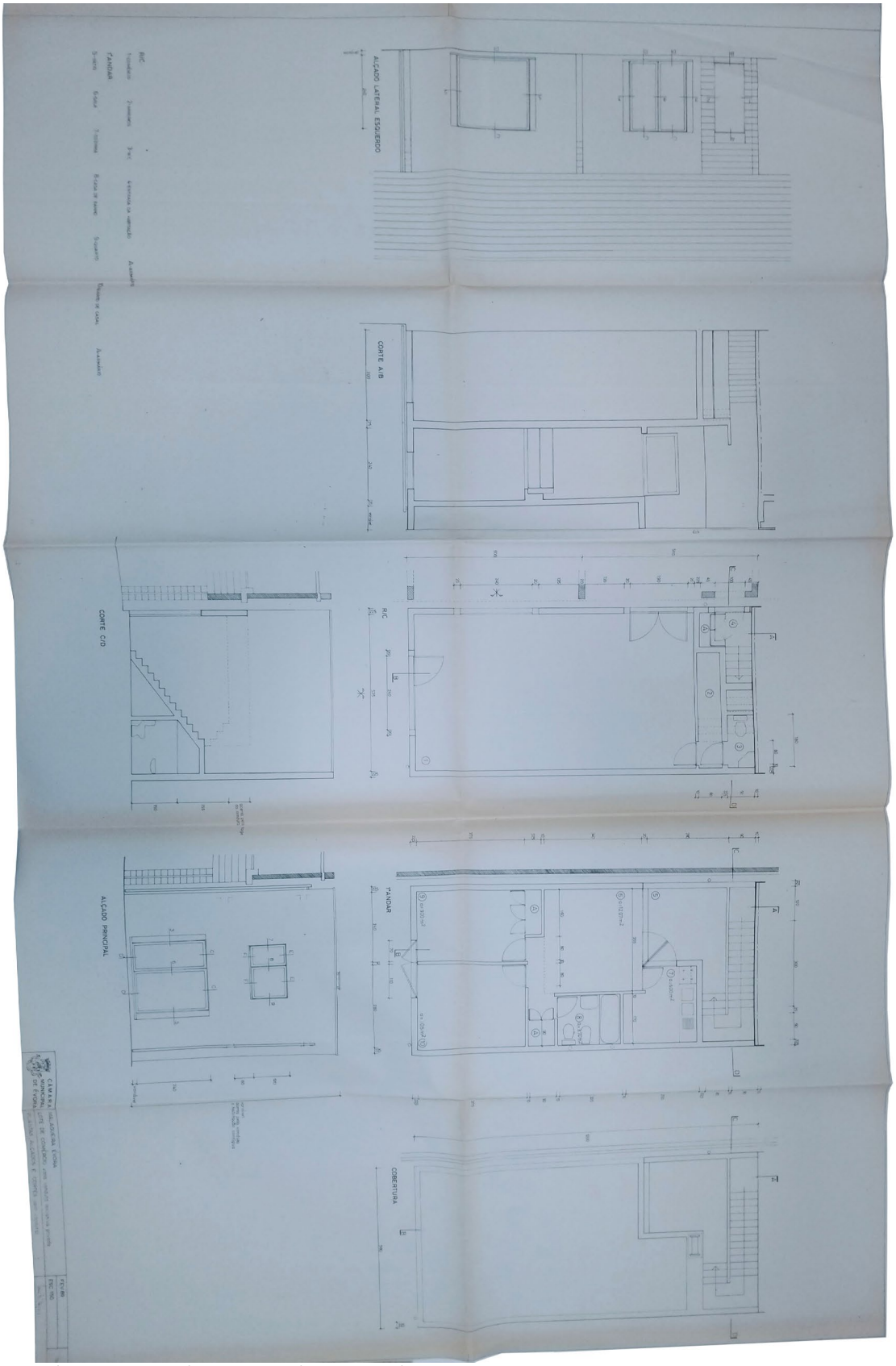
Especificações

1) Ocupação para comércio num único piso (pé-direito duplo), duplex (2º piso parcial) ou 2 pisos
2) Possibilidade de ocupação para comércio e escritórios ou comércio e habitação desde que o comércio seja obrigatoriamente no 1º piso (R/C) e tenham entradas independentes
3) Cumprimento do R.G.E.U.
4) Implantação, cotas de soleiras e cérceas a requerer à Câmara Municipal.
5) Exterior rebocado e caiado a branco, coberturas em terraço, ombreiras obrigatórias no 1º piso (portas) em mármore branco rajado e rosa. (obs- admite-se soco caiado nas cores tradicionais, sem saliências).
6) Caixilharias obrigatoriamente em ferro esmaltado com o máximo de 2 folhas por porta ou janela. (obs- solicitação de pormenor-tipo à Câmara Municipal).
7) Gradeamentos se os houver obrigatoriamente no interior. (aconselha-se o uso de lagartas)
8) Proibição de saliências
9) Anúncios luminosos devem ser em tubo de néon, ou em painel pintado à face do reboco da fachada, ou em painéis de azulejo branco ou mármore branco colocados de forma a não romper a mesma superfície.
   Acima de 2,20 metros
10) Número de polícia em chapa esmaltada 13 x 18 (nº branco sobre fundo azul - igual às habitações)
11) A galeria pública não poderá em nenhum caso ser fechada já que a sua função é de passeio coberto.

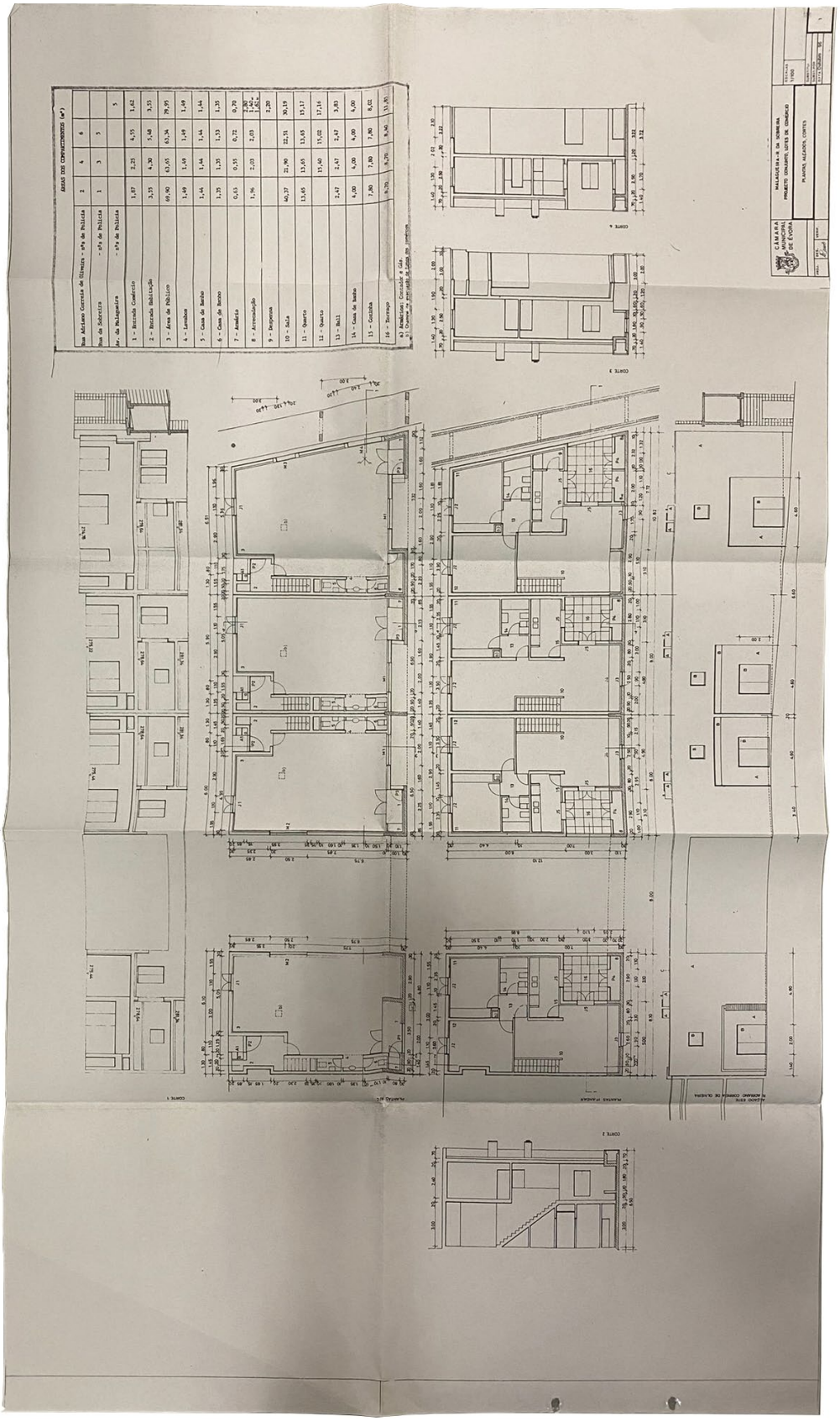
ÉVORA MALAGUEIRA
...TRUÇÃO LOTES COMERCIAIS

OUTUBRO 89
ESC.

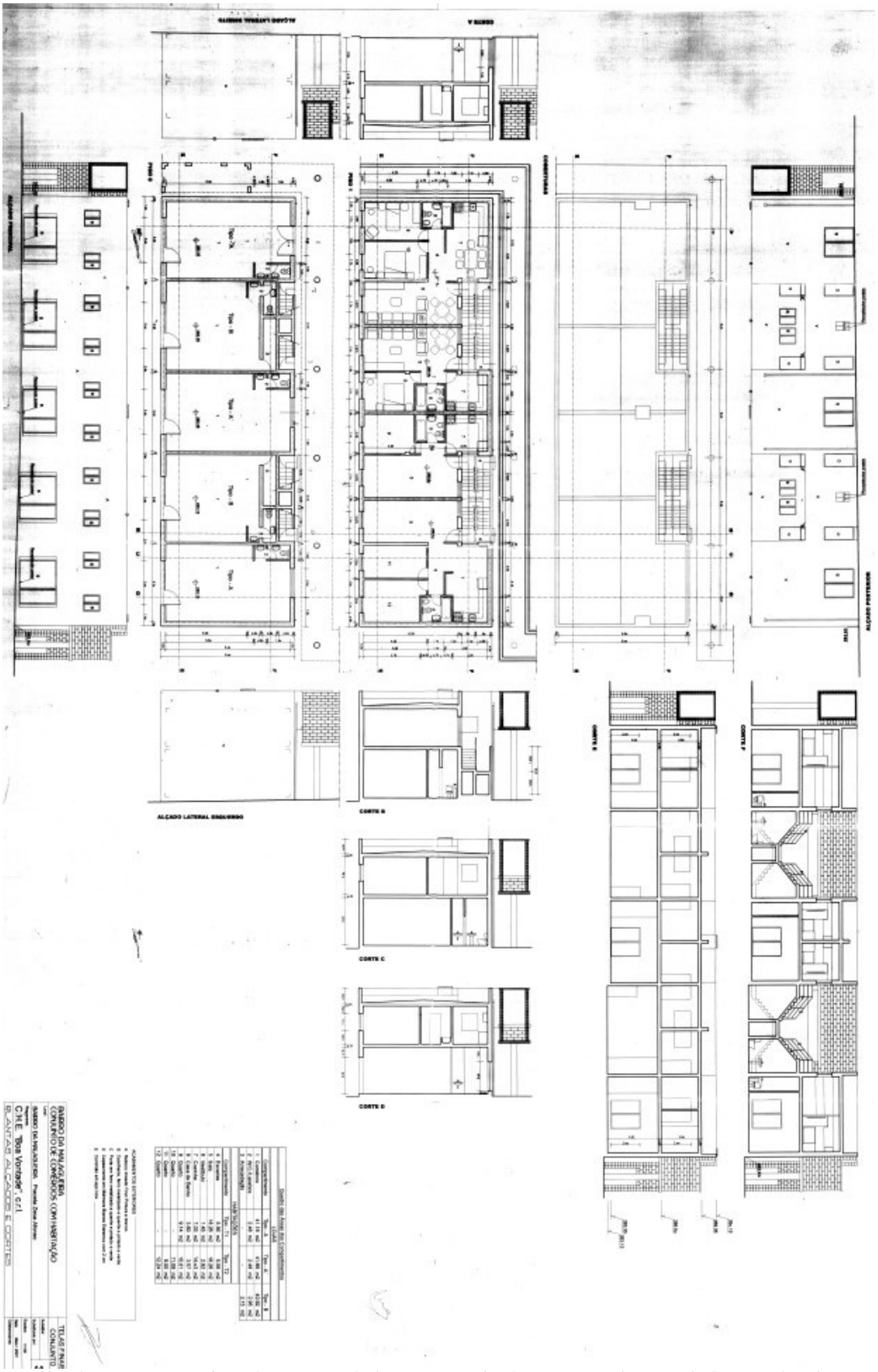
Anexo F - Évora, Bairro da Malagueira, Regulamento de Construção dos lotes comerciais. 1989. Fornecido por DORU-DGU. Processo 223, caixa 01.



Anexo G - Lote de comércio, zona conduta iniciativa privada. 1989. Fornecido por DORU-DGU. Processo 270, caixa 01.



Anexo H - Rua da Sobreira, Projeto conjunto, Lotes de comércio. 1996. Fornecido por DORU-DGU. Processo 223, caixa 07.



Anexo I - Bairro da Malagueira, Praça Zeca Afonso: Plantas, cortes e alçados. 2001. Fornecido pelo Departamento de Projetos de obras particulares da Câmara Municipal de Évora.

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
2023

Reabilitação do Bairro da Malagueira
Novas habitações nos lotes vazios

Ana Raquel Henriques

Orientador:
Doutora Soraya de Fátima Mira Godinho Monteiro Genin, Professora Auxiliar, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Co-Orientador:
Doutor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Trabalho de Projeto Final de Arquitetura.

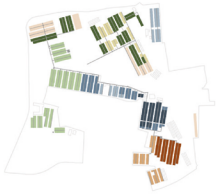
68 Gato no pátio de uma casa da Malagueira. 2023. Fotografia da autora.

Componente Gráfica

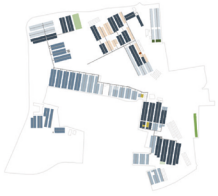
Reabilitação do Bairro da Malagueira:
Novas habitações nos lotes vazios

Projeto Final de Arquitetura
2023

01



02



03

04

05

01 Plano do Pormenor
- Habitação
- Comércio e Equipamentos

(com base em Siza Vieira, 1977)

02 Mapa dos Financiamentos
- Cooperativa da Boa Vontade - 1ª fase (1978)
- Cooperativa da Boa Vontade - 1ª fase (1980)
- Cooperativa da Boa Vontade - 1ª fase (1980)
- Cooperativa Giraldo sem Pavor - 1ª fase (1979)
- Cooperativa Giraldo sem Pavor - 2ª fase (1980-1986)
- Cooperativa Giraldo sem Pavor - 3ª fase (1987-1998)
- Público (FFH) - 1ª fase (1981)
- Público (FFH) - 2ª fase (1981)
- Privado (1978-2003)

03 Mapa dos Subtipos
- Ab
- Ac
- Bb
- C
- D1
- E
- F
- W
- X
- U
- Vários subtipos

04 Mapa dos das Variações
- T2
- T3
- T4
- T5

(com base em José Pinto Duarte. 2001)

05 Mapa do comércio transformado em habitação

06 Mapa dos lotes vazios
- Condutor
- Proposta da grande escala
- Proposta da pequena escala

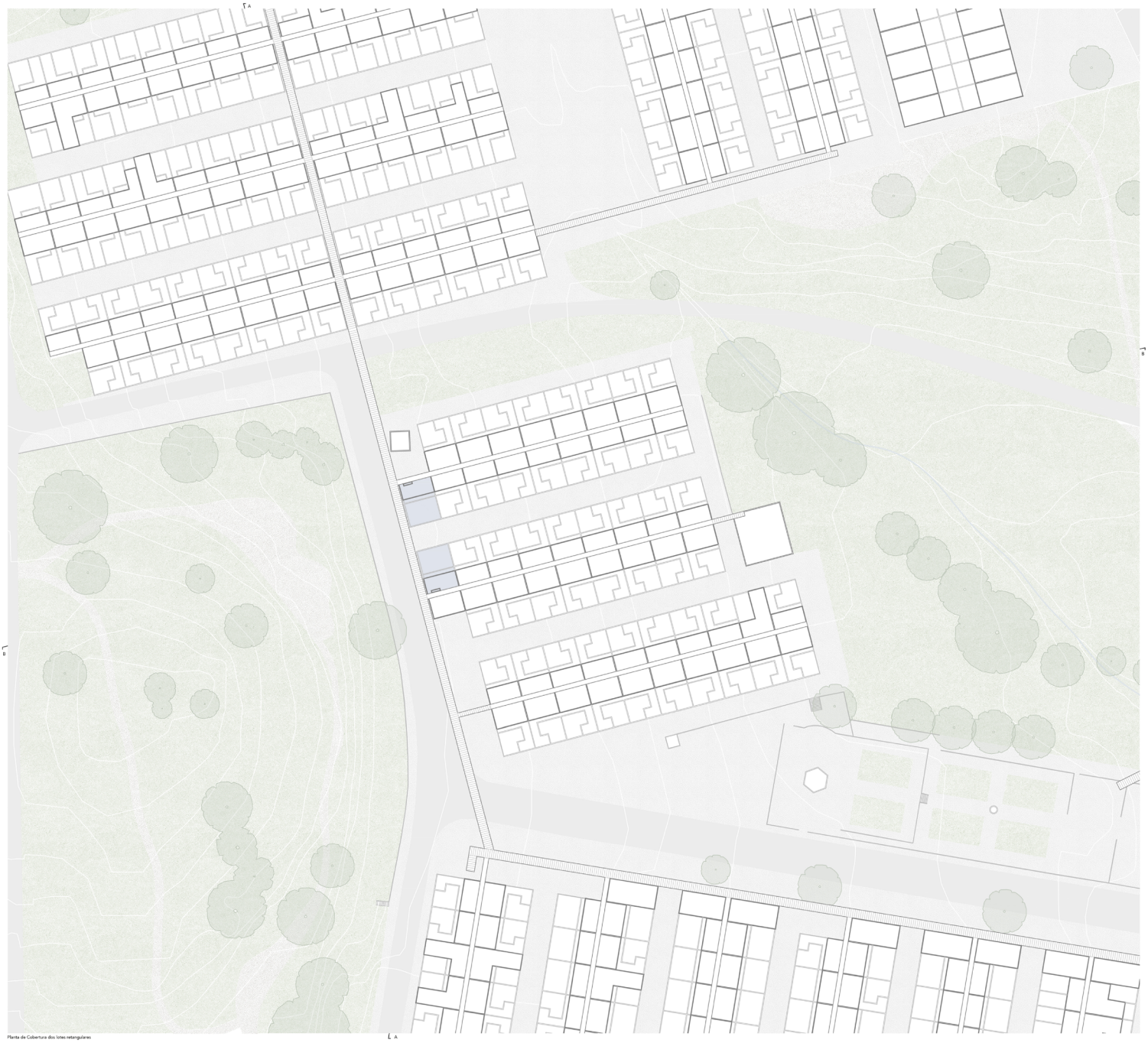
04

1:12500 | 1:2500

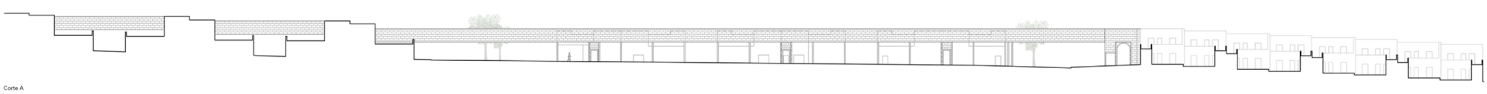
Ana Raquel Henriques

Reabilitação do Bairro da Malagueira:
Novas habitações nos lotes vazios

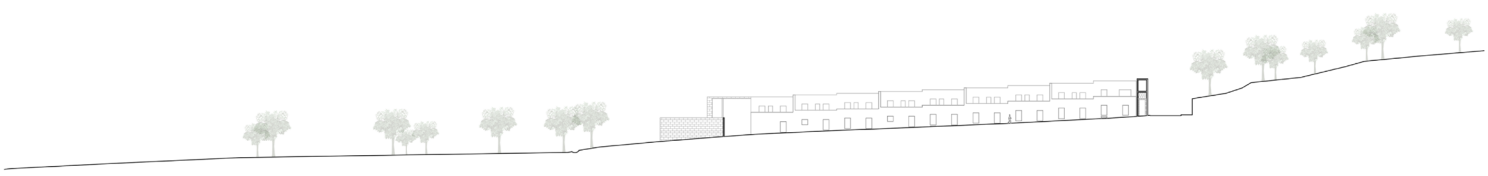
Projeto Final de Arquitetura
2023



Planta de Cobertura dos lotes retangulares



Corte A



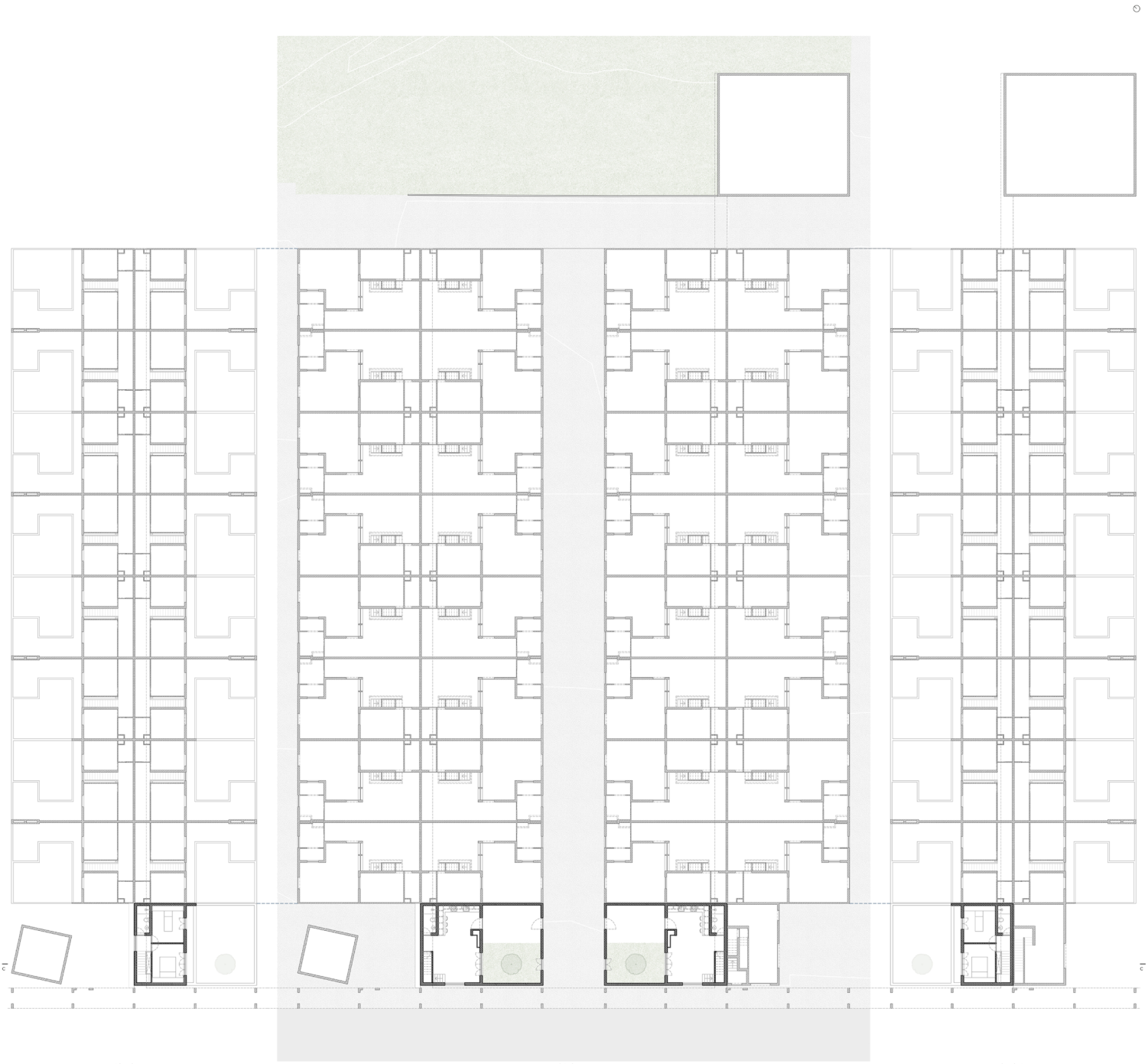
Corte B

1:500

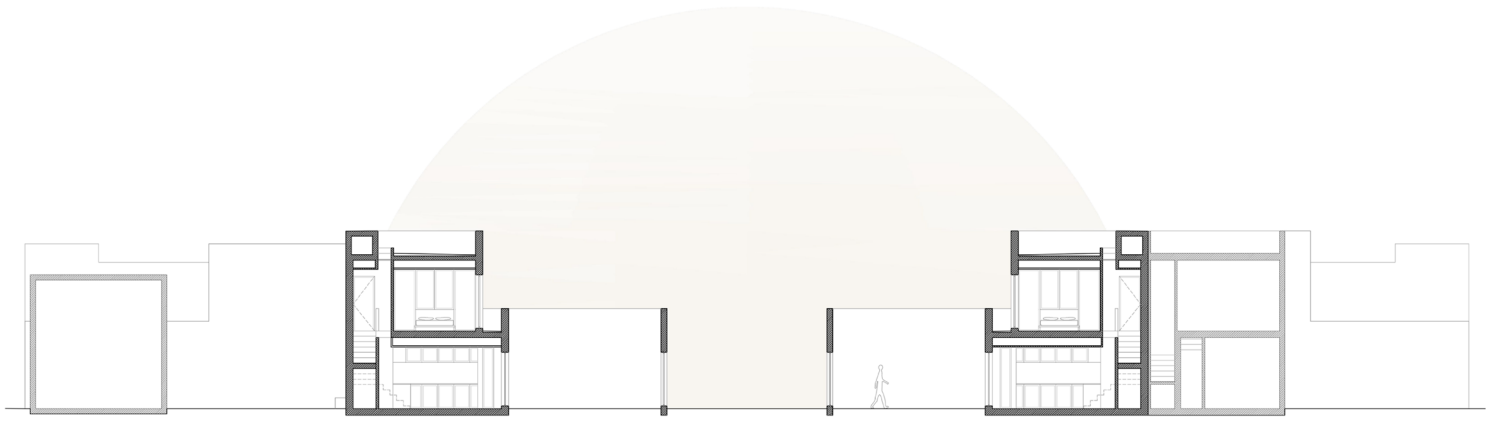
Ana Raquel Henriques

Reabilitação do Bairro da Malagueira:
Novas habitações nos lotes vazios

Projeto Final de Arquitetura
2023



Planta do piso 1 | Planta do piso 0 | Planta do piso 1



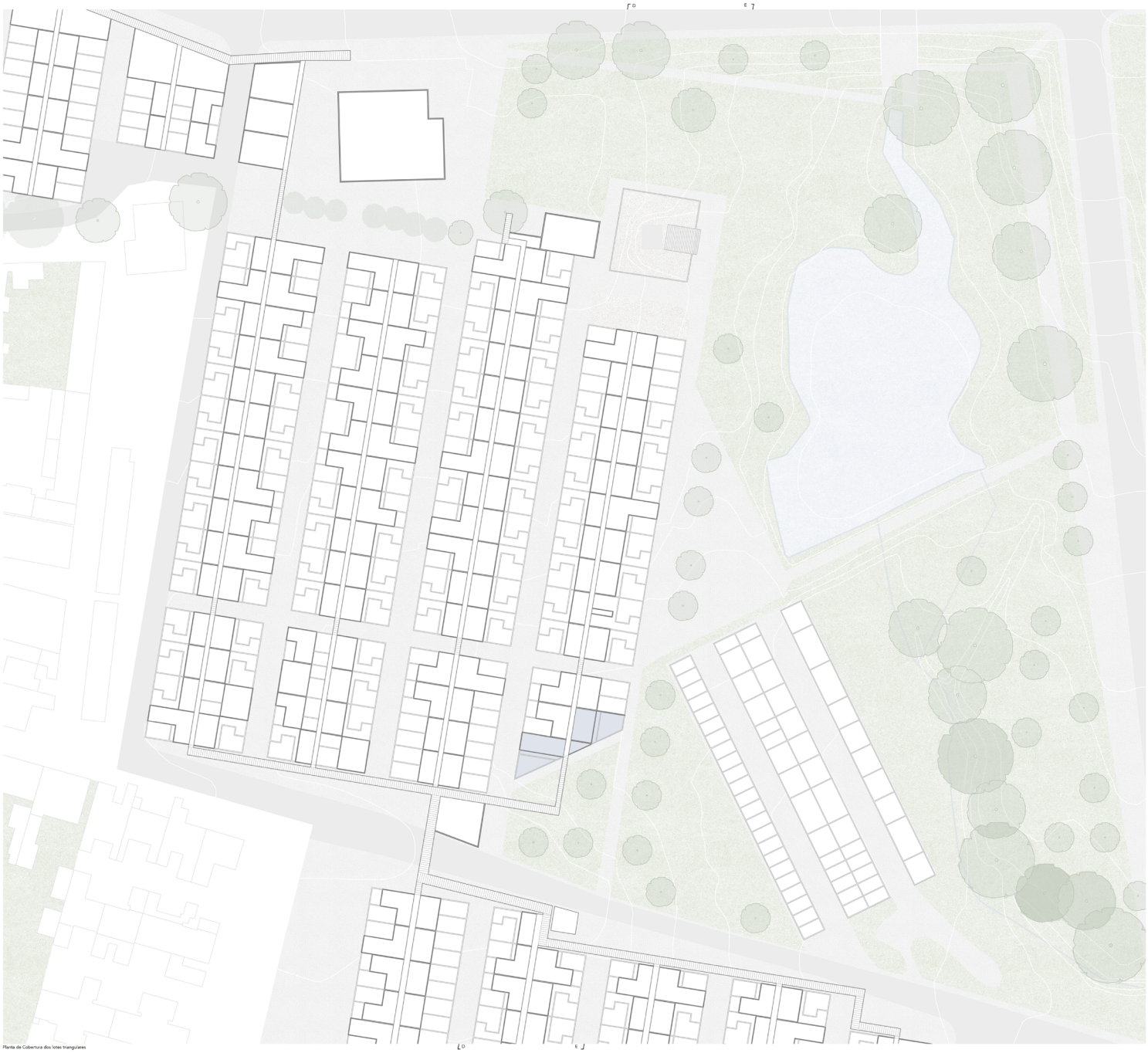
Corte C

1:200 | 1:100

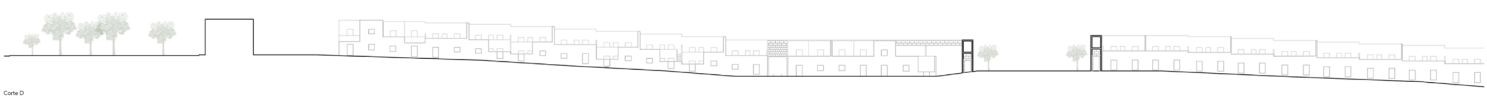
Ana Raquel Henriques

Reabilitação do Bairro da Malagueira:
Novas habitações nos lotes vazios

Projeto Final de Arquitetura
2023



Planta de Cobertura dos lotes triangulares



Corte D

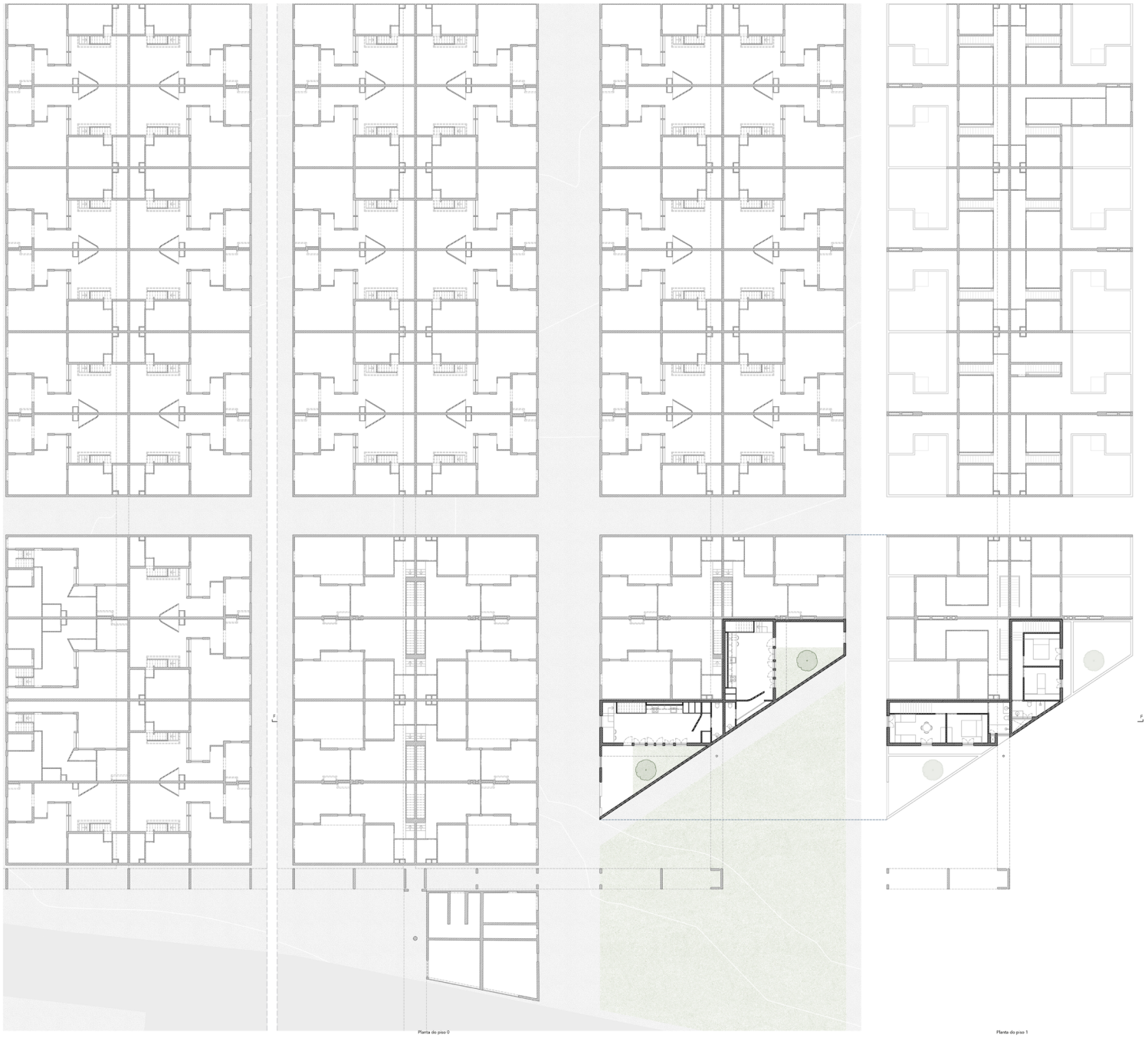
Corte E

1:500

Ana Raquel Henriques

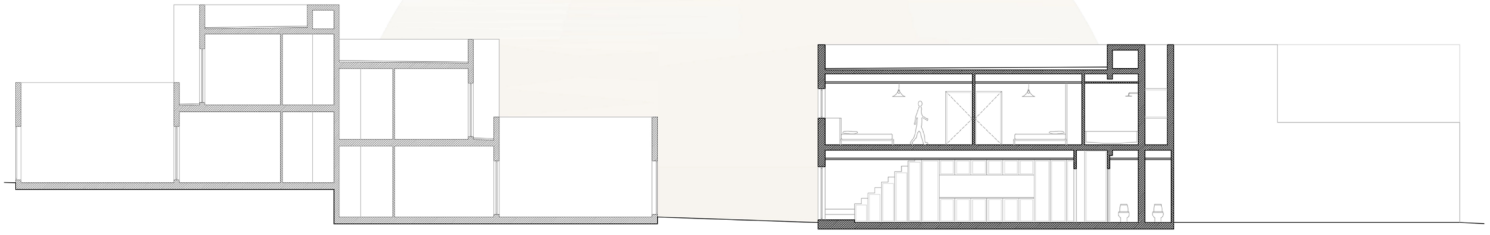
Reabilitação do Bairro da Malagueira:
Novas habitações nos lotes vazios

Projeto Final de Arquitetura
2023



Planta do piso 0

Planta do piso 1



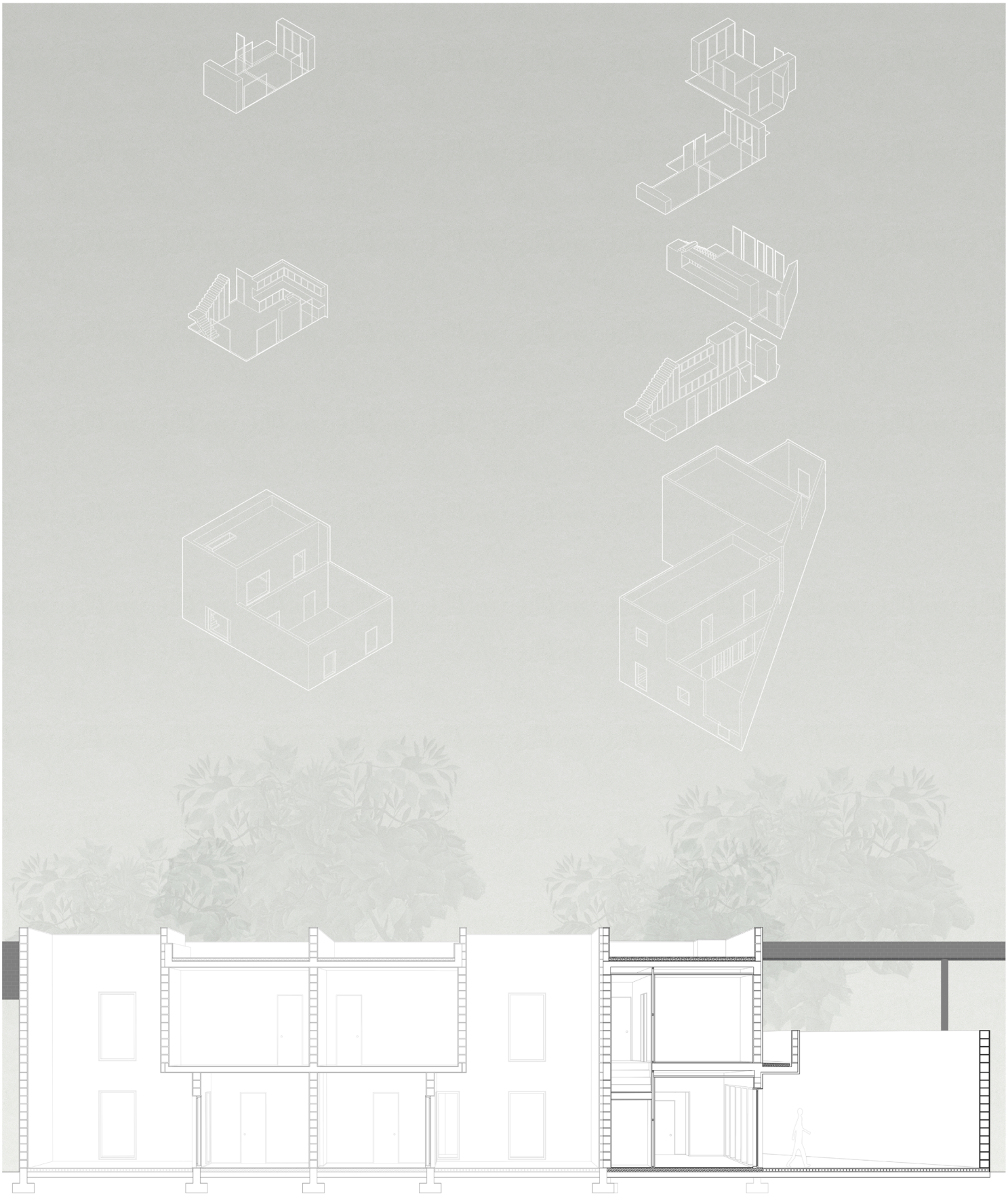
Corte F

1:200 | 1:100

Ana Raquel Henriques

Reabilitação do Bairro da Malagueira:
Novas habitações nos lotes vazios

Projeto Final de Arquitetura
2023



Axonometria dos elementos de madeira do projeto da pequena escala

Corte construtivo - esquerda: projeto do bairro; direita: trabalho de projeto
1. Seixo rolado
2. Betão leve com agregados de argila expandida
3. Placa de cortiça
4. Chapa de fibrocimento
5. Blocos de betão leve com agregados de argila expandida

○ ○ ○ ○ ○ ●

1:150 | 1:50

Ana Raquel Henriques